UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

ATITUDES NEGATIVAS FRENTE A VÍTIMAS DE ESTUPRO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ATRIBUIÇÃO DE CAUSA E CULPA

FRANCICLÉIA LOPES SILVA

João Pessoa – PB
Março de 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

ATITUDES NEGATIVAS FRENTE A VÍTIMAS DE ESTUPRO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ATRIBUIÇÃO DE CAUSA E CULPA

Francicléia Lopes Silva, *Mestranda*
Valdiney Veloso Gouveia, *Orientador*

João Pessoa,
Março de 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

ATITUDES NEGATIVAS FRENTE A VÍTIMAS DE ESTUPRO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ATRIBUIÇÃO DE CAUSA E CULPA NO ESTUPRO

Francicléia Lopes Silva

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (Mestrado), da Universidade Federal da Paraíba, como requisito final para a obtenção do grau de *Mestre* em Psicologia Social.

João Pessoa,

Março de 2020

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586a Silva, Francicléia Lopes.
Atitudes negativas frente a vítimas de estupro: considerações acerca da atribuição de causa e culpa / Francicléia Lopes Silva. - João Pessoa, 2020.
137 f. : il.

Orientação: Valdiney Veloso Gouveia.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Estupro - Vítimas. 2. Violência sexual. 3. Psicologia social. 4. Culpabilização da vítima. I. Gouveia, Valdiney Veloso. II. Título.

UFPB/CCHLA CDU 343.541

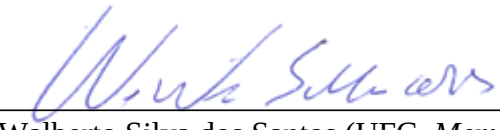
Elaborado por MARILIA RIANNY PEREIRA COSMOS - CRB-0862

ATITUDES NEGATIVAS FRENTE A VÍTIMAS DE ESTUPRO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ATRIBUIÇÃO DE CAUSA E CULPA NO ESTUPRO

Francicléia Lopes Silva

Banca Avaliadora

Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia (UFPB, *Orientador*)



Prof. Dr. Walberto Silva dos Santos (UFC, *Membro Externo*)

Prof. Dr. Roosevelt Vilar Lobo de Souza (FIP, *Membro Externo*)

Prof. Dr. Cícero Roberto Pereira (UFPB, *Membro Interno*)

João Pessoa – PB
Março de 2020

Dedico esta dissertação as minhas famílias Lopes e Silva, dos sítios Riacho Fundo e Torrões do sertão paraibano, e reitero o enorme prazer de ser a primeira mestra dessas duas famílias.

Prepare o seu coração pras coisas que eu vou contar
Eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão e posso não lhe agradar
Aprendi a dizer não, ver a morte sem chorar
E a morte, o destino, tudo, a morte o destino, tudo(...)

Disparada - Zé Ramalho.

AGRADECIMENTOS

Como um bom clichê de agradecimentos de trabalho de conclusão inicio o meu agradecendo aos deuses, aos que eu creio, aos que você crer e até os que não cremos, mas gostaria de expor a gratidão que tenho ao universo e as forças superiores a mim pela realização de um dos meus maiores sonhos.

-

Antes de dar continuidade aos agradecimentos especiais, sinto a necessidade de reforçar meu obrigada ao episódio que me instigou a chegar onde estou. Me recordo com clareza do dia em que foi exibido o filme “A pele que habito” durante uma aula de ética, em que a cena de estupro que se passa em um determinado momento do filme foi recebida com gargalhadas pelos meus colegas da época, alunos e alunas de psicologia. A sensação era estranha, não sabia explicar, e por não saber explicar eu decidi buscar respostas. Desde aquele dia me dedico a pesquisar o que justifica pessoas “rirem” de mulheres em situações de violência, em especial o estupro. Dessa forma, obrigada as risadas que me inquietaram, me incomodaram e me desconfortaram, foram graças a elas que estou aqui!

-

Agradeço a minha mãe Ivonete e ao meu pai Francisco das Chagas pela confiança e força depositada nas decisões que faço da vida. Agradeço a eles por estarem ao meu lado mesmo pela distância de quase 400km, quero que saibam que a cada passo que eu dou eu penso em como vocês dois irão se sentir. Me recordo de tudo que viveram para chegarem até aqui e a cada dia me esforço para que sintam orgulho de uma das pessoas que colocaram no mundo. Eu os amo.

Agradeço também ao meu irmão Bruno, por poder contar com alguém tão grande e inteligente perto de mim, que me apoia e que ao mesmo tempo me dá carões, por sair comigo pra tomar umas cervejas em Coremas toda vez que eu digo “bora?”, por confiar em mim. Somos cumplices pois você sabe de tudo sobre quem sou e eu sobre quem você é. Por mais que você não consiga dizer que me ama, desde o dia da oficina de desenho da faculdade que você fez uma arte e se emocionou ao se recordar de mim, eu sei que isso é amar, e eu também te amo.

Agradeço a Karol Amorim, por ser a melhor amiga que eu pude ter na vida, por estar do meu lado desde o primeiro período do curso de psicologia, agora no mestrado e adiante no doutorado. Agradeço a ti por ser “mais” do que a academia pode oferecer a uma pessoa. Nós compartilhamos de dores, alegrias, tristezas, companheirismo e umas boas cervejas. Saiba que você é a minha família em João Pessoa, minha irmã, minha duplinha, e que assim como eu sei que posso contar com você em todos os lugares, você também pode contar comigo. Eu te amo.

Obrigada Anderson Klisnmann, por não ter nunca esquecido da nossa amizade e por estar quase todas as tardes comigo na varanda do meu apartamento com minhas plantinhas, gargalhando ou chorando sobre a vida. Obrigada por estar sempre comigo quando eu preciso e não preciso, só por estar, obrigada. Você vai ser sempre meu gordinho, mesmo sendo magrinho! Será sempre um dos melhores abraços que posso sentir, eu te amo meu modelo FIP.

Agradeço a Irles Verety e Kaique Pereira por serem meu trio coremence favorito, por fazerem parte de grandes e boas recordações da minha vida. Obrigada Irles por ser minha amiga a mais de 18 anos, a rosa que carregamos juntas tem um simbolismo muito grandioso pra mim, me recordo das melhores lembranças da minha infância, e nunca esqueço que tenho a você, eu te amo. Kaique é meu pisciano favorito,

temos muito em comum e também não temos, eu sempre me lembro de quando saíamos pra comer hamburguer e discutir sobre questionamentos filosóficos e como a vida é superficial e breve, mas saiba que apesar da efemeridade que é viver, eu sou grata por poder ter fragmentos desse viver com você, te amo.

Obrigada Camila Freitas por fazer parte da minha vida, por compartilhar de sua companhia durante um mês no meu apêzinho, e se tornar uma pessoa imensamente importante na minha vida. Você sempre me diz o quanto eu te inspiro, saiba que esse sentimento é recíproco e espero me equiparar a você na força que tu tens. Não quero te perder nunca na vida, eu amo você.

Não posso deixar de dar obrigada a meu "coorientador" Alessandro Teixeira que foi uma figura muito importante de apoio a mim para ingressar no mestrado e me inserir no BNCS, sempre esteve disponível quando eu pedia socorro com minha dissertação, mesmo não podendo estar disponível, você sempre dava um jeito, obrigada por confiar no meu potencial e acreditar em mim, eu te amo.

Agradeço de coração por ter conhecido você Bárbara Cunha, e ter se tornado uma grande amiga, companheira, cumplice. Obrigada por estar ao meu lado em memórias felizes e inesquecíveis, por ser minha parceira na hora de trabalhar, na hora de festejar, ou até mesmo na hora de chorar... Eu amo você.

Agradeço imensamente a meu orientador Valdiney Gouveia, que desde o primeiro dia em que nos conhecemos foi receptivo e deixou claro seu apoio a mim e a meus sonhos, obrigada por me acolher em João Pessoa, por me acolher na pós-graduação, por me acolher na pesquisa!

Gostaria de agradecer aos meus amigos da pós-graduação, Marilia Pereira, Giulliany Feitosa, Camilla Figueiredo, Italo Guedes, Albert Freitas, Kaline Lima, Edna

Silva, Tátila Brito, Amanda Sousa e Alysson Dantas, que estiveram ao meu lado em momentos importantes durante essa jornada. Obrigada aos meus amigos do BNCS, Aline Almeida, Olindina Fernandes, Bianca Campos, Diego Loureto, Thiago Cavalcante, Gabriela Ribeiro, Jéssyca Nunes, Naila Araújo, Flávia Silva e Anderson Mesquita. Gostaria de agradecer ainda a meus amigos da graduação que vibraram e vibram comigo a cada conquista, Thais Wanderley, Bruna Drielle e meu ex professor e grande amigo Pierre Gonçalves. Obrigada também aos meus amigos da escola que estão comigo até hoje, Jardel Alexandrino, Isabele Keyla e Lucas Luan.

Agradeço imensamente aos meus avaliadores Cícero Pereira, Walberto Santos e Rooselvet Souza por aceitarem o convite e se disponibilizarem a ler meu trabalho. Obrigada a Cícero que acompanha meu trabalho desde o primeiro dia de aula da pós-graduação, acompanhando meu crescimento enquanto pesquisadora e me deu apoio durante a jornada acadêmica com suas colaborações, fico grata de poder contar com o senhor mais uma vez para a desenvolvimento de um bom trabalho. Agradeço a Walberto que se disponibilizou a vir do Ceará, afim de colaborar com o aprimoramento do meu trabalho, é um imenso prazer contar com o senhor nesse momento tão importante da minha vida. Obrigada Roosevelt pela disponibilidade e por compartilhar do seu conhecimento, você é uma inspiração enquanto pesquisador!

Por fim, agradeço a mim. Traçar um mestrado é uma caminhada que aparenta ser curta, entretanto tem suas farpas. Existem momento que você simplesmente chora, sem saber ao certo o motivo, será a distância de casa? Será a revista que demora mais de um ano pra responder a avaliação daquele artigo? Será o comitê de ética? Será nosso orientador que não nos responde (deixo claro que nunca passei por isso *risos*)? Será a saudade dos amigos? A falta de um companheiro? A *solidão* acadêmica? A gente não sabe responder, mas põe pra fora. Obrigada a mim por não desisti mesmo em meio a

tantas dúvidas e questionamentos. No fim sempre sabemos o que queremos, e é aqui que quero estar.

ATITUDES NEGATIVAS FRENTE A VÍTIMAS DE ESTUPRO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ATRIBUIÇÃO DE CAUSA E CULPA NO ESTUPRO

Resumo. Esta dissertação objetivou verificar quais aspectos minimizam a percepção de culpa do agressor no estupro, admitindo a orientação a dominância social e os valores humanos como preditores. Neste sentido, dois artigos foram realizados. O *Artigo 1* Objetivou reunir evidências psicométricas da adaptação da *Escala de Percepção de Causa do Estupro*. Este artigo foi dividido em dois estudos, o primeiro contou a participação de 220 universitários da cidade de João Pessoa – PB, de ambos os sexos (64,5% do sexo feminino), com idade média de 23,48 anos (*DP* = 7,56; amplitude de 18 a 63 anos). Estes responderam, além de perguntas sociodemográficas, a versão brasileira da medida de percepção de causa do estupro, já no segundo estudo a amostra foi composta por 203 universitários de ambos os sexos (54,2% do sexo feminino), com idade média de 21,45 anos (*DP* = 5,17; amplitude de 18 a 51 anos), que responderam a versão brasileira do instrumento e a medida de *Atitudes Frente a Vítimas de Estupro (EAVE)*. As análises corroboraram a estrutura fatorial de 5 componentes como sugere a versão original do instrumento, estes componentes são organizados em estilos de ordem individuais: *Culpabilização da Vítima (*α=0,86), *Sexualidade Masculina (*α=0,84) e *Hostilidade Masculina (*α = 0,70); e estilos sociais: *Dominação Masculina (*α=0,92) e *Sociedade / Socialização (*α= 0,86). Por fim, a análise confirmatória do segundo estudo corrobora a estrutura pentafatorial do instrumento (e.g., $\chi 2/gl = 2,00$, GFI = 0,81, AGFI = 0,78, CFI = 0,88, RMSEA = 0,07 (IC90% = 0,062-0,078), ECVI = 3,47 e CAIC = 969,427) e de sua validade convergente com a escala EAVE. O *Artigo 2*, trata-se de um estudo de caráter quase-experimental, 2x2 e teve como objetivo analisar a influência dos valores humanos normativos e da orientação a dominância social na percepção de causa do estupro em atitudes negativas frente as vítimas. Participaram deste estudo 369 estudantes universitários de uma instituição pública de João Pessoa - PB. Estes tinham idade média de 21, 32 anos (*DP* = 4,53; amplitude de 18 a 49 anos), sendo a maioria do sexo masculino (52,9%), que responderam a questões sociodemográficas e as medidas: *Escala de Percepção de Causa do Estupro (EPCE), Escala de Atitudes Frente a Vítimas de Estupro (EAVE), Questionário de Valores Básicos(QVB), Escala de Orientação a Dominância Social SDO,* e além dos instrumentos supracitados, foi utilizado um cenário experimental onde foram manipulados a etnia da vítima e o contexto em que levava a vítima a situação que ocorria a violência. Os resultados corroboram aos encontrados na literatura existente, os homens continuam sendo aqueles que apresentam maiores atitudes negativas frente a vítimas de estupro; pessoas que se identificam com o movimento feminista tendem a endossar menos apoio a atitudes negativas frente a vítimas de estupro, pode-se verificar ainda que vítimas negras são mais culpabilizadas pela violência que sofrem; podendo aferir que a orientação a dominância social assim como os valores normativos são preditores das atitudes frente a vítimas de estupro, sendo a percepção de causa do estupro de ordem social um mediador na diminuição de culpabilização da vítima de estupro (e.g., coeficiente = 0,0294, SE = 0,0091, IC90% = 0,0130 até 0,0492). Desta forma, estima-se que os objetivos propostos foram alcançados.

Palavras-chave: Atitudes, vítimas de estupro, valores humanos, orientação a dominância social.

NEGATIVE ATTITUDES TOWARDS RAPE VICTIMS: CONSIDERATIONS ABOUT THE ATTRIBUTION OF CAUSE AND GUILTY IN RAPE

Abstract. This dissertation aimed to verify which aspects minimize the aggressor's perception of guilt in rape, admitting the orientation to social dominance and human values as predictors. In this sense, two articles were made. Article 1 aimed to gather psychometric evidence of the adaptation of the Rape Cause Perception Scale. This article was divided into two studies, the first counting the participation of 220 university students from the city of João Pessoa - PB, of both sexes (64.5% female), with an average age of 23.48 years (SD = 7, 56; range from 18 to 63 years). These answered, in addition to sociodemographic questions, the Brazilian version of the measure of perception of the cause of rape, in the second study, the sample consisted of 203 university students of both sexes (54.2% female), with an average age of 21 , 45 years old (SD = 5.17; range from 18 to 51 years old), who answered the Brazilian version of the instrument and the measure of Attitudes towards Rape Victims (EAVE). The analyzes corroborated the factorial structure of 5 components as suggested by the original version of the instrument, these components are organized in individual order styles: Blaming the Victim (α = 0.86), Male Sexuality (α = 0.84) and Male Hostility (α = 0.70); and social styles: Male Domination (α = 0.92) and Society / Socialization (α = 0.86). Finally, the confirmatory analysis of the second study corroborates the instrument's pentafactorial structure (eg, $\chi 2$ / gl = 2.00, GFI = 0.81, AGFI = 0.78, CFI = 0.88, RMSEA = 0.07 (CI90% = 0.062-0.078), ECVI = 3.47 and CAIC = 969.427) and its convergent validity with the EAVE scale. Article 2 is a study of a quasi-experimental character, 2x2 and aimed to analyze the influence of normative human values and the orientation to social dominance in the perception of the cause of rape in negative attitudes towards victims. 369 university students from a public institution in João Pessoa - PB participated in this study. These had a mean age of 21, 32 years (SD = 4.53; range of 18 to 49 years), the majority being male (52.9%), who answered sociodemographic questions and the measures: Scale of Perception of Rape Cause (EPCE), Attitude Scale Against Rape Victims (EAVE), Basic Values Questionnaire (QVB), SDO Social Dominance Orientation Scale, and in addition to the aforementioned instruments, an experimental scenario was used where the the victim's ethnicity and the context in which the victim took the situation that the violence occurred. The results corroborate those found in the existing literature, men continue to be those who show greater negative attitudes towards victims of rape; people who identify with the feminist movement tend to endorse less support for negative attitudes towards victims of rape, it can also be seen that black victims are more to blame for the violence they suffer; being able to verify that the orientation to social dominance as well as the normative values are predictors of the attitudes towards victims of rape, being the perception of cause of social rape a mediator in the reduction of blame for the rape victim (eg, coefficient = 0, 0294, SE = 0.0091, CI90% = 0.0130 to 0.0492). Thus, it is estimated that the proposed objectives have been achieved.

Keyword: Attitudes, rape victims, human values, orientation to social dominance.

ACTITUDES NEGATIVAS FRENTE A LAS VÍCTIMAS DE LA VIOLACIÓN: CONSIDERACIONES SOBRE LA ATRIBUCIÓN DE CAUSA Y CULPA EN LA VIOLACIÓN

Resumen. Esta disertación tuvo como objetivo verificar qué aspectos minimizan la percepción de culpabilidad del agresor en la violación, admitiendo la orientación hacia el dominio social y los valores humanos como predictores. En este sentido, se hicieron dos artículos. El artículo 1 tenía como objetivo reunir evidencia psicométrica de la adaptación de la Escala de percepción de causa de violación. Este artículo se dividió en dos estudios, el primero con la participación de 220 estudiantes universitarios de la ciudad de João Pessoa - PB, de ambos sexos (64,5% mujeres), con una edad promedio de 23,48 años (DE = 7, 56; rango de 18 a 63 años). Estos respondieron, además de las preguntas sociodemográficas, la versión brasileña de la medida de percepción de la causa de la violación, en el segundo estudio, la muestra consistió en 203 estudiantes universitarios de ambos sexos (54,2% mujeres), con una edad promedio de 21 años. , De 45 años (DE = 5,17; rango de 18 a 51 años), que respondió la versión brasileña del instrumento y la medida de las actitudes hacia las víctimas de violación (EAVE). Los análisis corroboraron la estructura factorial de 5 componentes como lo sugiere la versión original del instrumento, estos componentes están organizados en estilos de orden individual: culpar a la víctima ($\alpha = 0.86$), sexualidad masculina ($\alpha = 0.84$) y hostilidad masculina ($\alpha = 0,70$); y estilos sociales: dominación masculina ($\alpha = 0,92$) y sociedad / socialización ($\alpha = 0,86$). Finalmente, el análisis confirmatorio del segundo estudio corrobora la estructura pentafactorial del instrumento (por ejemplo, $\chi 2$ / gl = 2.00, GFI = 0.81, AGFI = 0.78, CFI = 0.88, RMSEA = 0.07 (CI90% = 0.062-0.078), ECVI = 3.47 y CAIC = 969.427) y su validez convergente con la escala EAVE. El artículo 2 es un estudio de carácter cuasiexperimental, 2x2, cuyo objetivo es analizar la influencia de los valores humanos normativos y la orientación al dominio social en la percepción de la causa de la violación en las actitudes negativas hacia las víctimas. 369 estudiantes universitarios de una institución pública en João Pessoa - PB participaron en este estudio. Estos tenían una edad media de 21, 32 años (DE = 4.53; rango de 18 a 49 años), la mayoría eran hombres (52.9%), que respondieron preguntas sociodemográficas y las medidas: Escala de percepción de Causa de violación (EPCE), Escala de actitud contra víctimas de violación (EAVE), Cuestionario de valores básicos (QVB), Escala de orientación de dominancia social SDO, y además de los instrumentos mencionados anteriormente, se utilizó un escenario experimental donde el El origen étnico de la víctima y el contexto en el que la víctima tomó la situación en que ocurrió la violencia. Los resultados corroboran los que se encuentran en la literatura existente, los hombres siguen siendo los que muestran mayores actitudes negativas hacia las víctimas de violación; las personas que se identifican con el movimiento feminista tienden a respaldar menos apoyo a las actitudes negativas hacia las víctimas de violación, también se puede ver que las víctimas negras son más culpables de la violencia que sufren; pudiendo verificar que la orientación al dominio social, así como los valores normativos son predictores de las actitudes hacia las víctimas de violación, siendo la percepción de la causa de la violación social un mediador en la reducción de la culpa de la víctima de violación (por ejemplo, coeficiente = 0, 0294, SE = 0.0091, CI90% = 0.0130 a 0.0492). Por lo tanto, se estima que se han alcanzado los objetivos propuestos.

Palabras clave: actitudes, víctimas de violación, valores humanos, orientación al dominio social.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 21

Artigo 1 31

1. Introdução 33

2. Estudo 1. Adaptação da escala *The Perceived Causes of Rape (PCR)* ao contexto brasileiro. 41

2. Método 41

3.1. Participantes 41

3.2. Instrumentos 41

3.3. Procedimento 42

3.4. Análises de Dados 42

4. Resultados 43

4.1. Discussões Parciais 48

5. Estudo 2. Evidências complementares da adequação da Escala de Percepção de Causa no Estupro (EPCE). 48

6. Método 49

6.1. Participantes 49

6.2. Instrumentos 49

6.3. Procedimento 49

6.4. Análise dos dados 50

7. Resultados 51

7.1 Discussões parciais 53

8. Discussão 54

Referências 59

Artigo 2 63

1. Introdução 65

Hipótese 1 67

Hipótese 2 68

Hipótese 3 68

Hipótese 4 68

Hipótese 5 68

Hipótese 6 ..... *68*

Hipótese 7 ..... *68*

Hipótese 8 ..... *68*

Hipótese 9 ..... *68*

Hipótese 10 ..... *69*

2. Método **76**

2.1. Delineamento *76*

2.2. Participantes *76*

2.3. Instrumentos *76*

2.4. Procedimento *78*

2.5. Análise dos dados *79*

3. Resultados **80**

3.1. Diferenças para a identificação com o movimento feminista, atitudes negativas frente a vítimas de estupro, percepção de causa do estupro e orientação a dominância social de acordo com o gênero. *80*

3.2. Correlatos entre valores humanos, percepção de causa do estupro, atitudes frente a vítimas de estupro e orientação a dominância social. *82*

3.3. Regressão hierárquica para explicação de atitudes frente a vítimas de estupro. *86*

3.4. Teste de post hoc para as condições experimentais. *89*

3.5. Modelo explicativo para culpabilização da vítima de estupro. *90*

4. Discussão **91**

4.1. O gênero e a identificação com o movimento feminista na percepção de causa do estupro e atitudes negativas frente a vítimas de estupro. *92*

4.2. Correlatos entre valores humanos, percepção de causa do estupro e atitudes frente a vítimas de estupro. *95*

4.3. Efeito das condições experimentais *97*

4.4. Preditores das atitudes frente a vítimas de estupro. *99*

4.5. Modelo explicativo para atitudes negativas frente a vítimas de estupro. *101*

Referências **104**

Considerações Finais 112

Principais resultados empíricos 112

Possibilidades de aplicação..... 117

Limitações da pesquisa 118

Sugestões de estudos futuros..... 119

Referências 121

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Estrutura fatorial da escala de Percepção de Culpa no Estupro (PCR).....41

Tabela 1. Correlações entre os valores humanos e atitudes frente a vítimas de estupro e percepção de causa do estupro.....75

Tabela 2. Teste t para amostra independente para identificação com movimento feminista.....77

Tabela 3. Preditores de atitudes negativas frente a vítimas de estupro.....79

Tabela 4. Médias das diferenças entre as condições experimentais para o componente de culpabilização da vítima de estupro.....81

Tabela 5. Método de bootstrapping para a análise do efeito indireto da mediação, cujo outcome é Atitudes negativas frente a vítimas de estupro com o componente de credibilidade da vítima.....84

Tabela 6. Método de bootstrapping para a análise do efeito indireto da mediação, cujo outcome é Atitudes negativas frente a vítimas de estupro com o componente de merecimento da vítima.....84

Tabela 7. Método de bootstrapping para a análise do efeito indireto da mediação, cujo outcome é Atitudes negativas frente a vítimas de estupro com o componente de culpabilização da vítima.....85

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Gráfico de sedimentação.....40

Figura 2. Estrutura fatorial da escala de percepção de causa no estupro.....48

Figura 1. Modelo de mediação para o fator credibilidade de atitudes negativas frente a vítimas de estupro (ANFVE).....82

Figura 2. Modelo de mediação para o fator merecimento de atitudes negativas frente a vítimas de estupro (AFVE).....82

Figura 3. Modelo de mediação para o fator culpabilização da vítima de atitudes negativas frente a vítimas de estupro (ANFVE).....83

INTRODUÇÃO

A violência de gênero é um tema que toma proporções de debates públicos e atualmente é admitida como um problema de saúde pública (Alhabib, Nur, & Jones, 2010). Segundo a Organização Mundial da Saúde, a violência é entendida como sendo uma manifestação intencional de força física ou poder, contra si mesmo ou outrem, admitindo suas manifestações de teor físico, ameaças, intelectual ou psicológico (Dalberg & Krug, 2007). O debate sobre a violência contra a mulher ganha espaço por volta dos anos 1980 no Brasil, acompanhando o desenvolvimento político e dos movimentos feministas no país.

Atualmente tem-se observado uma incidência de violência contra mulheres no contexto brasileiro, como aponta os dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação SINAN (Ministério da Saúde, 2012), cerca de 65,4% dos registros de atendimento a violência (e.g., sexual, doméstica, física) são de mulheres, sendo o estupro uma das violências contra as mulheres que mais cresce. A propósito, em 2015 existiu um aumento de 54,4% dos índices de estupro em relação a 2014 (Waiselfisz, 2012), e em 2018 houve o maior índice de registros de estupros, sendo 66.041 registro, 180 ocorrências por dia (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019).

O Brasil configura-se como um dos países mais violentos para as mulheres. Isso pode ser observado na pesquisa de 2018 divulgada pelo UNODC (Escritórios de Nações Unidas para Crime e Drogas), na qual revelou que a taxa de homicídio global contra as mulheres foi de 2,3 mortes para cada 100 mil mulheres em 2017, enquanto que no Brasil este número subiu para quatro mulheres mortas a cada 100 mil em 2018, isto é, 74% superior à média mundial (Bueno & Lima, 2019).

Face a essa conjuntura, torna-se importante contextualizar que a violência manifestada contra a mulher não se refere a atitudes ou pensamentos de aniquilação do outro, compreendido como igual ou visto nas mesmas condições de existência e valor

que seu agressor, ao contrário, esta agressão ocorre nas manifestações de desigualdades, ensinadas e perpetradas na sociedade por modelos hierárquicos e de dominação entre os gêneros, sendo esse tipo de violência consequência de uma cultura machista (Bandeira 2014; Cerqueira, Coelho & Ferreira, 2014).

O patriarcado é um sistema de justificação das desigualdades de poder entre os gêneros. De acordo com Campos (2016), este sistema surgiu com a família romana, na qual se caracterizava pela ordem absoluta do *pater*, ou seja, de um macho chefe da família, este teria poder absoluto sobre sua mulher e seus filhos, tendo o direito de vendê-los como escravos ou até mesmo de matá-los. Ao longo da história, este sistema serviu de modelo para justificar a violência contra o feminino, dando origem a uma das formas mais banais do estupro o *debitum conjugale*, vigente até os dias atuais, e que consiste no estupro como uma prática recorrente dentro dos casamentos.

A palavra estupro vem do latim *stuprum* que significa forçar outrem, a relações sexuais contra sua vontade, fazendo-se uso de violência ou de ameaças físicas e psicológicas (Ferreira, 1999). O estupro não é uma realidade que se restringe à modernidade e o mundo ocidental, mas uma violência que acompanha toda a história da civilização. Desde a pré-história ao período paleolítico o estrupo exercia a "lei do mais forte", o que tornava essa ação uma prática corriqueira (Campos, 2016). Em Hamurabi, por exemplo, já se previa o delito de estupro que em seu art. 130 penalizava com morte casos de violência sexual contra mulheres comprometidas e virgens (Maia, 2017); já os povos Romanos, compreendiam o estupro apenas contra mulheres virgens e solteiras, bem como "honestas", o que excluía as prostitutas, e casos de violência sexual interconjugal, onde era necessário, que as vítimas de estupro apresentassem evidências de violência física, afim de provar a resistência da vítima a agressão (Melo, Amaral, & Junior, 2014). Nesse sentido, o estupro por vezes era tido como um "direito" do homem

sobre as mulheres de sua propriedade (e.g., esposa, irmã, filhas e sobrinhas), como também a exibição de um "troféu" já que esta violência era tida como uma expressão de seu poder (Campos, 2016).

No Brasil o estupro sempre esteve no cotidiano dos cidadãos em perspectivas difusas. A esse respeito, até o ano de 2009, quase sete décadas desde o decreto da lei n° 2.848 do ano de 1940, o estupro era tido como sendo uma prática sexual forçada contra mulheres "honestas" mediante fraude, violência ou ameaças (Dos crimes contra a dignidade sexual, 2009). Antes do estabelecimento de tal decreto, o estupro não se configurava como uma ação passível de punição (Junior & Braga, 2015). De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em 2014, os índices de estupro eram mais frequentes em mulheres, sendo estas vítimas de 88,5% dos casos registrados, compreendendo 97,5% das vítimas quando considerada mulheres adultas; já os homens estes se voltam a categoria dos agressores, estando representados em média 95,3% dos casos de estupro em geral, sendo 92,55% dos agressores nos casos contra crianças, 96,69% contra adolescentes e 96,66% contra adultos. Estes agressores, por vezes, são compreendidos em sua maioria por conhecidos das vítimas e representam, 32,2% dos casos de estupro contra crianças, enquanto que contra adultos 60% dos casos são acometidos por desconhecidos das vítimas. Esta mesma pesquisa revelou ainda que acontecem cerca de 527 mil estupros por ano no Brasil, onde apenas 10% dessas agressões são registradas em delegacias.

A banalização do estupro está incutida no cotidiano do brasileiro. Dentro desse cenário, é possível citar a declaração do atual presidente Jair Bolsonaro que emitiu em rede nacional que não estupraria uma parlamentar porque ela não merecia (O Estadão de S. Paulo, 2014), fruto desta declaração, foi um comentário em resposta feito pelo apresentador Danilo Gentile, que afirmou que a deputada em questão, merecia ser

estuprada (Metrópoles, 2018). Na mesma direção, o apresentador Rafael Bastos fez uma declaração afirmando que mulher "feia" não deveria reclamar caso fosse estuprada (Folha de S. Paulo, 2012).

Ainda sobre a pesquisa do IPEA, a mesma indicou que 58,5% dos entrevistados, entre eles homens e mulheres, concordaram totalmente ou parcialmente com a afirmação "*se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros*". Estes dados mostram que o estupro não somente é a manifestação de uma violência, mas está arraigado numa estrutura de poder mais complexa, que envolve crenças e mitos, e que por vezes justificam tal violência.

Ao admitir que a violência contra a mulher e consequentemente o estupro não se trata de uma violência pautada apenas no ato da agressão física ou psicológica, mas que por vezes está arraigada em uma estrutura de manifestação de poder, pela qual se pauta numa hierarquia entre homens e mulheres, faz-se importante compreender quais fatores endossam esta estrutura (Sommacal & Tagliari, 2017). Estes autores, admitem que esta estrutura hierárquica é perpassada por constructos sócio-históricos a despeito da orientação à dominância social; bem como fatores subjetivos e individuais, como os valores humanos.

Em se tratando da teoria da dominância social, esta postula que as atitudes dos indivíduos sobre a desigualdade entre grupos sociais em geral, ou sua orientação de dominância social, interagem com forças sociais e institucionais para produzir e reproduzir sistemas de desigualdade social, servindo para a manutenção da desigualdade de grupos na sociedade (Pratto, Sidanius, Stallworth, & Malle, 1994).

Assim como a orientação a dominância social, outo constructo que se relaciona e dá bases para as relações sociais são os valores humanos. Rockeach (1968, 1973) define os valores humanos no plano dos modos de condutas ou estados finais de existência,

compreendendo-os como crença duradoura de que modos específicos de comportamento ou estado final de existência, sendo pessoal ou socialmente preferível. Desta forma, os valores humanos são compreendidos como princípios guias na vida dos seres humanos, e que influenciam atitudes, comportamentos e elementos determinantes dentro de uma cultura (Gouveia, Milfont, Fischer, & Santos, 2008).

Diante do panorama exposto, esta dissertação busca responder o seguinte questionamento: Quais condições favorecem atitudes negativas frente a vítimas de estupro? Neste sentido, esta dissertação tem como objetivo observar quais os aspectos que podem minimizar a percepção da culpa do agressor no estupro, admitindo a orientação a dominância social e os valores humanos como variáveis preditoras deste fenômeno. A realização desta dissertação se deu em dois artigos, a princípio se deu a adaptação de uma medida de percepção de causa no estupro, sendo realizada também uma análise confirmatória da estrutura fatorial desta medida. O segundo artigo, conferiu a execução de um estudo quase-experimental afim de observar se as condições etnia e contexto da agressão influenciam na percepção da culpa no estupro e atitudes negativas frente a vítimas de estupro, bem como se os valores humanos normativos e a orientação a dominância social predizem esta relação.

Neste sentido, a presente dissertação busca testar as seguintes hipóteses:

Hipótese 1. Os homens tendem a endossar mais atitudes negativas frente a vítimas de estupro e a perceber a causa da violência como decorrente de características de ordem individual.

Hipótese 2. Os valores materialistas serão mediadores na relação da percepção de causa do estupro e das atitudes frente a vítimas de estupro.

Hipótese 3. A orientação a dominância social tem efeito direto nas atitudes frente a vítimas de estupro.

Hipótese 4. Vítimas negras independente do contexto em que ocorre a violência tendem a ser mais culpabilizadas em relação a vítimas brancas.

Referências

Alhabib, S., Nur, U., & Jones, R. (2009). Domestic violence against women: Systematic review of prevalence studies. *Journal of Family Violence*, *25*, 369–382.

Bandeira, L. M. (2014). Violência de gênero: De um campo teórico e de investigação. *Revista Sociedade e Estado*, *29*, 449- 470.

Bourdieu, P. (1998). *A dominação masculina* (3ª ed.). Rio de Janeiro: BestBolso.

Bueno, S., & Lima, R. S. (2019). *Dados de violência contra a mulher são a evidência de desigualdade de gênero no Brasil*. Recuperado em 01 de agosto, 2019 de https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2019/03/08/dados-de-violencia-contra-a-mulher-sao-a-evidencia-da-desigualdade-de-genero-no-brasil.ghtml

Campos, A. A. (2016). A cultura do estupro como método perverso de controle nas sociedades patriarcais. *Revista Espaço Acadêmico*, *183*, 1- 13.

Cerqueira, D. Coelho, D. S. C., & Ferreira, H. (2014). Estupro no Brasil: Vítimas, autores, fatores situacionais e evolução das notificações no sistema de saúde entre 2011 e 2014. *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada IPEA*. 7-30.

Dahlberg, L. L., & Krug, E. G. (2007). Violência: Um problema global de saúde pública. *Ciência e Saúde Coletiva*, *11*, 1163-1178.

Ferreira, A. B. H. (1999). *Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Forúm Brasileiro de Segurança Pública. (2019). *Anuário brasileiro de segurança pública 2019*. Recuperado em 10 de março, 2020 de http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/13-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/

Folha de S. Paulo (2012). *De mais influente a processado: o ano polêmico de Rafinha Bastos*. Recuperado em 01 de agosto, 2019 de

https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/1021386-de-mais-influente-a-processado-relembre-o-2011-polemico-de-rafinha-bastos.shtml

Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Fischer, R. D., & Santos, W. S. (2008). Teoria funcionalista dos valores humanos. In M. L. M. Teixeira (Ed.). *Valores humanos e gestão: Novas perspectivas* (pp. 47-80). São Paulo, SP: Senac.

Gutmann, M. (2013). O machismo. *Antropolítica, 34*, 95-120.

Junior, W. C. B., & Braga, A. P. S. F. (2015). Adestrar os corpos, civilizar os sentidos: a honra como dispositivo de controle da sexualidade no Brasil (colônia e império). *Entrepalavras, 5*, 5, 207-218.

Lee, K., & Ashton, M. C. (2005). Psychopathy, machiavellianism, and narcissism in the five-factor model and the HEXACO model of personality structure. *Personality and Individual Differences, 38*, 1571-1582.

Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940. (1940). Dos crimes contra a dignidade sexual. Recuperado em 01 de agosto, 2019 de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12015.htm

Maia, R. A. R. (2017). A culpabilização da vítima no crime de estupro. *Revista da Faculdade de Direito Santo Agostinho*,7,1, 41- 49.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. (2014). American Psychiatric Association; tradução: Nascimento, M. I; revisão técnica: Cordioli, A. V. Artmed, Porto Alegre. *5*. 1-948.

Melo, B. O., Amaral, S. T., & Junior, A. S. (2014). O delito de estupro. *Anais do encontro de iniciação científica*, Presidente Prudente, SP, Brasil.

Metropoles (2018). *Danilo Gentili diz que Maria do Rosário merecia ser estuprada*. Recuperado em 01 de agosto, 2019 de

https://www.metropoles.com/celebridades/danilo-gentili-diz-que-maria-do-rosario-merecia-ser-estuprada

O Estadão de S. Paulo. (2014). *Bolsonaro diz em plenário que não estupraria deputada 'porque ela não merece'*. Recuperado em 01 de agosto, 2019, de https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-diz-em-plenario-que-nao-estupraria-deputada-porque-ela-nao-merece,1604514

Pratto, F., Sidanius, J., Stallworth, L. M., & Malle, B. F. (1994). Social dominance orientation: A personality variable predicting social and political attitudes. *Journal of Personality and Social Psychology*, *67*, 741-763.

Rokeach, M. (1968). *Beliefs, attitudes and values*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.

Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.

Sistema de Indicadores de Percepção Social. (2014). *Tolerância social à violência contra as mulheres*. Recuperado em 01 de agosto, 2019 de http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres_antigo.pdf

Sommacal, C. L., & Tagliari, P. A. (2017). A cultura de estupro: o arcabouço da desigualdade, da tolerância à violência, da objetificação da mulher e da culpabilização da vítima. *Revista da ESMESC*, *24*, 30, 245-268.

Waiselfisz, J. J. (2012). Atualização: Homicídio de mulher no Brasil. *FLACSO Brasil.* 1-27.

Artigo 1

Observando os Parâmetros Psicométricos da Medida de Percepção de Causa do Estupro (EPCE).

Observing the Psychometric Parameters of the Rape Cause Perception Measure (PCRS).

Observación de los parámetros psicométricos de la medida de percepción de causa de violación (EPCV).

Francicléia Lopes Silva

Universidade Federal da Paraiba

Valdiney Veloso Gouveia

Universidade Federal da Paraiba

Resumo: Objetivou reunir evidências psicométricas da adaptação da escala de Percepção de Causa do Estupro. No primeiro estudo contou com 220 universitários de ambos os sexos (64,5% do sexo feminino), com idade média de 23,48 anos (*DP* = 7,56; amplitude de 18 a 63 anos), enquanto que no segundo estudo contou-se com a participação de 203 universitários de ambos os sexos (54,2% do sexo feminino), com idade média de 21,45 anos (*DP* = 5,17; amplitude de 18 a 51 anos), que responderam a versão brasileira do instrumento e a outras medidas. As análises corroboraram a estrutura fatorial de 5 componentes, com índices de consistência interna variando entre 0,92 a 0,70. Quanto a análise convergente, foi observado a relação da percepção de causa no estupro com atitudes negativas frente a vítimas. Portando, a escala apresentou evidências de sua consistência interna e de validade de critério, o que recomenda seu uso em estudos futuros.

Palavras- chave: Estupro, Causa, Culpa, Escala.

Abstract: It aimed to gather psychometric evidence of adaptation of the Rape Cause Perception scale. In the first study, 220 university students of both sexes (64.5% female), with a mean age of 23.48 years (SD = 7.56; range 18 to 63 years), while in the second study, 203 university students of both sexes (54.2% female), with an average age of 21.45 years (SD = 5.17; range 18 to 51 years), who answered the Brazilian version. instrument and other measures. The analyzes corroborated the 5 component factorial structure, with internal consistency indices ranging from 0.92 to 0.70. As for the convergent analysis, it was observed the relationship of cause perception in rape with negative attitudes towards victims. Therefore, the scale showed evidence of its internal consistency and convergent validity, which recommends its use in future studies.

Key words: Rape, Cause, Guilt, Scale.

Resumen: Su objetivo era reunir evidencia psicométrica de la adaptación de la escala de percepción de violación de la causa. En el primer estudio, 220 estudiantes universitarios de ambos sexos (64,5% mujeres), con una edad media de 23,48 años (DE = 7,56; rango de 18 a 63 años), mientras que en el segundo estudio, 203 estudiantes universitarios de ambos sexos (54.2% mujeres), con una edad promedio de 21.45 años (SD = 5.17; rango de 18 a 51 años), quienes respondieron la versión brasileña. Instrumento y otras medidas. Los análisis corroboraron la estructura factorial de 5 componentes, con índices de consistencia interna que oscilaron entre 0,92 y 0,70. En cuanto al análisis convergente, se observó la relación de percepción de causa en la violación con actitudes negativas hacia las víctimas. Por lo tanto, la escala mostró evidencia de su consistencia interna y validez convergente, que recomienda su uso en estudios futuros.

Palabras clave: Violación, Causa, Culpa, Escala.

1. Introdução

Evidências apontam que uma a cada três mulheres serão estupradas em algum momento de sua vida (OMS, 2013). O Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2015) mostrou que no Brasil, a cada 11 minutos uma mulher é estuprada. A violência sexual é constituída dentro de um diálogo entre aspectos sociais, numa relação de dominação entre os gêneros, está manifesta a cultura machista, que reforça e endossa a virilidade masculina, sendo a violência neste panorama admissível (Bourdieu, 2016; Sommacal & Tagliari, 2017).

Neste cenário a violência sexual contra a mulher reverbera como um adestramento à sexualidade desta, para o senso comum, aquela que é cuidadosa e que permanece dentro das "regras" de comportamentos sociais não daria motivo para ser estuprada (Lima, 2012). A sexualidade da mulher sempre esteve regrada e em constante análise, esta percepção se estende ao poder judiciário que compromete a visão dos julgamentos de casos de estupro, já que este ambiente se configura majoritariamente masculino. As justificativas para o estupro circundam esferas que configuram uma figura da mulher enquanto perversa e consequentemente sedutora portanto merecedora deste tipo de violência, por vezes foi perpetrado por um discurso bíblico que coloca o homem como um ser descontrolado diante dessa sedução, justificado por um suposto excesso de testosterona ou instintual (Nascimento, 2016).

Ao se tratar de pesquisas acerca da percepção da causa no estupro, muito se tem falado dos mitos de estupro, este último é conceituado como o preconceito, fomentado por estereótipos ou falsas crenças acerca do estupro, nas quais hostilizam a vítima de estupro, servindo para negar e justificar a violência sexual contra as mulheres (Burt, 1980). Nestes cenários, Burt (1980) desenvolveu uma medida para mensuração destas crenças, Rape Myth Acceptance Scale (RMAS) (escala de aceitação de mitos de

estupro), esta medida tem sido criticada devido à ausência de evidências da consistência interna de seus fatores, bem como, a ambiguidade de alguns itens.

Desde então, os estudos na direção de investigação acerca da percepção da causalidade e culpabilização no estupro se voltam para os mitos de estupro. Entretanto, é sabido a existência de outros fatores que podem influenciar na percepção dos sujeitos acerca deste fenômeno. Neste sentido, o presente estudo proporcionará a adaptação de uma medida de percepção de causalidade no estupro afim de ampliar o debate e a compreensão dos fenômenos que podem estar por trás da apreensão de atitudes negativas frente a vítimas de estupro.

1.2. Escalas de causalidade do estupro

A partir de uma busca realizada nas bases de dados PudMed, BVS e Google Scholar, usando as expressões: "Atribuição de causalidade, Estupro, Escala, Medida", ambas pesquisadas também no idioma inglês "Causal attribution, Rape, Scale, Measure", entre o período de 23 de abril a 02 de maio de 2019, adotando os resultados dos trabalhos dos últimos cinco anos, foram encontrados 12 instrumentos, dentre estes, somente um foi encontrado no Brasil, referido a escala *Illinois Rape Myth Acceptance Scale (IRMAS)*, desenvolvida por McMahon e Farmer (2011). Este instrumento é uma versão reduzida da *Illinois Rape Myth Acceptance Scale (IRMAS)* desenvolvida por Payne, Lonsway e Fitzgerald (1999), cobre quatro das sete dimensões dos estereótipos de estupro da escala IRMA original, sendo estas: "Ela pediu" ($\alpha = 0,78$), "Ele não quis" ($\alpha = 0,69$), "Não foi realmente estupro" ($\alpha = 0,79$), e "Ela mentiu" ($\alpha = 0,87$). Este instrumento foi adaptado ao Brasil por Scarpati, Guerra e Duarte (2014), o mesmo conta com uma estrutura de 25 itens, organizados nos seguintes fatores: Responsabilização da mulher (*e.g., Mulher que vai para casa com homem desconhecido tem culpa se for estuprada; Mulher que se insinua sexualmente vai arranjar problemas*; $\alpha = 0,74$),

Minimização da gravidade (*e.g., É preciso hematomas para que a mulher seja levada a sério; Só há estupro se existirem hematomas ou marcas*; α = 0,68), Desculpa feminina (*e.g., Acusações de estupro são frequentemente usadas como vingança; Muitas mulheres têm o desejo secreto de serem estupradas*; α = 0,71) e Instinto masculino (*e.g., Estupro acontece quando o homem perde o controle dos seus instintos; Homens não têm a intenção de forçar a mulher ao sexo*). Segundo os autores, alguns índices de consistência interna não foram convincentes, o que são passíveis de críticas e apontam a uma limitação do instrumento.

As medidas encontradas no contexto internacional foram: *Rape Support Attitudes Scale* (*RSAS*)**.** Desenvolvida por Lottes (1991), este instrumento consta com 20 itens (*e.g., A razão pela qual muitos estupradores cometem estupro é por causa do sexo; Para resguardar o homem, é difícil provar que um estupro ocorreu*), empregando escala de resposta de cinco pontos, variando de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente). Admite-se como sendo unifatorial, apresentando consistência interna (alfa de Cronbach) de 0,91. Uma limitação do instrumento é à grande quantidade de itens para um instrumento unidimensional.

Bumby Rape Scale (*BRS*). Desenvolvida por Bumby (1996), ela foi posteriormente adaptada por Herman, Babchishin, Nunes, Leth-Steensen e Cortoni (2012), é formada por 36 itens que buscam medir as distorções cognitivas relacionadas à agressão sexual contra mulheres, tais itens são respondidos em escala de 4 pontos, variando de 1 (Discordo totalmente) a 4 (Concordo totalmente). Abarca dois fatores: estupro exclusivo (*e.g., As mulheres geralmente querem sexo, não importa como possam obtê-lo; As mulheres frequentemente acusam falsamente homens de estupro*) e justificando o estupro (*e.g., As mulheres que foram estupradas provavelmente mereceram; Parte do dever de uma esposa é satisfazer sexualmente o marido sempre*

que ele quiser, esteja ela de bom humor ou não), apresentando consistência interna satisfatória para ambos fatores, apresentando alfas de Cronbach de 0,92 e 0,91 respectivamente. Apesar do instrumento apresentar índices de consistência interna adequados, não existem evidencias que confirmem esta estrutura fatorial.

Sexual Experiences Survey Short Form Victimization (*SES-SFV*). Elaborada por Koss et al. (2007), esta medida reúne sete itens (*e.g., Alguém fez sexo oral comigo ou fez com que eu fizesse sexo oral com ele sem o meu consentimento; Alguém acariciou, beijou ou esfregou-se contra as áreas privadas do meu corpo [lábios, peito, virilha ou bunda] ou removeu algumas das minhas roupas sem o meu consentimento [mas não tentou a penetração sexual]*). O instrumento conta com duas formas de resposta, que considera o ano do acontecimento das afirmações na vida dos sujeitos, sendo a primeira opção "Quantas vezes isso aconteceu nos últimos 12 meses" e " Quantas vezes isso me aconteceu nos 14 anos", ambas constam com opções de pontuação de resposta que variam de 0 a 3+ vezes. Esta medida é usualmente utilizada para caracterizar vítimas de estupro, apresentando um fator geral cuja consistência interna (alfa de Cronbach) foi de 0,70. As limitações deste instrumento dizem respeito à forma de resposta desta, já que o mesmo foi elaborado visando a colaboração de vítimas de estupro propriamente ditas, o que limita suas formas de aplicação.

Attitudes Towards Male Sexual Dating Violence (*AMDV-Sex*). Elaborada por Price e Byers (1999), esta medida se compõe de três subescalas que avaliam até que ponto os respondentes apoiam a violência sexual contra mulheres em um namoro, estando formada por 12 itens (*e.g., Um cara não deve insultar sua namorada; Uma garota deveria perguntar ao namorado antes de sair com as amigas*), respondidos em escala de resposta de quatro pontos, variando de 1 (Discordo) a 4 (Concordo). Seu alfa

de Cronbach foi de 0,78. As limitações deste instrumento, visa sua amostra, o mesmo foi desenvolvido para o uso com adolescentes entre 12 e 19 anos (Price & Byers, 1999).

Scale of Acceptance of the Rape Myth Illinois (IRMAS) – IRMAS-Short. Esta versão foi desenvolvida por CokerCook-Craig et al. (2011), reunindo seis itens que representam mitos de estupro (*e.g., Garotas deveriam fazer sexo se o namorado gasta dinheiro*; *Agressão sexual acontece porque o 'não' não estava claro*), os quais são respondidos em escala de quatro pontos, variando de 1 (Discordo fortemente) a 4 (Concordo fortemente). Estes itens são distribuídos em dois fatores: *expectativas tradicionais de gênero* (α = 0,78) e *negação do estupro* (α = 0,73). Este instrumento sofreu a influência de um programa de redução de violência sexual que havia sido aplicado aos participantes, o que pode ter influenciado nas respostas destes e consequentemente nos índices de consistência interna.

Rape Attribute Questionnaire (*RAQ*). Este instrumento foi elaborado por Frazier (2003), reunindo 25 itens respondidos em escala de cinco pontos, variando de 1 (Nunca) a 5 (Muito frequentemente), procurando abarcar cinco atribuições de causas do estupro: "auto culpa comportamental" (α = 0, 87; *e.g., Eu deveria ter resistido mais; Eu deveria ter resistido mais*), "culpar o estuprador" (α = 0,88; *e.g., Estupradores são doentes; Estupradores querem ferir alguém*), "Controle sobre o processo de recuperação" (α = 0,81; *e.g., Eu sinto que o processo de recuperação é o meu controle; Estou confiante de que posso superar isso se eu trabalhar nisso*), "Probabilidade futura" (α = 0,70; *e.g., Eu tenho certeza que não serei agredida novamente; Eu tenho certeza que não serei agredida novamente*) e "Controle futuro" (α = 0,83; *e.g., Tomei medidas para me proteger desde a agressão; Eu fiz uma mudança na minha situação de vida desde a agressão*). A aplicação deste instrumento é limitada já que o público alvo são apenas vítimas de estupro.

Rape Myth Acceptance. Elaborada originalmente por Harris, Thai e Barlow (2016), contando com versão abreviada de Costin (1985), reunindo cinco itens (*e.g., As mulheres frequentemente provocam estupros por meio de sua aparência ou comportamento; Uma mulher estuprada é uma vítima inocente, não uma responsável*). Estes são respondidos em escala de cinco pontos, variando de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente); o alfa de Cronbach para o fator geral foi 0,77. Apesar do instrumento demonstrar consistência interna adequada não existem estudos exploratórios ou confirmatórios quanto a sua estrutura fatorial (Costin, 1985).

Os instrumentos *Sexual Assault Expectancy Scale* e *Acceptance of the Sexual Assault Scale* foram elaborados por Cook (1995) com o fim de avaliar o quanto os indivíduos esperavam ou aceitavam três tipos de agressão sexual (coerção verbal, tentativa de estupro e estupro propriamente dito) em 14 situações diferentes, tratadas como itens (e.g., *Ele está chapado ou bêbado; Ele está tão excitado que não consegue parar*). Os participantes respondem a estes itens em escala de cinco pontos, variando de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente). Os coeficientes de consistência interna (alfa de Cronbach) para cada uma dessas escalas, tratadas como unidimensionais, foram, respectivamente, 0,99 e 0,99. Ainda que o instrumento apresente uma dimensão de três subescalas só foi apresentado o índice de consistência interna para duas destas.

Victim Blaming Scale. Desenvolvida por Loughnan, Pina, Vasquez e Puvia (2013), trata-se de uma medida de culpabilização da vítima, utilizada para medir a atribuição de culpabilização dos indivíduos num cenário de violação em um encontro. É apresentado um cenário aos respondentes e em seguida os participantes são questionados quanto à culpa da vítima (*e.g., Até que ponto Laura seduziu Mike?; Até que ponto o comportamento de Laura foi responsável por seu encontro sexual com*

Mike?); indica-se o grau de culpa em escala de sete pontos, variando de 1 (Nada) a 7 (Muita); em outro momento por meio de uma pergunta, é questionado quanto à credibilidade das alegações (e.g., *Quanto Laura sofreu como resultado desse crime?*), sendo as respostas dadas em escala de seis pontos, variando 1 (Nenhuma) a 6 (Total). Por fim, as pessoas respondem quanto ao tempo que é necessário para superação do sofrimento: Sofrimento indireto percebido. (*e.g., Quanto tempo levará Laura para se recuperar desse crime e continuar sua vida como antes?*), indicando as respostas em escala de 0 a 10 anos. Unicamente é apresentado um índice geral de consistência interna, apesar das diferentes subescalas; o coeficiente foi considerado adequado (α = 0,91). Este instrumento é usado unicamente com a exposição de um cenário experimental específico, o que o limita para o uso em outros cenários, ou em estudos que não se utilizem de cenários experimentais.

Attitude and Behavior Survey of the Date Rape College (CDRABS; Lanier & Elliot, 1997). Este instrumento mede atitudes relacionadas ao estupro entre estudantes universitários e comportamentos que envolvem o risco de estupro, reunindo 13 itens que não foram disponibilizados. As respostas são dicotômicas, podendo ser 0 (Atitudes desejáveis) ou 1 (Atitudes indesejáveis). Sua consistência interna pode ser considerada adequada (α = 0,86). As imitações deste instrumento se voltam ao público alvo, sendo desenvolvido exclusivamente para o público de estudantes universitários.

Não obstante as medidas diversas, optou-se por adaptar a que foi desenvolvida por Cowan e Quinton (1997), nomeada como *Perceived Causes of Rape Scale* (*Escala de Percepção de Causas do Estupro*; *EPCE*). Esta procura avaliar a percepção que as pessoas têm das causas do estupro de uma maneira mais abrangente, sendo mais inclusiva que medidas prévias. Além disso, há evidências na literatura acerca de sua consistência interna em diferentes contextos (Krahé, Temkin, & Bieneck, 2007), sendo

empregada com o fim de conhecer a percepção de causas de diferentes tipos de estupro (e.g., conjugal, cometido por desconhecidos, envolvendo força física ou não) (Cowan, 2000), servindo ainda para compreender mitos de estupro (Cowan, 2000). Esta escala compreende cinco fatores, sendo estes divididos em visões de atributos individuais e sociais.

A *Escala de Percepção de Causas do Estupro* (*EPCE*) é formada por 32 itens que se agrupam, teoricamente, em cinco fatores, cobrindo os estilos atribucionais individuais e sociais. Os estilos individuais são culpabilização da vítima (α = 0,90) (*e.g., O estupro é causado por mulheres que se vestem de maneira sensual; O estupro é causado pelo uso de álcool ou drogas por parte das mulheres*), sexualidade masculina (α = 0,83) (*e.g., O estupro é causado por homens com impulso sexual mais forte que as mulheres; O estupro é causado pelo impulso dos homens de transmitir seus genes*) e hostilidade masculina (α= 0,81) (*e.g., O estupro é causado por homens que exibem sua hostilidade contra as mulheres; O estupro é causado por homens que são muito diferentes dos "caras comuns" (homens que são "esquisitos"*)). Por outro lado, os sociais compreendem dominação masculina (α = 0,87) (*e.g., O estupro é causado pela crença de que as mulheres são inferiores aos homens; O estupro é causado pela crença de que os homens são dominantes sobre as mulheres*) e sociedade e socialização (α = 0,85) (*e.g., O estupro é causado pela aceitação da violência por parte da sociedade; O estupro é causado pelas crenças sociais de que a dominância e a submissão são sexys*).

Considerando a relevância da temática da percepção do estupro, sobretudo suas implicações que perpassam o judiciário e as áreas médicas e assistenciais (Ward, 1988), demandando discussões no âmbito de saúde e políticas públicas no Brasil, procurou-se contribuir com o tema adaptando para o contexto nacional a *EPCE*, reunindo evidências

de sua validade fatorial, validade convergente e consistência interna. Nesta direção, realizaram-se dois estudos, que serão descritos a seguir.

2. Estudo 1. Adaptação da escala *The Perceived Causes of Rape (PCR)* ao contexto brasileiro.

Este estudo tem por objetivo adaptar a escala *The Perceived Causes of Rape (PCR)* de Cowan e Quinto (1997) ao contexto brasileiro, desta forma se deu a tradução do instrumento bem como a análise fatorial do mesmo.

2. Método

3.1. Participantes

Participaram deste estudo 220 estudantes universitários, com idade média de 23,48 anos (*DP* = 7,56; amplitude de 18 a 63 anos), sendo a maioria do sexo feminino (64,5%), solteiros (82,1%) e heterossexuais (79,2%), em sua maioria branca (42,4%) (*DP*= 0,98).

3.2. Instrumentos

Os participantes responderam a Escala de Percepção de Culpa no Estupro (EPCE; Cowan & Quinton, 1997), descrita anteriormente, bem como, responderam a um questionário sócio demográfico, composto por perguntas sobre idade, sexo, condição sexual, estado civil e etnia.

Com base na versão original em inglês do instrumento, procedeu-se com a tradução de seus itens, instruções e escala de resposta para o português, sendo realizado por dois pesquisadores bilíngues. Em seguida, foi conduzida uma tradução reversa, sendo a versão em português traduzida novamente para o inglês por um segundo pesquisador bilíngue.

Após este procedimento, ambas as versões em inglês foram confrontadas, não sendo verificada a necessidade de qualquer alteração substancial na versão em português. Nesta última, houve um esforço em manter os significados que cada item objetivava expressar. Antes da aplicação da escala, procedeu-se com a sua validação semântica, a qual foi efetuada com a colaboração de três estudantes do curso de psicologia de uma universidade pública. Nesta ocasião, procurou-se verificar se os itens e a escala de resposta eram compreensíveis. Este procedimento não demandou alterações substanciais.

3.3. Procedimento

Inicialmente, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba, estando este de acordo com o regulamenta do Conselho Nacional de Saúde e o Ministério da Saúde, por meio da resolução nº 510/16". Passando a ser aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa, com parecer CAAE n° 12187419.6.0000.5188. A coleta de dados foi presencial, por meio de questionários impressos, sendo assegurado o anonimato e a confidencialidade das respostas aos colaboradores, os quais foram abordados casualmente em sala de aula. Os participantes levaram em média 20 minutos para concluir sua participação ao estudo e todos responderam ao *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*.

3.4. Análises de Dados

Os dados foram analisados com o auxílio do software *SPSS – Statistical Package for the Social Sciences*, em sua versão 21. Foram realizadas estatísticas descritivas, análise de Componentes Principais e análise paralela. Foi verificado, ainda, a consistência interna (alfa de Cronbach) da medida de Percepção de Causa no Estupro (EPCE), admitindo-se o valor mínimo de 0,60 (Pasquali, 2012).

4. Resultados

Inicialmente, checou-se o poder discriminativo dos itens a partir de grupos-critério interno, examinando se havia algum item que não diferenciava os respondentes com magnitudes próximas nos traços latentes de interesse (Culpabilização da Vítima, Sexualidade Masculina, Hostilidade Masculina, Dominação Masculina e Sociedade e Socialização). Adotou-se a mediana empírica de todos os itens (*Mdn* = 3,25) para definir os grupos-critério superior (3,26) e inferior (3,24) em função das pontuações totais dos participantes. A comprovação foi feita com o teste *t de Student* para amostras independentes, comparando-se as médias dos grupos inferior e superior para cada item; unicamente os itens 2 (*O estupro é causado por mulheres que permitem que homens as toquem de maneira íntima*) (t < -1,84; p = 0,66) e 32 (*O estupro é causado por homens que são mentalmente doentes*) (t < -0,93; p = 0,35) não foram significativos. Contudo, decidiu incluí-los nas análises subsequentes com a finalidade de observar como se comportavam.

No que se refere à fatorabilidade dos dados, foram analisados o teste de adequação da amostra de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), o qual foi considerado adequado com resultado de 0,87, bem como o teste de esfericidade de Bartlett, que apresentou um resultado significativo, χ^2 (496) = 4549,455, p < 0,001. Ambas as análises, sugerem a pertinência dos dados à realização da análise dos componentes principais.

Procedeu-se com a análise dos componentes principais da medida *The Perceived Causes of Rape (PCR)* sem fixar rotação ou número de componentes a extrair. Tendo em conta os *critérios de Kaiser* (*valores próprios* igual ou superior a 1), observou-se a possibilidade de extrair sete componentes, cujos valores próprios foram 8,28, 5,70, 2,52, 2,13, 1,54, 1,27 e 1,03 explicando conjuntamente 70,313% da variância total. Adotando o *Critério de Cattell* (distribuição gráfica dos *eingenvalues*, desprezando aqueles a partir

da configuração do “cotovelo”) admitem-se cinco componentes, conforme pode ser observado na Figura 1.

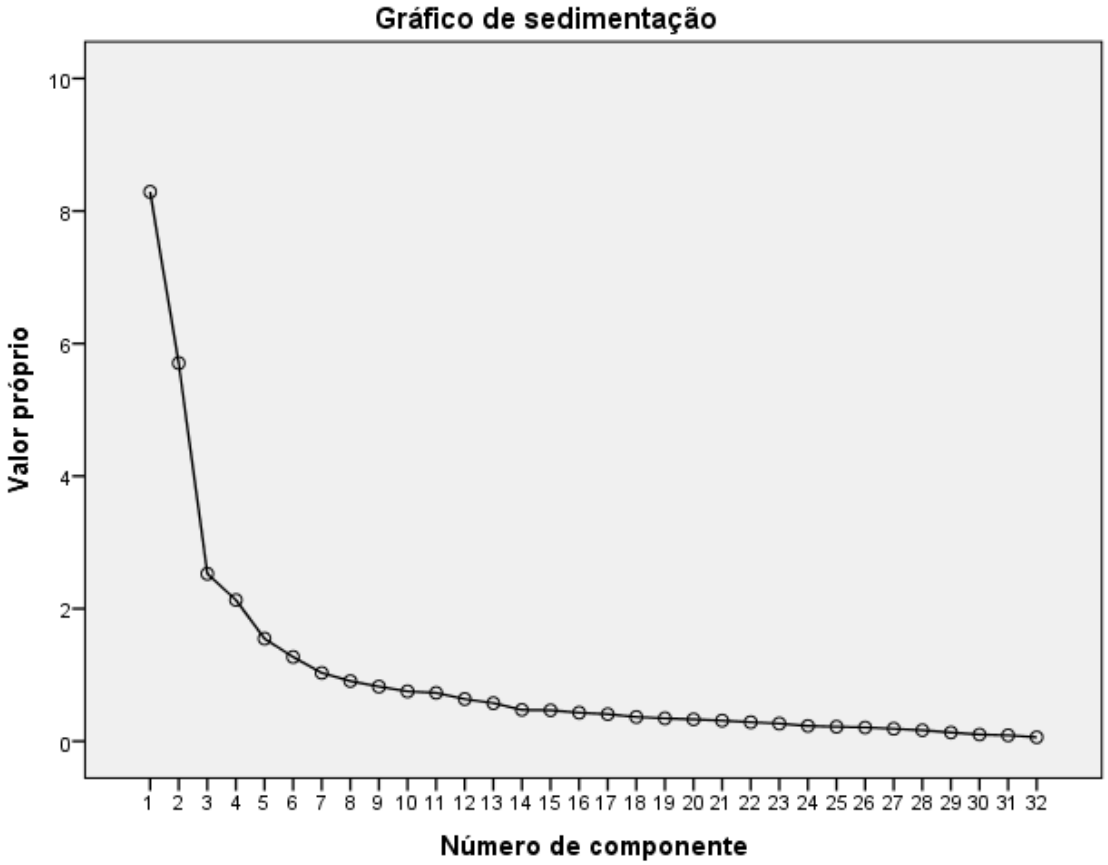


Figura 1. Gráfico de sedimentação.

Por fim, checou-se a solução mais adequada por meio do critério de *Horn* [analise paralela (preponderância dos valores próprios observados em relação aos simulados)], considerando 1.000 bancos de dados que simularam a presente pesquisa, isto é, 220 participantes e 32 itens, sendo os sete primeiros valores próprios gerados aleatoriamente: 1,79, 1,68, 1,60, 1,53, 1,46, 1,41 e 1,35. Nesse caso, contrastando esses valores com aqueles observados empiricamente, confirma-se a retenção de cinco componentes, os quais apresentaram valores próprios superiores aos simulados. Desta forma, foi realizada uma nova análise fatorial fixando 5 fatores, a partir dos resultados desta análise admitiu-se reter itens que tivessem saturação acima ou igual a 0,40, neste

sentido os itens 19 e 32 foram descartados. Além da exclusão destes itens, optou-se por eliminar aqueles que também apresentaram carga fatorial em dois ou mais fatores, sendo estes 22, 25, 26, 27, 28 e 29.

Como pode ser observado, parece adequado considerar a *The Perceived Causes of Rape (PCR)* como uma medida de cinco fatores, admitindo uma rotação oblimin, com valores próprios de 6,30, 5,27, 2,45, 1,81 e 1,24 explicando 68,34% da variância total. Os itens apresentaram saturações entre 0,50 (item 17) a 0,90 (item 9).

Tabela 2. Estrutura fatorial da escala de Percepção de Culpa no Estupro (PCR).

Itens	Descrição do conteúdo	**Fator**				
		I	**II**	**III**	**IV**	**V**
09	O estupro é causado pela crença dos homens de que é direito deles usar qualquer mulher para fins sexuais.	**0,90**	0,20	-0,02	-0,04	-0,02
08	O estupro é causado pela crença de que os homens são dominantes sobre as mulheres.	**0,90**	0,18	-0,03	-0,04	-0,05
07	O estupro é causado pela crença de que as mulheres são propriedades dos homens.	**0,90**	0,19	-0,02	-0,00	-0,02
10	O estupro é causado pela crença de que as mulheres são inferiores aos homens.	**0,88**	0,22	-0,04	0,01	-0,04
11	O estupro é causado pela necessidade dos homens de colocar as mulheres em seu “lugar”.	**0,74**	0,22	-0,04	0,18	-0,00
12	O estupro é causado pela crença dos homens de que a força é excitante para as mulheres.	**0,63**	0,31	-0,14	0,16	0,05
23	O estupro é causado pela maneira como a mídia retrata as mulheres.	0,27	**0,82**	0,08	-0,10	-0,02
20	O estupro é causado pela violência contra a mulher nos filmes e na televisão.	0,02	**0,72**	0,09	0,11	0,08
24	O estupro é causado pelas crenças sociais de que a dominância e a submissão são sexys.	0,34	**0,71**	0,00	0,02	0,14

21	O estupro é causado pela aceitação da violência por parte da sociedade.	0,33	**0,67**	-0,03	-0,03	-0.05
04	O estupro é causado por mulheres que se vestem de maneira sensual.	-0,07	0,03	**0,88**	0,11	0,08
03	O estupro é causado pelo uso de álcool ou drogas por parte das mulheres.	-0,08	0,08	**0,78**	0,06	0,12
05	O estupro é causado por mulheres que permitem que a situação saia do controle.	-0,10	-0,07	**0,77**	0,21	0,15
01	O estupro é causado por mulheres que provocam homens.	-0,07	0,03	**0,75**	0,15	-0,05
02	O estupro é causado por mulheres que permitem que homens as toquem de maneira íntima.	-0,02	0,015	**0,75**	0,14	-0,03
06	O estupro é causado por mulheres que fazem coisas perigosas (tais como sair sozinha, pegar carona).	0,03	-0,22	**0,68**	0,05	0,31
14	O estupro é causado pelo fato de homens terem mais necessidades sexuais que mulheres.	0,04	0,04	0,18	**0,89**	0,04
15	O estupro é causado pelo fato de homens não terem sexo suficiente em suas relações.	-0,03	0,02	0,015	**0,87**	0,05
16	O estupro é causado pelo fato de homens serem biologicamente predadores, enquanto as mulheres são presas.	0,00	-0,04	0,09	**0,79**	0,16
13	O estupro é causado pelo fato de homens terem disposição sexual mais forte que mulheres.	0,14	0,05	0,18	**0,78**	0,13
18	O estupro é causado pelo impulso dos homens de transmitir seus genes.	0,21	-0,06	0,17	**0,56**	0,38
17	O estupro é causado por homens frustrados por relações sexuais sem sucesso.	-0,09	0,18	0,05	**0,50**	0,33
30	O estupro é causado por homens que não foram amados, que sofreram abuso ou que foram negligenciados quando criança.	0,10	0,16	0,09	0,09	**0,75**
31	O estupro é causado por homens que são muito diferentes dos “caras comuns” (homens que são “esquisitos”).	0,00	0,00	0,13	0,15	**0,67**

29	O estupro é causado por sentimentos de inferioridade, insuficiência e baixa autoestima dos homens.	0,02	0,39	-0,11	0,19	**0,53**
	Itens	6	5	6	6	3
	Valor próprio	8,28	5,70	2,52	2,13	1,54
	% Variância total explicada	25,90	17,82	7,89	6,66	4,83
	Alfa de Cronbach	0,96	0,83	0,86	0,84	0,70

Nota. * Itens ordenados de acordo com a magnitude de suas cargas fatoriais.

Os índices de consistência interna (alfa de Cronbach) foram variaram entre 0,70 (Fator 5) e 0,96 (Fator 1), admitindo-os como adequados para estudo exploratório. Esses resultados corroboram com os resultados de Cowan e Quinton (1997), no que se refere à estrutura e confiabilidade da escala. Os fatores observados correspondem aos mesmos propostos pelos autores, sendo estes descritos a seguir.

Componente 01- Dominação Masculina (DM): Este fator agrupa seis itens, assim como na versão original do instrumento, este fator apresentou um índice de consistência interna α=0,96, sendo este caracterizado por crenças da cultura machista e de desigualdade de gênero.

Componente 02 – Sexualidade Masculina (SM): Este fator agrupa seis itens, apresentou um índice de consistência interna adequado, sendo α=0,83. Este fator admite os homens como possuidores de uma sexualidade desregrada e violenta.

Componente 03 – Culpabilização da Vítima (CV): Este fator agrupa seis itens, apresentou um índice de consistência interna α=0,86, sendo este componente responsável pelos itens que caracterizam os mitos de estupro, colocando a vítima como responsável pela violência.

Componente 04 – Sociedade / Socialização (SS): Este componente é composto por cinco itens, este fator apresentou um índice de consistência interna adequado, sendo

α= 0,84. Este fator se compromete a uma instância mais estrutural, admitindo o estupro como consequência de problemáticas sociais.

Componente 05 – Hostilidade Masculina (HM): Este componente corresponde a três itens, sendo importante destacar que o item 31 em sua versão original corresponde a uma sexta dimensão da escala pela qual os autores não admitem enquanto um fator propriamente dito. Neste estudo, assumimos este item como um componente deste fator (HM), já que este assim como os demais, endossam crenças do estuprador como uma figura problemática, e com características particulares. Este fator apresentou um índice de consistência interna adequado, sendo α = 0,70. Não obstante, considerando a natureza exploratória das análises, demanda-se confirmar sua estrutura penta dimensional, o que se leva a cabo no estudo que segue.

4.1. Discussões Parciais

A estrutura proposta em sua versão original foi de 32 itens. Diante da análise fatorial realizada não foi possível observar a mesma estrutura como sendo relevante ao contexto brasileiro. Neste sentido, a estrutura da escala sofreu alterações devido à baixa carga fatorial de acordo com os critérios de inclusão, desta forma sugerindo uma nova estrutura fatorial da escala, agora composta por 24 itens. Além disto, os componentes apresentam consistência interna satisfatória com Alfa de Cronbach variando de 0,96 a 0,70.

5. Estudo 2. Evidências complementares da adequação da Escala de Percepção de Causa no Estupro (EPCE).

O objetivo do presente estudo foi corroborar a dimensão de cinco fatores da escala. Especificamente, buscou-se apresentar evidências mais robustas (análise fatorial confirmatória) da adequação da sua estrutura fatorial, bem como testar sua validade

convergente com a medida de Atitudes Frente a Vítimas de Estupro (EAVE; Ward, 1996; Barbosa, 2017).

6. Método

6.1. Participantes

Contou-se com a participação de 203, estudantes universitários, com idades variando ente 18 a 51 anos, e média de 21,45 anos (*DP* = 5,17), sendo 54,2% dos participantes do sexo feminino e 45,8% do sexo masculino, constituindo 59,1% pardos (*DP* = 2,29), sendo 83,1% solteiros, 79,9% se identificaram como heterossexuais.

6.2. Instrumentos

Neste segundo momento, foram utilizadas a *Escala de Percepção de Causa no Estupro (EPCE)* sendo esta, descrita anteriormente no *Estudo 1*, e inserida a *Escala de Atitudes Frente a Vítimas de Estupro (EAVE)*, esta segunda desenvolvido por Ward (1988) e adaptada ao Brasil por Barbosa (2017), consta com 25 itens, respondidos em uma escala de resposta de cinco pontos variando de 1 (discordo fortemente) e 5 (concordo fortemente). Apesar da versão original do instrumento sugerida por Ward (1988) demonstrar uma dimensão unifatorial, em sua adaptação por Barbosa (2017), o instrumento apresenta dimensão de três fatores, denominados de credibilidade da vítima (CV) (*e.g., Uma mulher que foi estuprada é uma mulher menos desejável*), merecimento da vítima (MV) (*e.g., Mulheres sexualmente experientes não são realmente agredidas por estupro*) e culpa da vítima (CV) (*e.g., Uma mulher estuprada geralmente é uma vítima inocente*).

6.3. Procedimento

Tendo esta pesquisa se inserido na proposta geral do projeto de pesquisa, bem como recebido um parecer favorável do Comitê de Ética. Após a aprovação deste, foi

realizada a coleta de dados por meio de questionários impressos, pelo qual foi assegurado o anonimato e a confidencialidade das respostas aos colaboradores, sendo estes abordados casualmente em sala de aula. Os participantes levaram em média 20 minutos para concluir sua participação ao estudo e todos responderam ao *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*.

6.4. Análise dos dados

Os dados foram analisados no programa de análises estatísticas AMOS em sua versão 26.0. Através de tal programa, realizaram-se análises fatoriais confirmatórias, buscando testar o modelo penta fatorial da EPCR. Neste caso, considerou-se a matriz de covariância como entrada, adotando-se o método de estimação *Maximum Likelihood* (ML).

Com o fim de verificar a qualidade de ajuste dos modelos testados, tiveram-se em conta múltiplos indicadores de ajuste: (1) a razão χ^2 / g.l. (qui-quadrado / graus de liberdade), sendo recomendáveis valores entre 2 e 3, admitindo-se até 5 como indicativo de ajuste adequado; (2) Goodness-of-Fit Index (GFI) e Adjusted Goodness-of-Fit Index (AGFI), cujos valores variam de 0 a 1, com aqueles próximos a 0,90 indicando um ajustamento satisfatório; (3) o Comparative Fit Index (CFI), sendo um índice comparativo em que valores mais próximos de 1 indicam melhor ajuste, com 0,90 sendo a referência para aceitar o modelo; (4) o Root-Mean-Square Error of Approximation (RMSEA), baseia-se em valores residuais, sendo mais ajustado quanto mais próximo for de zero; admitem-se valores de até 0,10, porém tem-se geralmente em conta o ponto de corte de 0,08; e (5) o Expected Cross-Validation Index (ECVI) e o (6) Consistent Akaike Information Criterion (CAIC); os valores de ECVI e CAIC mais baixos indicam melhor ajuste do modelo analisado (Byrne, 2010; Hair et al., 2009; Tabachnick & Fidell, 2013).

Por fim, foi realizada uma análise correlacional entre as medidas de *Percepção de Causa no Estupro (EPCE)* e *Atitudes Frente a Vítimas de Estupro (EAVE)*, por meio do software *SPSS – Statistical Package for the Social Sciences*, em sua versão 21, afim de analisar a validade convergente da medida de *Percepção de Causa no Estupro (EPCE)*.

7. Resultados

Considerando os achados do Estudo 1, checou-se a adequação de uma estrutura com cinco fatores para a *EPCR*, sendo os indicadores meritórios: χ^2/g.l. = 2,01, *GFI* = 0,82, *AGFI* = 0,78, *CFI* = 0,90 e *RMSEA* = 0,07 (IC90% = 0,062-0,080). Ressalta-se que todos os pesos fatoriais (lambdas) foram estatisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $z > 1,96$, $p < 0,05$), variando entre 0,41 (Item 17) e 0,90 (Item 9). Estes índices comparados a um modelo unifatorial ratificam a adequação da estrutura pentafatorial como o mais adequado ao contexto brasileiro, sobretudo considerando os valores de ECVI e CAIC, que foram maiores para o modelo unifatorial (8,55; 1952,5, respectivamente) quando comparados ao pentafatorial (3,23; 912,8, respectivamente). A estrutura final da escala pode ser observada na Figura 2.

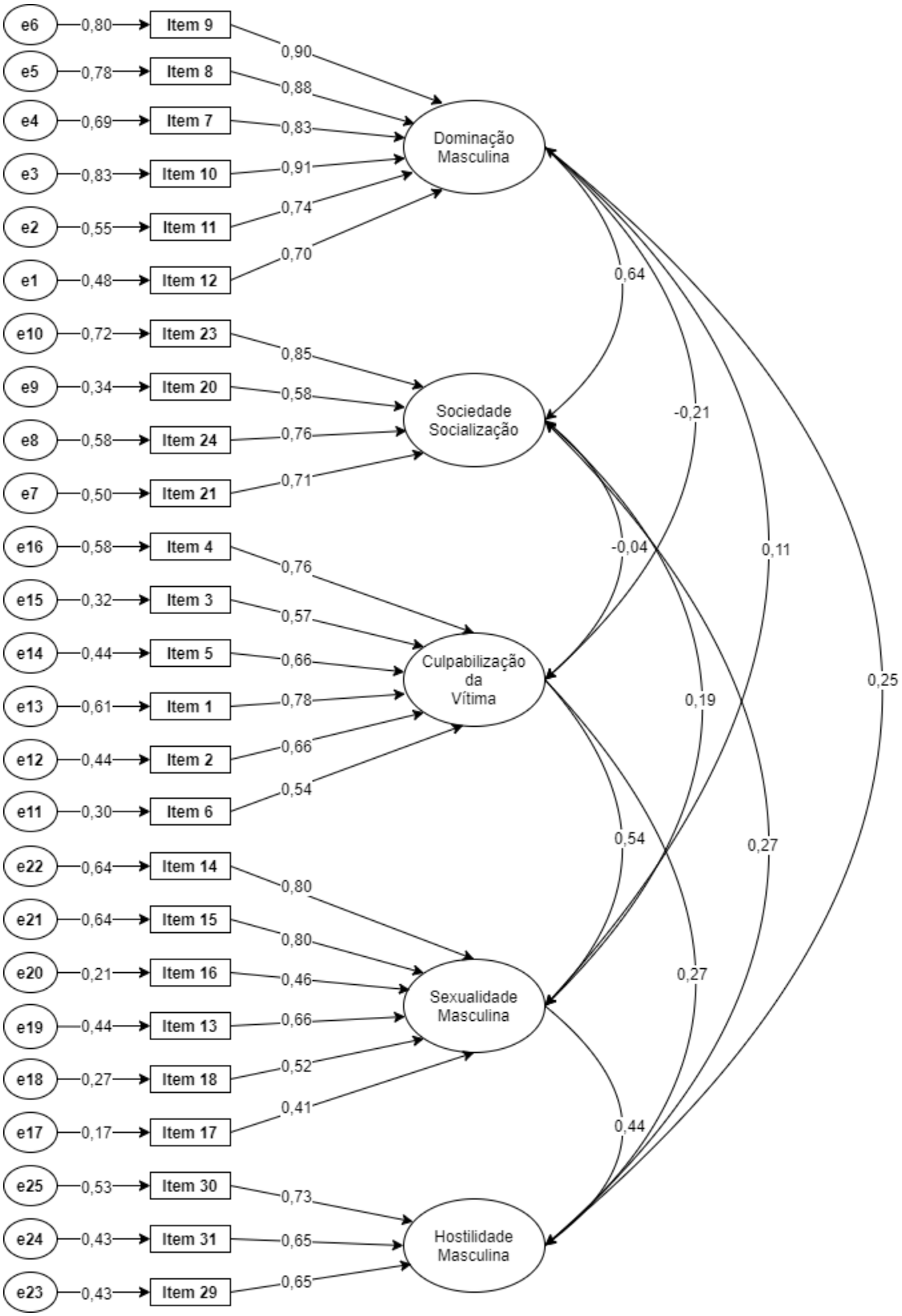


Figura 2. Estrutura fatorial da escala de percepção de causa no estupro.

Conhecida a estrutura fatorial da medida de causas do estupro, decidiu-se avaliar seus indicadores de precisão. No caso, observaram-se os seguintes alfas de Cronbach:

0,92 (*Dominação Masculina*), 0,81 (*Sociedade / Socialização*), 0,77 (*Culpabilização da Vítima)*, 0,73 (*Sexualidade Masculina)* e 0,71 (*Hostilidade Masculina*). Comparados estes coeficientes com aqueles do *Estudo 1*, observou-se que apenas para o terceiro componente (*Sexualidade Masculina*) houve diferença (HW_M = 11,73, $p < 0,01$); em *Culpabilização da Vítima* se verificou diferença marginalmente significativa (HW_M = 4,76, $p = 0,09$), não tendo sido observada qualquer diferença para os demais componentes ($HW_M < 1$).

Por último, no que tange à análise convergente, as pontuações da *Escala de Percepção de Causas do Estupro* se correlacionaram com aquelas dos fatores da *Escala de Atitudes frente a Vítimas de Estupro* (*EAVE*). Especificamente, *Dominação Masculina* se correlacionou negativamente com todos os fatores da *EAVE*: *Culpabilização da Vítima* (r = -0,32, $p < 0,01$), *Credibilidade da Vítima* (r = -0,17, $p < 0,01$) e *Merecimento da Vítima* (r = -0,15, $p < 0,03$); *Sociedade e Socialização* se correlacionou unicamente com o fator *Culpabilização da Vítima* (r = -0,25, $p < 0,01$); *Sexualidade Masculina* o fez com os fatores *Merecimento da Vítima* (r = 0,39, $p < 0,01$) e *Credibilidade da Vítima* (r = 0,37, $p < 0,01$); *Culpabilização da Vítima* (*EPCE*) se correlacionou com todos os fatores da *EAVE*: *Merecimento da Vítima* (r = 0,54, $p < 0,01$), *Credibilidade da Vítima* (r = 0,48, $p < 0,01$) e *Culpabilização da Vítima* (r = 0,25, $p < 0,01$); e, por fim, *Hostilidade Masculina* se correlacionou com os fatores *Credibilidade da Vítima* (r = 0,28, $p < 0,01$) e *Merecimento da Vítima* (r = 0,24, $p < 0,01$).

7.1 Discussões parciais

Neste estudo a estrutura fatorial da escala, assim como no *Estudo 1*, corroborou sua pentadimensionalidade, cuja consistência interna foi dentro do que tem sido observado previamente. Além disso, no que tange a análise convergente da *Escala de*

Percepção de Causa no Estupro (EPCE) com a medida de *Atitudes Frente a Vítimas de Estupro(EAVE)*, apesar de baixos índices nos componentes de *Dominação masculina*, *Sociedade e socialização*, *Sexualidade Masculina* e *Hostilidade masculina*, com os componentes da escala de Atitudes Negativas Frente a vítimas de estupro, estes apresentam significância estatística que suportam sua validade convergente, entretanto demanda-se maiores estudos afim de observar sua validade convergente com outras variáveis (e.g., dominância social, autoritarismo de direita, valores normativos) afim de confirmar sua validade convergente.

8. Discussão

O presente estudo apresentou como objetivo adaptar uma medida de percepção de causa de estupro, tendo em conta a necessidade de entender a percepção dos indivíduos acerca da causa do estupro, afim de auxiliar na compreensão dos fatores que levariam a atitudes negativas frente a vítimas desta violência, este estudo demandou a adaptação de uma medida de percepção de causa do estupro. Neste sentido, este artigo se dividiu em dois momentos, onde o primeiro teve por objetivo a adaptação da medida de Percepção de Causa do Estupro (EPCE) de Cowan e Quinton (1997), em que foi realizada análise fatorial da medida, e em um segundo estudo onde foi feito a análise confirmatória da estrutura fatorial deste instrumento, bem como a análise convergente.

O primeiro estudo se centrou nos aspectos da validade de construto (estrutura fatorial e consistência interna). Em geral, os resultados apontados neste estudo corroboraram aqueles descritos por Cowan e Quinton (1997). Apesar dos critérios de Kaiser e Horn, mostrarem soluções diferentes, optou-se, por levar em consideração o critério de Horn por ser compreendido como o mais robusto pela literatura, este corroborou com a validade de conteúdo, onde os itens saturados estavam de acordo com

os fatores sugeridos por Cowan e Quinto (1997) em seu estudo inicial, sendo estipulado uma estrutura penta fatorial, cuja consistência interna foi satisfatória conforme o que é sugerido na literatura (0,80; Pasquali, 2012).

O segundo estudo buscou reunir evidências psicométricas da adequação da medida *Escala de Percepção de Causa no Estupro* no contexto brasileiro. Sua estrutura fatorial neste momento, assim como no *Estudo 1*, corroborou sua estrutura de cinco fatores, cuja consistência interna foi dentro do que tem sido observado previamente (Cowan e Quinton, 1997).

Além disso, no que tange a análise convergente da *Escala de Percepção de Causa no Estupro (EPCE)* com a medida de *Atitudes Frente a Vítimas de Estupro(EAVE)* foi identificada uma relação significativa entre os fatores das medidas, o fator *Dominação Masculina* se correlacionou de maneira negativa e significativa com todos os fatores da EAVE, demonstrando que quanto mais as pessoas atribuem as causas do estupro a dominação masculina, menos elas culpabilizam a vítima desta violência, bem como, endossando a credibilidade do discurso destas vítimas (*Credibilidade da Vítima*) e assumindo que estas não merecem sofrer tal violência (*Merecimento da Vítima*).

Em relação ao fator *Sociedade e Socialização*, só foi significativa a correlação com o fator *Culpabilização da Vítima* da EAVE, de forma negativa, o que demonstra que pessoas que endossam a percepção de que o estupro é causado devido a uma estrutura social complexa, a sociedade encontra-se como responsável por esta forma de violência, não percebem as vítimas enquanto culpadas.

Já o fator *Sexualidade Masculina* obteve correlação significativa com os fatores *Credibilidade da Vítima* e *Merecimento da Vítima*. Neste sentido, as pessoas que acreditam que o estupro é causado devido a sexualidade desregrada dos homens, tendem

a endossar atitudes negativas quanto a credibilidade do discurso da vítima bem como acreditam que estas merecem o estupro.

Quanto ao componente *Culpabilização da Vítima* da EPCE, apresentou correlação positiva significativa com todos os fatores da EAVE, demonstrando que aqueles que atribuem a causa do estupro ao comportamento da vítima, endossam atitudes negativas frente a estas de maneira generalizada, onde descredibilizam o discurso da mesma, admitindo-as como merecedoras da agressão. Estes fatores são representados por estereótipos de comportamentos das mulheres, e corroboram aos estudos de Spencer (2016) que demonstraram que os estereótipos de gêneros exercem forte relação com a culpabilização da vítima.

Por fim, o fator *Hostilidade Masculina* apresentou correlação positiva com os fatores *Credibilidade da Vítima* e *Merecimento da Vítima*, aqui é observado que mesmo quando os sujeitos admitem a causa do estupro a características dos estupradores, ainda assim tendem a assumir atitudes negativas frente a vítima da violência, endossando crenças que deslegitimam seu discurso e acreditando que estas mereciam tal violência. Estes achados corroboram com os estudos de Sussenbach, Eyssel, Rees e Bohner (2017), que demonstraram que por mais que as pessoas tenham acesso a características do agressor, estes preferem características sobre a vítima para designar a culpa no estupro, demonstrando que independentemente das características do agressor, o alvo analisado na atribuição de culpa no estupro é a vítima.

Estes achados demonstram que atitudes negativas frente a vítimas de estupro estão associadas a atributos individuais, pois foi verificado que todos os fatores nesta dimensão (Sexualidade Masculina, Culpabilização da Vítima e Hostilidade Masculina) se correlacionaram positivamente com os fatores da EAVE, sendo estes resultados também verificados em outros estudos (Akvardar & Yüksel 1993; Barbosa, 2017;

Gölge, Yavuz, Müderrisoğlu, & Yavuz, 2003). Entretanto, é importante destacar que muitos desses achados também estão associados à forma como este fenômeno é pesquisado, é notória a escassez de estudos que investigam outras variáveis que influenciam na percepção dos indivíduos acerca das vítimas de estupro. Diferente dos demais estudos, os resultados demonstram que quanto mais os indivíduos endossam crenças de que o estupro está associado a dimensões sociais (Sociedade e Socialização e Dominação Masculina), menos estes tendem a culpabilizar a vítima, sendo esta percepção mais forte quando os sujeitos admitem a existência da influência da dominação masculina neste contexto.

Neste sentido, pode-se considerar que a escala aqui adaptada contribui para o entendimento dos processos de percepção de causa no estupro bem como de atribuição de culpa neste cenário. Entretanto, o processo de validade de um instrumento é continua, novas pesquisas são sugeridas para garantir a confiabilidade deste instrumento, o que demanda estudos futuros. É necessário considerar as limitações deste estudo, uma destas foi a falta de exploração acerca da estrutura bifatorial dos estilos sociais e individuais que englobam todos os fatores da escala, esta estrutura é sugerida pelos autores do instrumento e neste trabalho foi inexplorado, por mais que o presente estudo demonstre evidências da validade do instrumento, esta dimensão do mesmo ficou insondável pelos resultados obtidos, desta forma, é importante que estudos futuros busquem investigar a existência desta estrutura do instrumento, corroborando a sua validade. Além da falta de exploração aprofundada do instrumento, uma outa limitação se volta a amostra quando considerado a população brasileira como um todo, mesmo a amostra deste trabalho estando dentro dos parâmetros estatísticos; a amostra se restringiu somente a população universitária, sugere-se novos estudos com a população geral, sugerindo desta forma, pesquisas de cunho experimental afim de confirmar o

poder preditivo desta medida, bem como, estudos na área criminal, com agressores e vítimas, propondo a compreender melhor como estes compreendem as causas desta violência, sugerindo também, trabalhos na área de rede de apoio a vítima (*e.g.*, Policiais, assistentes sociais, médicos, psicólogos e enfermeiros) afim de analisar a percepção destes acerca da causa do estupro e da implicação destas crenças no manejo com as vítimas.

Referências

Akvardar, Y., & Yüksel, S. (1993). Cinsel tecavüze uğrayan kişilere karşı alınan tavır (Attitudes toward rape victims). *Nöropsikiyatri Arşivi*, 30, 347-351.

Barbosa, L. H. G. M.(2017). *Atitudes frente as vítimas de estupro: O papel de variáveis socioculturais e sociopsicológicas*. Tese de doutorado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.

Bourdieu, P. (1998). *A dominação masculina* (3ª ed.). Rio de Janeiro: BestBolso.

Bumby, K. (1996). Assessing the cognitive distortions of child molesters and rapists: Development and validation of the MOLEST and RAPE scales. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, *8*, 37–54.

Burt, M. R. (1980). Cultural myths and supports for rape. *Journal of Personality and Social Psychology*, *38*, 217-230.

Brasil (2015). *Fórum de Segurança Pública. Anuário brasileiro de segurança pública, 2015*. Recuperado em 01 de agosto, 2019 de http://www.forumseguranca.org.br/storage/download/anuario_2015.retificado_.pdf

Byrne, B. M. (2010). *Structural equation modeling with Amos: Basic concepts, applications, and programming*. (2° ed.). New York: Routledge.

Cowan, G., & Quinton, W. J. (1997). Cognitive style and atitudinal correlates of the perceived causes of rape scale. *Psychology of Women Quarterly*, 21, 227-245.

Costin, F. (1985). Beliefs about rape and women's social roles. *Archives of Sexual Behavior*, *14*, 319–325.

Cook, S. L. (1995). Acceptance and expectation of sexual aggression in college students. *Psychology of Women Quarterly*, *19*, 181–194.

Coker, A.L., Cook-Craig, P.G., Williams, C.M., Fisher, B.S., Clear, E.R., Garcia, L.S., & Hegge, L.M. (2011). Evaluation of Green Dot: An active bystander intervention to reduce sexual violence on college campuses. *Violence Against Women*, *17*, 777–796.

Ferreira, A. B. H. (1999). *Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Frazier, P. A. (2003). Perceived control and distress following sexual assault: A longitudinal test of a newmodel. *Journal of Personality and Social Psychology*, *84*, 1257–1269.

Gölge, Z. B., Yavuz, M. F., Müderrisoglu, S., & Yavuz, M. S. (2003). Turkish university students' attitudes toward rape. *Sex Roles*, 49, 653-661.

Hair, J. F., Tatham, R. L., Anderson, R. E.Black, W. C.,, &. (2009). *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre, Bookman Editora.

Hermann, C.A., Babchishin, K.M., Nunes, K.L., Leth-Steensen, C., & Cortoni, F. (2012). Factor structure of the Bumby RAPE Scale: A two-factor model. *Criminal Justice and Behavior*, *39*, 869–886.

Koss, M. P., Abbey, A., Campbell, R., Cook, S., Norris, J., Testa, M., & White, J. (2007). Revising the SES: A collaborative process to improve assessment of sexual aggression and victimization. *Psychology of Women Quarterly*, *31*, 357–370.

Lanier, C. A., & Elliot, M. N. (1997). A new instrument for the evaluation of a date rape prevention program. *Journal of College Student Development*, *38*, 673–676.

Loughnan, S., Pina, A., Vasquez, E. A., & Puvia, E. (2013). Sexual objectification increases rape victim blame and decreases perceived suffering. *Psychology of Women Quarterly*, *37*, 455–461.

Lottes, I. L. (1991). Belief systems: Sexuality and rape. *Journal of Psychology and Human Sexuality*, *4*, 37–59.

McMahon, S., & Farmer, G. L. (2011). An updated measure for assessing subtle rape myths. .*Social Work Reasearch, 35*, 71- 81.

Nascimento, B. S. (2015). *Atitudes frente a violência contra a mulher: O papel dos valores e da desumanização da mulher*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.

Pasquali, L. (2012). *Análise fatorial para pesquisadores*. Brasília, DF: LabPam.

Payne, D. L., Lonsway, K. A. & Fitzgerald, L. F. (1999). Rape myth acceptance: Exploration of its structure and its measurement using the Illinois Rape Myth Acceptance Scale, *Journal of Research in Personality*, *33*, 1, 27-68.

Price, E. L., & Byers, E. S. (1999). The dating violence research team the attitudes towards dating violence scales: Development and initial validation. *Journal of Family Violence, 14*, 4, 351-375.

Scarpati, A. S., Guerra, V. M.,& Duarte, C. N. B. (2014). Adaptação da escala de aceitação dos mitos de estupro: Evidências de validade. *Avaliação Psicológica*, *13*, 1, 57-65.

Sommacal, C. L., Tagliari, P. A. (2017). A cultura de estupro: o arcabouço da desigualdade, da tolerância à violência, da objetificação da mulher e da culpabilização da vítima. *Revista da ESMESC, 24*, 30, 245-268.

Spencer, B. (2016). The impact of class and sexuality-based stereotyping on rape blame. *Sexualization, Media, & Society*, 1-8.

Süssenbach. P., Eyssel. F., Rees, J., & Bohner, G. (2017). Looking for blame: Rape myth acceptance and attention to victim and perpetrator. *Journal of Interpersonal Violence, 37*, 15, 2323–2344.

Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using multivariate statistics*. (6° ed). Boston, MA: Allyn and Bacon.

Ward, C., (1988). The attitudes toward rape victims scale. *Psychology of Women Quarterly*. *12*, 127-146.

Artigo 2

Atitudes frente a vítimas de estupro: Uma explicação pautada nos valores normativos e na orientação a dominância social.

Attitudes towards rape victims: An explanation based on normative values and guidance on social dominance.

Actitudes hacia las víctimas de violación: Una explicación basada en valores normativos y orientación sobre el dominio social.

Francicléia Lopes Silva

Universidade Federal da Paraiba

Valdiney Veloso Gouveia

Universidade Federal da Paraiba

Resumo: Objetivou explicar as atitudes negativas frente a vítimas de estupro por meio dos valores humanos, orientação a dominância social e mediação da percepção de causa do estupro, buscando verificar variáveis que minimizam o apoio a estas atitudes. Contou com 369 estudantes universitários, com idade média de 21,32 anos (*DP* = 4,53; amplitude de 18 a 49 anos), sendo a maioria do sexo masculino (52,9%), solteiros (87,7%) e heterossexuais (82,7%). Trata-se de um estudo quase-experimental, neste sentido os participantes leram uma vinheta em que era retratado um estupro e em seguida responderam aos instrumentos: *Escala de Percepção de Causa do Estupro (EPCE), Escala de Atitudes Frente a Vítimas de Estupro (EAVE), Questionário de Valores Básicos, Escala de Orientação a Dominância Social SDO*, além de um questionário sociodemográfico. Os resultados corroboraram as hipóteses do estudo, sugerindo que a percepção de causa do estupro de ordem social é um mediador na diminuição da culpabilização da vítima, além disso, as vítimas negras são mais culpabilizadas.

Palavras- chave: Atitudes, vítimas de estupro, valores humanos, orientação a dominância social, percepção de causa do estupro.

Abstract: It aimed to explain the negative attitudes towards rape victims through human values, orientation to social dominance and mediation of the perception of the rape cause, seeking to verify variables that minimize support for these attitudes. It had 369 university students, with an average age of 21.32 years (SD = 4.53; range of 18 to 49 years), the majority being male (52.9%), single (87.7%) and heterosexuals (82.7%). This is a quasi-experimental study, in this sense the participants read a vignette in which a rape was portrayed and then responded to the instruments: Scale of Perception of Rape Cause (EPCE), Scale of Attitudes towards Rape Victims (EAVE), Basic Values Questionnaire, SDO Social Dominance Orientation Scale, in addition to a sociodemographic questionnaire. The results corroborated the hypotheses of the study, suggesting that the perception of cause of rape of social order is a mediator in reducing the victim's blame, in addition, black victims are more blamed.

Key words: Attitudes, rape victims, human values, orientation towards social dominance, perception of the cause of rape.

Resumen: Su objetivo era explicar las actitudes negativas hacia las víctimas de violación a través de los valores humanos, la orientación al dominio social y la mediación de la percepción de la causa de la violación, buscando verificar las variables que minimizan el apoyo a estas actitudes. Tenía 369 estudiantes universitarios, con una edad promedio de 21.32 años (DE = 4.53; rango de 18 a 49 años), la mayoría eran hombres (52.9%), solteros (87.7%) y heterosexuales (82.7%). Este es un estudio cuasi experimental, en este sentido, los participantes leyeron una viñeta en la que se retrató una violación y luego respondieron a los instrumentos: Escala de percepción de la causa de violación (EPCE), Escala de actitudes hacia las víctimas de violación (EAVE), Cuestionario de valores básicos, Escala de orientación de dominancia social SDO, además de un cuestionario sociodemográfico. Los resultados corroboraron las hipótesis del estudio, lo que sugiere que la percepción de la causa de la violación de un orden social es un mediador para reducir la culpa de la víctima, además, las víctimas negras son más culpables.

Palabras clave: Actitudes, víctimas de violación, valores humanos, orientación hacia el dominio social, percepción de la causa de la violación.

1. Introdução

Nos casos de estupro, apesar da consciência de que o agressor do estupro se configura no homem, muito tem-se debatido sobre a percepção da culpa neste cenário que por vezes recai sobre a vítima, levantando debates sobre sua conduta, descaracterizando o estupro enquanto uma violência. Estas discussões dão espaço para interpretações do estupro como sendo a satisfação de um impulso sexual incontrolável do homem, e a mulher enquanto uma figura de fragilidade, sedutora e de objeto que estaria disponível a todo tempo para satisfazer tal "necessidade" (Peixoto & Nobre, 2015).

Os estudos acerca da culpabilização da vítima surgiram com o termo *Victim Blaming* na década de 1970 com os estudos de William Ryan voltados para a discriminação racial, e que logo em seguida foi adotado para a percepção da culpa da vítima de estupro (Schoellkopf, 2012). O *Canadian Resource Centre for Victims of Crime* (Illingworth, 2007) considera a percepção de culpa da vítima de duas maneiras, se configurando como uma forma interna, atribuindo a culpa a características pessoais da vítima, e outra de caráter externo, em que se observa a culpa no ambiente e no contexto em que se deu a agressão. Denota-se que ambas as perspectivas afastam o agressor da culpa da violência (Sommacal & Tagliari, 2017). Esta visão legitima a atribuição de culpa a vítima de estupro que por vezes está inscrita na roupa, o horário, a relação da vítima com seu agressor (seja este um conhecido ou desconhecido), local e ingestão de álcool que venha a exibir no contexto em que ocorreu a violência. Nesta direção, faz-se importante investigar a influência de variáveis de cunha individual da vítima (e.g., roupa da vítima, etnia da vítima) e do contexto em que ocorreu a agressão de estupro (e.g., saída de uma festa ou trabalho; rua ou apartamento) em atitudes negativas frente a vítimas de estupro.

As atitudes frente a vítimas de estupro podem ser compreendidas como atitudes e percepções favoráveis ou desfavoráveis em relação a pessoas que sofreram estupro, englobando o merecimento, o grau de culpa, a credibilidade e a descrença na vítima (Ward, 1988). Neste sentido, as pessoas que apresentam atitudes negativas a vítimas de estupro tendem a minimizar ou deslocar a culpa do estupro do agressor para a vítima. As consequências da percepção e atitudes negativas frente a vítimas de estupro pode ser percebida pelo baixo índice de denúncia da agressão por parte das vítimas, no Brasil somente 10% de todos os casos de estupro no país são denunciados (Cerqueira, Coelho & Ferreira, 2014).

Além dos fatores que apoiam atitudes negativas frente a vítimas de estupro, vê-se uma crescente luta em oposição a estas atitudes, a despeito do movimento feministas. Este último surgiu no final do século XIX, quando na Inglaterra, as mulheres se uniram em luta por seus direitos, principalmente por salários igualitários e o direito ao voto (Pinto, 2010). No Brasil, o movimento surgiu em 1932, também com lutas pelo direito ao voto (Costa, 2005). Entretanto, o movimento ganha uma particularidade em combate à violência contra mulheres (Silva, Mata & Silva, 2017), já que o Brasil se configura como um dos países mais violentos para as mulheres. Isto pode ser observado na pesquisa de 2018 divulgada pelo UNODC (Escritórios de Nações Unidas para Crime e Drogas), a qual revelou que a taxa de homicídio global contra as mulheres foi de 2,3 mortes para cada 100 mil mulheres em 2017, enquanto que no Brasil este número subiu para quatro mulheres mortas a cada 100 mil em 2018, isto é, 74% superior à média mundial (Bueno & Lima, 2019).

Na perspectiva feminista, a violência sexual é explicada de forma contextual, não se tratando de ocorrências isoladas ou de efeitos de agentes psicológicos internos (Freitas &Morais, 2019). É a partir de discussões feminista que se adota o termo

"cultura do estupro", entendido como um conjunto de crenças que encorajam agressões sexuais masculinas e dá suporte a violência contra a mulher, compreendendo as mulheres como sensuais e merecedoras da violência sofrida, gerando aportes que justificam a violência sexual de tal modo que não somente homens, mas as próprias mulheres passam a assumir a violência sexual como um "fato" da vida, compreendendo-a como inevitável (Buchwald, 1993). A cultura do estupro dá bases aos mitos de estupro e atitudes negativas frente a vítimas de estupro.

Denota-se a importância de compreender quais fatores favorecem atitudes negativas frente a vítimas de estupro, alguns questionamentos são relevantes: Estão incutidas em atributos individuais das vítimas, ou sujeitas a instâncias de ordem social, ou ainda, dizem respeito aos valores humanos subjacentes a atitudes dos indivíduos? Nessa perspectiva, o presente estudo busca analisar a influência dos valores humanos normativos e o endosso a constructos sociais de ordem discriminatória (orientação a dominância social) na percepção de causa e culpa no estupro, bem como em atitudes negativas frente as vítimas, além de analisar variáveis que diminuam atitudes negativas frente a vítimas de estupro, a despeito do endosso ao movimento feminista e de percepção de causa do estupro de ordem social. Para isto, foi utilizado um cenário experimental afim de salientar características individuais da vítima de estupro (etnia e roupa) e do contexto da violência (saída do trabalho ou festa), afim de observar se estes atributos individuais da vítima e do cenário influenciam na intensificação da atribuição de culpa a vítima. Por fim, foi elaborado um modelo explicativo para atitudes negativas frente a vítimas de estupro.

Diante do exposto, o presente estudo busca responder as seguintes hipóteses:

Hipótese 1. As atitudes frente a vítimas de estupro e percepção de causa do estupro será mais intensa para os homens, onde estes últimos apresentarão médias

superiores as mulheres em atitudes negativas e percepção de causa do estupro de ordem individual.

Hipótese 2. Os sujeitos que se identificam com o movimento feminista irão diferir dos demais sujeitos de maneira positiva em relação as vítimas, ou seja, atribuirão as causas do estupro a fatores de ordem social, e apresentarão menor endosso a orientação a dominância social, bem como apresentarão menos atitudes de culpabilização da vítima.

Hipótese 3. As subfunções valorativas de necessidades materiais estarão relacionadas ao endosso de atitudes frente a vítimas de estupro e com a percepção de causa do estupro de ordem individual.

Hipótese 4. As subfunções valorativas de necessidades idealistas estarão relacionadas ao apoio de atitudes positivas frente a vítimas, ou seja, estarão correlacionados de forma negativa com os componentes de atitudes frente a vítimas de estupro e positivamente com a percepção de causa do estupro de ordem social.

Hipótese 5. As condições experimentais exercerão influência na culpabilização da vítima, sendo mais forte nos cenários em que a vítima é apresentada como negra, em detrimento do contexto da violência.

Hipótese 6. Orientação a dominância social será preditora de atitudes negativas frente a vítimas de estupro.

Hipótese 7. Os valores normativos serão preditores de atitudes negativas frente a vítimas de estupro.

Hipótese 8. A percepção de causa do estupro de ordem social prediz negativamente atitudes negativas frente a vítimas de estupro.

Hipótese 9. Os valores normativos exercerão uma relação de mediação entre o efeito da orientação a dominância social e culpabilização da vítima

Hipótese 10. A percepção de causa do estupro de ordem social será um mediador de forma negativa entre orientação a dominância social e culpabilização da vítima.

1.1. Orientação a Dominância Social

A dominância social é compreendida por meio de duas crenças centrais, a primeira estabelece que é necessária a existência de grupos dominantes e de grupos que estejam em uma posição mais abaixo na sociedade, enquanto que a segunda preconiza que os grupos inferiores ou subjugados devem permanecer em suas posições (Días-Lázaro, Castañeiras, Ledesma, Verdinelli, & Rand, 2014). Desta forma a orientação a dominância social possui duas maneiras de manifestação, a primeira delas denominada de dominância é caracterizada pelo apoio à opressão e comportamentos intergrupais agressivos projetados para manter a subordinação de um ou mais grupos, enquanto que a segunda nomeada de igualitarismo, implica uma preferência por desigualdades intergrupais que são mantidas por uma rede inter-relacionada de ideologias e políticas (Ho, Sidanius, Pratto, Levin, Thomsen, Kteily, & Sheehy- Skeffington, 2012).

A subdimenssão de dominância (SDO-D) representa uma preferência por hierarquias de dominância baseadas em grupos, nas quais grupos dominantes oprimem ativamente grupos subordinados, apoiando comportamentos agressivos direcionados a grupos inferiores, o que implica no endosso de crenças que justificariam a opressão e competição entre os grupos (Sidanius & Pratto, 2012).

A segunda subdimensão da SDO, a igualitarismo (SDO-E), representa a oposição à igualdade entre grupos, apoiada por uma rede de crenças e políticas sociais que melhoram a hierarquia. Esta dimensão previu melhor o conservadorismo político nos Estados Unidos, o apoio a ideologias que sutilmente justificariam a desigualdade e a oposição a políticas que trariam mais igualdade intergrupal. Em contraste com a SDO-

D, os tipos de atitudes e políticas de melhoria da hierarquia previstas pela SDO-E normalmente não envolvem confrontos violentos. A SDO-E é, portanto, de natureza mais sutil e representa o apoio ao acesso intergrupal diferencial ao poder e aos recursos que não precisam envolver dominação e opressão direta (Ho et al., 2015).

A orientação à dominância social se baseia na ideia de um mundo majoritariamente competitivo, nesta direção os indivíduos buscam em geral poder e superioridade sobre os outros tendendo a se opor a movimentos que lutam pela igualdade social, a despeito do feminismo (Duckitt, Wagner, Plessis & Birum, 2002; Sidanius & Pratto, 2012), o que demonstra que pessoas que abonam altos níveis de dominância social tendem a observar o estupro como uma manifestação de poder e consequentemente legitimarem tal violência (Farias, 2019).

Existem evidências da correlação entre orientação a dominância social e o endosso a hierarquia entre homens e mulheres (Lippa & Arad, 1999). Lippa (1995) descobriu que a masculinidade estava significativamente associada ao autoritarismo e à dominância social dos homens, estando também relacionada a atitudes negativas em relação aos gays e aos direitos das mulheres. Outros estudos também mostraram que pessoas com alto nível de orientação a dominância social tendem a abonar o sexismo hostil e mitos de estupro (Días-lázaro et al., 2014; Sussenbach & Bohner, 2011). Farias (2019) demonstrou que existe uma relação entre a maior culpabilização de mulheres vítimas de estupro por indivíduos com altos níveis de autoritarismo de direita e de orientação à dominância social, demonstrando também que estes fatores eram mais fortemente relacionados aos homens.

1.2. Teoria Funcionalista dos Valores Humanos Básicos

Os valores humanos são compreendidos como centrais na preferência e no julgamento de atitudes e ações humanas (Rokeach, 1981), sendo alvo de diversas

discussões e desenvolvimentos teóricos, surgindo modelos que os relatam nos âmbitos individual/ pessoal e grupal/ cultural (Rezende, Gouveia, Nascimento, Vilar, & Oliveira, 2019). Neste cenário será adotado uma perspectiva mais individual sobre a compreensão dos valores humanos, optando pela Teoria Funcionalista dos Valores Humanos de Gouveia (2013).

Segundo Gouveia (2013), todas as pessoas possuem valores, o que as diferencia é a magnitude que cada sujeito prioriza cada valor. Os valores humanos tem funções de guiar os comportamentos (tipo de orientação), expressa que as pessoas podem ser orientadas por metas pessoais (em favor deles mesmos) e entre tais metas, existem os valores centrais que contemplam o propósito geral da vida, abrangendo metas sociais e pessoais (Gouveia, 2016).

A Teoria Funcionalista dos Valores Humanos considera as seguintes características para definir os valores humanos: (a) São conceitos ou categorias, (b) são estados desejáveis da existência, (c) que transcendem situações específicas, (d) assumindo diferentes graus de importância, (e) guiam a seleção ou avaliação de comportamentos e eventos e (f) representam cognitivamente as necessidades humanas. Desta forma, Gouveia (1998), tem identificado as funções dos valores humanos, a ideia de guiar as ações do homem (tipo de orientação, Rockeach, 1973; Schwartz, 1992), e expressão de necessidades (tipo de motivador, Inglehart, 1977; Maslow, 1954).

O tipo de orientação, que diz respeito à função de guia do comportamento humano, pode ser social, central e pessoal. As pessoas guiadas por valores sociais tendem a ter maior ênfase nas relações interpessoais, enquanto pessoas com valores pessoais são mais egocêntricas. Os valores centrais neste sentido, servem como base organizadora para os demais valores, se situando no centro, entre os valores sociais e pessoais, estes valores servem de referência para os demais, pois representam as

necessidades mais básicas (e.g., Comer, beber), e as ordens superiores (e.g., Cognição, beleza) (Souza, Gouveia, Lima, & Santos, 2015).

A função de expressar as necessidades humanas é representada pela dimensão tipo de motivador, da qual derivam os valores materialistas ou idealistas (Inglehart, 1977). Os valores materialistas se voltam para ideias pragmáticas, práticas e normativas, enquanto que os valores idealistas tendem a influenciar uma visão mais geral, universal, baseada em ideias abstratas (Souza et al., 2015). A combinação das funções de guia do comportamento e de expressão de necessidades dos valores resultam em seis subfunções: experimentação, suprapessoal, interativa, realização, existência e normativa.

A *subfunção experimentação* é compreendida pelo princípio do prazer, sendo menos pragmática na busca de status sociais, esses valores contribuem para a mudança na estrutura de organizações, sendo mais endossado por jovens. São indicadores desta subfunção os valores, prazer, emoção e sexualidade (Gouveia, 2013).

Subfunção realização é representada pela necessidade de autoestima, sendo originado a partir de princípios pessoais, focalizam realizações materiais, podendo exigir interações sociais prósperas. Estes valores são mais fortes em jovens adultos, onde o êxito, poder e prestígio são valores desta subfunção (Gouveia, Milfont, Fischer & Santos, 2008).

A *subfunção suprapessoal* tem uma orientação central, representando necessidades cognitivas e estéticas, bem como a necessidade superior de autorrealização, podendo ser concebidos como idealistas, com menos ênfase em coisas materiais. Pessoas com esses valores tendem a ver as coisas de um ponto universal, mais amplamente e geral. Os valores de beleza, maturidade e conhecimento são representantes para esta subfunção (Gouveia, 2016).

As necessidades fisiológicas básicas são representadas pela *subfunção existência*, bem como a necessidade de segurança. Tem como propósito garantir as condições básicas para a sobrevivência biológica e psicológica do sujeito, endossados por indivíduos em contexto de escassez econômica, pode ser representada pelos valores de sobrevivência, saúde e estabilidade pessoal (Souza et al., 2015).

Segundo Gouveia (2013), a *subfunção interativa* ressalta a interação afetiva entre os indivíduos, representada pela busca de pertença, amor e afiliação, enfatizando atributos mais afetivos e abstratos. Pessoas que são guiadas por essa subfunção tendem a ter relacionamentos mais estáveis, sendo esta representada pelos valores de afetividade, apoio social e convivência.

A *subfunção normativa* é o reflexo da necessidade de preservação e manutenção da cultura e normas convencionais, sendo a obediência a autoridade algo importante. Pessoas mais velhas são mais propensas a seguir esta subfunção, onde os três valores que melhor representam esta subfunção são os valores de obediência, religiosidade e tradição (Souza et al., 2015).

Existem evidências da relação dos valores humanos com comportamentos delitivos, sendo os valores de necessidade materiais que mais se destacam (e.g., Formiga, 2006; Formiga, Cavalcante, Araújo, Lima & Santana 2007; Santos, 2008; Medeiros, Sá, Monteiro, Santos & Gusmão, 2017 ; Vasconcelos, Gouveia, Souza Filho, Sousa & Jesus, 2004). Farias (2019) demonstrou que existe uma correlação entre os valores normativos e a culpabilização da vítima de estupro. Nesta mesma direção, Scarpati (2012) demonstrou uma associação positiva entre os valores normativos com a aceitação dos mitos de estupro. Barbosa (2017) em seu estudo sobre as propriedades valorativas que as vítimas endossam em suas vidas, mostrou que os observadores

tendiam a atribuir mais culpa a vítima quando estas endossavam valores de experimentação.

Nesta configuração, os valores normativos, que prezam por tradições, religiosidade e pelas normas que regem a sociedade (Gouveia, 2013), se inserem como uma variável que reforça uma estrutura em apoio as atitudes negativas frente a vítimas de estupro (Farias, 2019). Além dos valores humanos, a orientação a dominância social se apresenta como um constructo preditor de atitudes frente a vítimas de estupro, Canto, García e Novas (2018) verificaram que sujeitos com maior pontuação em orientação a dominância social em conjunto ao autoritarismo de direita tendem a culpabilizar mais as vítimas de estupro. Compreendendo a orientação a dominância social como uma variável ideológica que reforça a aceitação da superioridade de grupos sobre outros (Sidanius & Pratto, 1999), pode-se aferir que pessoas que apoiam essas crenças aceitam mitos legitimadores da superioridade dos homens sobre as mulheres (e.g., sexismo, machismo). Em oposição a esta configuração, estão os indivíduos que endossam movimentos de apoio a igualdade de gênero (feminismo) e que percebem o estupro como uma violência acarretada por questões de ordem social (Cowan & Quinton, 1996).

É sabido que diversos estudos tem utilizado amplamente de condições experimentais afim de observar atitudes frente a violência sexual e suas vítimas, a despeito do estudo de Bell, Lottes e Kuriloff (1994), no qual fizeram uso de condições experimentais em que contou com três cenários experimentais. O primeiro manipulando o agressor, sedo este um desconhecido, ou um parceiro da vítima; em uma segunda condição foi manipulada a aceitação de carona por uma vítima que no caminho sofria estupro; e em um outro cenário a vítima sofria estupro após um encontro com o agressor, além das características da situação da violência os participantes eram informados quanto ao agressor ser ou não um estudante. O estudo de Spencer (2016)

também explora o uso de cenários experimentais onde se manipula a condição financeira da vítima de estupro, os cenários deste estudo relatam um depoimento policial em que a vítima buscou denunciar a agressão, nos quais foram manipulado sua profissão (Caixa vs. Contador) e o local em que a mesma reside (Apartamento vs. Casa), este último se tratando do local em que ocorria a agressão.

No estudo de Hockett, Smith, Klausing e Saucier (2016) foram manipuladas variáveis com relação a roupa da vítima, nos cenários experimentais os autores relataram que a vítima usava um mini vestido transparente ou um mini vestido, além de manipularem o horário em que a violência ocorria (Dia vs. Noite), os autores ainda relatam o uso de manipulação das variáveis etnia, uso de álcool das vítimas e orientação sexual do agressor, mesmo estas últimas não sendo adotadas nas análises finais do estudo. Um estudo brasileiro com o mesmo caráter, desenvolvido por Barbosa (2017) usou condições experimentais em que foram manipuladas as propriedades valorativas da vítima (normativa, interativa, experimentação e realização) e o ambiente em que ocorria a violência (Festa vs. Congresso), afim de investigar a percepção de atitudes negativas frente a vítimas de estupro.

Tendo em consideração evidências satisfatórias do uso de cenários experimentais na investigação de atitudes frente à violência sexual (Barbosa, 2017; Bell, Lottes e Kuriloff, 1994; Cowan & Quinton, 1996; Hockett, Smith, Klausing & Saucier, 2016), o presente estudo adotou cenários experimentais, em que era relatado um estupro, manipulado o contexto em que a violência ocorria (Saída da vítima de uma festa vs. Saída da vítima do trabalho) e a etnia da vítima (Negra vs. Branca), concomitantemente foram usados as escalas: *Escala de Orientação a Dominância Social SDO*, *Escala de percepção de Causa do Estupro (EPCE)*, *Escala de Atitudes Frente a Vítimas de Estupro (EAVE)*, *Questionário de Valores Básicos QVB*.

2. Método

2.1. Delineamento

Trata-se de um estudo quase experimental, tendo em vista que não houve a aleatorização dos participantes nas condições experimentais, com desenho 2 (Etnia da vítima: Vítima negra vs. Vítima branca) x 2 (Contexto: Saída de festa vs. Saída do trabalho).

2.2. Participantes

Participaram deste estudo 369 estudantes universitários. Estes tinham média de idade de 21, 32 anos (*DP* = 4,53; amplitude de 18 a 49 anos), sendo a maioria do sexo masculino (52,9%), solteiros (87,7%), heterossexuais (82,7%) e pardos (47,4%) (*DP* = 0,97). Estes estudantes se encontravam cursando o primeiro período letivo (27,6%, *DP* = 2,06), 55,9% (*DP* = 0,49) se identificam com movimentos sociais, em sua maioria declararam apoiar o movimento feminista (31%, *DP* = 0,51), bem como se encontram na média quanto ao rendimento financeiro (49,7%, *DP* = 1,13).

2.3. Instrumentos

Os participantes responderam a um questionário sociodemográfico (idade, sexo, orientação sexual, nível de religiosidade, etnia, identificação com movimentos sociais, posicionamento político e estado civil), e aos instrumentos descritos a seguir:

A *Escala de Percepção de Causa do Estupro (EPCE)*, desenvolvida por Cowan e Quinton (1997) adaptada no primeiro artigo desta dissertação. É composta por 24 itens, sendo estes distribuídos em uma estrutura pentafatorial: Dominação Masculina (DM) (*e.g., O estupro é causado pela crença dos homens de que é direito deles usar qualquer mulher para fins sexuais*; α=0,92), Sociedade / Socialização (SS) (*e.g., O estupro é causado pela maneira como a mídia retrata as mulheres*; α= 0,86), Culpabilização da Vítima (CV) (*e.g., O estupro é causado por mulheres que se vestem*

de maneira sensual; α=0,86), Sexualidade Masculina (SM) (*e.g., O estupro é causado pelo fato de homens não terem sexo suficiente em suas relações*; α=0,84), e o fator Hostilidade Masculina (HM) (*e.g., O estupro é causado por sentimentos de inferioridade, insuficiência e baixa autoestima dos homens*; α = 0,70). A mesma consta com uma escala de resposta tipo Likert que varia de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente).

Escala de Atitudes Frente a Vítimas de Estupro (EAVE), desenvolvida por Ward (1988), adaptada para o contexto brasileiro por Barbosa (2017), este instrumento contém 25 itens, onde os participantes se utilizam de uma escala de resposta de cinco pontos variando de 1 (discordo fortemente) a 5 (concordo fortemente). Apesar da versão original do instrumento sugerida por Ward (1988) demonstrar uma dimensão unifatorial, a versão adaptada para o brasil apresenta uma estrutura trifatorial, denominados de credibilidade da vítima (CV) *(e. g., Uma mulher que foi estuprada é uma mulher menos desejável;* α= ,82), merecimento da vítima (MV) *(e.g., Mulheres sexualmente experientes não são realmente agredidas por estupro;* α= 0,80) e culpa da vítima (CV) *(e. g., Uma mulher estuprada geralmente é uma vítima inocente;* α=0,60).

Questionário de Valores Básicos, desenvolvido por Gouveia (2013), este instrumento conta com 18 itens, tendo por finalidade mensurar os valores humanos de acordo com as seis subfunções: *experimentação* (emoção, prazer e sexualidade) e *realização* (êxito, poder e prestígio), *existência* (estabilidade pessoal, saúde e sobrevivência) e *suprapessoal* (beleza, conhecimento e maturidade), *interativa* (afetividade, apoio social e convivência) e *normativa* (obediência, religiosidade e tradição). Os valores são representados por dois descritores cada, a exemplo, (*e.g., Conhecimento: Procurar notícias atualizadas sobre assuntos pouco conhecidos; tentar descobrir coisas novas sobre o mundo)*. O instrumento conta com uma escala de

resposta tipo likert que varia de 1 (*Sem importância alguma*) a 7 (*De suprema importância*).

Escala de Orientação a Dominância Social SDO, desenvolvida por Sidanius e Pratto (1999) busca avaliar níveis individuais de orientação à dominância social, adaptada para o Brasil por Cantal, Milfont, Wilson e Gouveia (2014). Este instrumento consta com uma escala de tipo Likert variando de 1 (totalmente em desacordo) a 7 (totalmente de acordo), composta por 16 itens, oito referentes a igualdade (5, 6, 7, 8, 13, 14, 15 e 16) (*e.g., Seria bom que todos os grupos pudessem ser iguais*), sendo estes descritos de maneira invertida, e oito referentes a dominância (1, 2, 3, 4, 9, 10, 11 e 12) (*e.g., Os grupos superiores devem dominar os grupos inferiores*), a mesma apresenta uma estrutura unifatorial (α= 0,85).

Além dos instrumentos supracitados, foi utilizado um cenário experimental. Assim, o cenário experimental adotado neste artigo foi desenvolvido tendo em consideração os estudos de Bell Lottes e Kuriloff (1994), no qual era relatado uma situação em que uma jovem recebia uma proposta de carona e por fim sofria um estupro. Neste artigo foram utilizadas quatro condições experimentais. Em todas as vinhetas era descrito que uma jovem de 20 anos ao se dirigir para o ponto de ônibus as 22 horas recebia a oferta de carona, após ingressar no carro sofria um estupro. Neste contexto, foi manipulado a etnia da vítima (Branca vs. Negra) e o contexto em que a fazia se dirigir ao ponto de ônibus (Saída do trabalho vs. Saída de uma festa). Para além disso os participantes eram expostos apenas a uma das condições, ou seja, trata-se de um estudo entre participantes.

2.4. Procedimento

Tendo esta pesquisa se inserido na proposta geral do projeto de pesquisa, bem como recebido um parecer favorável do Comitê de Ética com parecer CAAE n°

12187419.6.0000.5188. Após a aprovação deste, deu início a coleta de dados por meio de questionários impressos, pelo qual foi assegurado o anonimato e a confidencialidade das respostas aos colaboradores, sendo estes abordados casualmente em sala de aula. Os participantes levaram em média 20 minutos para concluir sua participação ao estudo e todos responderam ao *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*.

2.5. Análise dos dados

Para verificação das hipóteses, fez-se uso do pacote estatístico SPSS em sua versão 21. Realizaram-se estatísticas descritivas afim de caracterizar o perfil da amostra, teste t para amostras independentes afim de observar a diferença dos participantes quanto a percepção de causa do estupro de acordo com o gênero e o efeito da pertença ao movimento social feminista nas médias dos participantes quanto a atitudes frente a vítimas de estupro, a percepção de causa do estupro, orientação a dominância social bem como aos valores normativos, análise de regressão hierárquica, buscando explicar as atitudes frente a vítima de estupro a partir dos valores normativos, orientação a dominância social e percepção de causa de estupro. Também foi feita análise de regressão hierárquica, buscando explicar as atitudes frente a vítima de estupro a partir dos valores normativos, orientação a dominância social e percepção de causa de estupro, bem como um teste de *post hoc* afim de verificar como as condições experimentais se portaram isoladamente. Por fim, foi feito um teste de hipóteses para atitudes negativas frente a vítimas de estupro afim de elaborar um modelo explicativo para atitudes negativas frente à vítimas de estupro, onde foi utilizado o modelo 6 do Process (Hayes, 2012), a ferramenta computacional do SPSS 21, que testa um modelo de mediação com dupla moderação.

3. Resultados

3.1. Diferenças para a identificação com o movimento feminista, atitudes negativas frente a vítimas de estupro, percepção de causa do estupro e orientação a dominância social de acordo com o gênero.

Afim de observar a diferença entre as médias dos participantes no abono da percepção de causa do estupro de acordo com o gênero, bem como a influência da identificação com o movimento feminista nas médias dos participantes em todas as variáveis, foi realizado um teste *t* para amostra independente.

No que se refere as atitudes negativas entre as vítimas de estupro, só houve diferença entre os gêneros para os componentes de credibilidade e merecimento da vítima, sendo uma diferença entre as médias de 0,78 (*DP*=0,24) para as mulheres e de 0,92 (*DP*=0,30) para os homens no componente de credibilidade da vítima (*t*= -4,42; *p* <0,005), enquanto que para o componente de merecimento da vítima as diferenças foram de 0,27 (*DP*=0,08) para as mulheres e de 0,29 (*DP*=0,10) para os homens (*t*= -1,71; *p* <0,05).

No que tange ao gênero, pode-se observar que foi encontrado diferença entre homens e mulheres com relação a percepção de causa do estupro de ordem individual, sendo esta mais forte entre os homens, com média de 1,12 (*DP*=0,43) em relação as mulheres que apresentaram média de 0,97 (*DP*=0,33) (*t* = -3,645; *p* <0,001).

Em relação a identificação com o movimento feminista, foi verificado que a maioria dos participantes que relataram se identificar com o movimento feminista foram do sexo masculino (*M*= 1,79; *DP*= 0,40) em relação ao sexo feminino (*M*= 1,58; *DP*= 0,60) (*t*= -3,91; *p* <0,0001). Foi verificado que os sujeitos que se identificavam com o movimento apresentaram médias inferiores em todas as dimensões de atitudes negativas frente a vítimas de estupro, onde foi observado uma média de 0,76 (*DP*= 0,22) para a

dimensão credibilidade da vítima em comparação a 0,91 (*DP*=0,29) com os indivíduos que não se identificam com o movimento, para a dimensão merecimento da vítima a diferença das médias foi de 0,26 (*DP*=0,04) para os que se identificam com o movimento e 0,29 (*DP*=0,10) para os que não se identificam com o movimento feminista, e por fim, na dimensão de culpabilização a vítima a diferença de média foi de 0,76 (*DP*=0,16) e de 0,86 (*DP*=0,22) para os que não se identificam com o movimento.

No tocante a percepção de causa do estupro, a diferença entre as médias foi de 1,986 (*DP*=0,66) para os que se identificam com o movimento feminista, e de 1,490 (*DP*= 0,65) para os que não se identificam referente a dimensão social, enquanto que para a dimensão de percepção de causa do estupro de ordem individual as médias foram de 0,986 (*DP*=0,33) para os que se identificam com o movimento e de 1,091 (*DP*= 0,41) para os que não se identificam.

Por fim, no que se refere a orientação a dominância social, a diferença entre as médias foram de 0,939 (*DP*=0,50) para os que se identificam com o movimento e de 1,318 (*DP*=0,60) para os que não se identificam na dimensão dominação, enquanto que na dimensão de igualitarismo a diferença foi de 0,886 (*DP*=0,35) para os indivíduos que se identificam com o movimento foi de 1,266 (*DP*=0,56) para os que não se identificam. Em relação aos valores normativos a diferença entre os que se identificam com o movimento e os que não se identificam foi de 0,757 (*DP*=0,26) e de 0,883 (*DP*=0,27) respectivamente. A tabela 2 ilustra os resultados do teste t de acordo com sua significância.

Tabela 2. Teste t para amostra independente para identificação com movimento feminista.

Variáveis	*T*	*F*
ATFVE Credibilidade da Vítima	-6,058***	11,89**
ATFVE Merecimento da Vítima	-3,712***	38,14***
ATFVE Culpabilização da Vítima	-4,182**	8,22*
PCE Ordem Social	6,624	0,06
PCE Ordem Individual	-2,353*	5,68*
SDO	-7,270***	18,97**

Nota. * p<0,05, **p<0,01, ***p<0,001; ATFVE= Atitudes frente a vítimas de estupro; PCE= Percepção de causa do estupro; SDO= Orientação a dominância social.

De acordo com a tabela 2, a diferença entre as médias dos participantes com relação a identificação com o movimento feminista não foi estatisticamente significativa somente no que se refere a percepção da causa do estupro de ordem social (t= 6,62; p = 0,80).

3.2. Correlatos entre valores humanos, percepção de causa do estupro, atitudes frente a vítimas de estupro e orientação a dominância social.

Os correlatos entre os componentes de atitudes frente a vítimas para o componente de *credibilidade da vítima* e percepção de causa do estupro de ordem individual foi de forma positiva (r = 0,53; p <0,001). Quanto ao componente de *merecimento da vítima*, pode-se observar uma correlação estatisticamente significativa de forma positiva para o componente de ordem individual (r = 0,37; p <0,001). No que tange o componente de *culpabilização da vítima*, pode-se verificar correlação estatisticamente significativa somente para o componente de percepção de causa do estupro de ordem social, de forma negativa (r = -0,34; p <0,001).

Quanto aos valores humanos, para o componente de *credibilidade da vítima*, foi verificado correlações positivas com a subfunção valorativa normativa (r = 0,28; p <0,0001). Em relação ao componente de *merecimento da vítima*, os valores que se correlacionaram foram os de existência (r = -0,14; p <0,005) e suprapessoal (r = -0,13; p <0,01) de forma negativa, e o valor normativo (r = 0,14; p <0,005) de forma positiva, mas com baixo tamanho de efeito, o que torna essas correlações irrelevantes. Já para o componente de *culpabilização da vítima*, pode-se verificar uma correlação com a subfunção normativo (r = 0,20; p <0,0001) de forma positiva.

Em relação aos valores humanos e a percepção de causa do estupro de ordem social, verifica-se uma correlação positiva com os valores de experimentação (r = 0,21; p <0,001) e de forma negativa com normativo (r = -0,22; p <0,0001).

No que se refere a orientação a dominância social (SDO), pode-se verificar correlações estatisticamente significativas de forma positiva com todos os componentes de atitudes frente a vítimas de estupro, *credibilidade* (r = 0,34, p <0,001), *merecimento* (r = 0,30, p <0,001), *culpabilização* (r = 0,28, p <0,001). Além disso foi verificado correlações com a subfunção valorativa suprapessoal, de forma negativa (r = -0,20, p <0,001), e com os fatores de percepção de causa do estupro de forma negativa com os estilos sociais (r = -0,34, p <0,001), e de forma positiva com os estilos individuais (r = 0,23, p <0,001). Dados detalhados na tabela 1.

Tabela 1.

Correlações entre os valores humanos, atitudes frente a vítimas de estupro, percepção de causa do estupro e orientação a dominância social.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1.AFVE Credibilidade											
2. AFVE Merecimento	0,44***										
3. AFVE Culpabilização	0,11*	0,20***									
4. VH Experimentação	0,00	-0,02	-0,13*								
5. VH Realização	0,15**	0,07	0,03	0,47***							
6. VH Existência	0,13*	-0,14**	-0,13*	0,34***	0,37***						
7. VH Suprapessoal	-0,02	-0,13*	-0,08	0,44***	0,41***	0,56***					
8. VH Interativo	0,10	-0,05	-0,94	0,34***	0,20***	0,50***	0,46***				
9. VH Normativo	0,28***	0,14**	0,20***	-0,08	0,09	0,24***	0,12*	0,25**			
10. PCE Social	-0,12*	-0,15**	-0,34***	0,21***	0,02	0,05	0,13*	0,07	-0,22**		
11. PCE Individual	0,53***	0,37***	0,04	0,07	0,15**	-0,01	-0,02	-0,03	0,09	0,22***	
12.SDO	0,34***	0,30***	0,28***	-0,09	0,17***	-0,11*	-0,20***	-0,10	0,07	-0,34***	0,23***

Nota. *p<0,05, **p<0,01, ***p<0,001. AFVE= Atitudes frente a vítimas de estupro, VH= Valores humanos, PCE= Percepção de causa do estupro, SDO= Orientação a dominância social.

3.3. Regressão hierárquica para explicação de atitudes frente a vítimas de estupro.

Foram efetuadas três regressões hierárquicas, uma para cada fator correspondente as atitudes negativas frente a vítimas de estupro. Em ambas, no primeiro bloco entrou-se com a condição experimental cor da pele, no segundo bloco foi inserida a condição contexto, terceiro bloco foi inserido as dimensões de dominância social e igualitarismo, o quarto bloco entrou-se com os valores humanos normativos e no quinto bloco inseriram-se as percepções de causa do estupro (PCE).

Para a credibilidade da vítima, o primeiro modelo da regressão (manipulação cor da pele), não teve poder explicativo sobre esta manifestação de atitude negativa. No segundo passo (manipulação de contexto) também não teve efeito, com a inclusão da orientação a dominância social, a variância explicada passou para 12%, sendo estatisticamente significativo [$F(3,309) = 14,26$**;** $p < 0,001$; $R^2 = 0,122$], quando acrescentado os valores humanos normativos a variância explicada subiu para 18%, sendo também estatisticamente significativa [$F(4,308) = 16,97$, $p < 0,001$; $R^2 = 0,181$], por fim, quanto inserido as variáveis de percepção de causa do estupro, a variância explicada teve um aumento para 40%, sendo estatisticamente significativo [$F(6,305) = 34,40$, $p < 0,001$; $R^2 = 0,403$].

Em relação ao merecimento da vítima, assim como em merecimento da vítima, o primeiro modelo com a manipulação da cor da pele e o segundo modelo com a manipulação do contexto não tiveram poder explicativo. No terceiro modelo, incluindo orientação a dominância social, a variância explicada foi de 9%, sendo estatisticamente significativo [$F(3,320) = 11,24$, $p < 0,001$; $R^2 = 0,095$], quando incluído os valores humanos normativos o modelo passou a explicar 11% da variância total, sendo estatisticamente significativo [$F(4,319) = 10,16$, $p < 0,001$; $R^2 = 0,113$]. No quinto

modelo, incluindo a percepção de causa do estupro, a variância explicada passou a ser 22%, sendo também estatisticamente significativo [$F(6,317) = 14,92$, $p < 0,001$; $R^2 = 0,220$].

Quanto a culpabilização da vítima, no primeiro modelo e no segundo com relação as condições experimentais, novamente não apresentou poder explicativo. Assim como nos demais fatores de atitudes negativas frente a vítima de estupro, o terceiro modelo foi estatisticamente significativo [$F(3,304) = 9,58$, $p < 0,001$; $R^2 = 0,086$], explicando 8% da variância. O quarto modelo, incluindo valores normativos, este explicou 13% da variância e foi estatisticamente significativo [$F(4,303) = 11,37$, $p < 0,001$, $R^2 = 0,131$], e por fim, o quinto modelo, agora incluindo a percepção de causa do estupro, passou a explicar 17% da variância, sendo estatisticamente significativo [$F(6,301) = 10,82$, $p < 0,001$, $R^2 = 0,177$]. Na tabela 3 é possível verificar os pesos das regressões nos 4 passos, sendo merecimento da vítima em parênteses e culpabilização da vítima em colchetes.

Tabela 3.

Preditores de atitudes negativas frente a vítimas de estupro.

Preditores	Credibilidade da Vítima (Merecimento da Vítima) [Culpabilização da Vítima]				
	Passo 1	Passo 2	Passo 3	Passo 4	Passo 5
Cor da Pele	0,021 (0,015) [0,010]	0,021 (0,016) [0,008]	-0,001 (-0,002) [-0,003]	-0,016 (-0,013) [-0,020]	-0,004 (-0,007) [-0,030]
Contexto		-0,019 (0,025) [-0,105]	0,006 (0,040) [-0,087]	-0,001 (0,036) [-0,099]	-0,016 (0,033) [-0,84]
SDO			0,349** (0,308**) [0,275**]	0,332** (0,301**) [0,262**]	0,185** (0,170**) [0,165**]
Valores Normativos				0,244** (0,134*) [0,212**]	0,179** (0,070) [0,154**]
PCE Social					-0,156** (-0,-168**) [-0,251**]
PCE Individual					0,511** (0,353**) [0,074]

Nota. ** $p < 0,01$; *$p < 0,05$. SDO= Orientação a dominância social; PCE= Percepção de causa do estupro.

Como pode ser verificado na Tabela 3, os preditores para atitudes negativas frente a vítimas de estupro em relação a credibilidade da vítima, foram orientação a dominância social (β= 0,102; t= 6,52; $p < 0,001$), valores normativos (β = 0,254; t = 4,71; $p < 0,001$), bem como a percepção de causa do estupro de ordem social (β = -0,065; t = -2,730; $p < 0,01$) e individual (β = 0,372; t = 10,64; $p < 0,001$).

Em relação a atitudes negativas frente a vítimas de estupro quanto ao merecimento da vítima, seus preditores foram orientação a dominância social (β = 0,030; t = 5,78; $p < 0,001$), valores normativos (β = 0,047; t = 2,52; $p < 0,01$), bem

como as percepções de causa do estupro (PCE) de ordem social (β = -0,024, *t* = -2,91; *p* < 0,01) e individual (β = 0,086; *t* = 6,54; *p* < 0,001).

Quanto a atitudes negativas frente a vítimas de estupro em relação a culpabilização, seus preditores foram orientação a dominância social (β = 0,056; *t* = 4,86; *p* < 0,001), valores normativos (β = 0,162; *t* = 3,92; *p* < 0,001) e as percepções de causa de estupro de ordem social (β = -0,078; *t* = -4,14; *p* < 0,001).

3.4. Teste de post hoc para as condições experimentais.

Apesar da análise hierárquica demonstrar que as condições experimentais conjuntamente não exercem poder preditivo nas atitudes negativas frente a vítimas de estupro, foi realizado uma ANOVA afim de verificar o teste de *post hoc* de Bonferroni isolando as manipulações experimentais.

Em relação ao teste de post hoc de *Bonferroni*, este demonstrou diferença estatisticamente significativa apenas para a manipulação do contexto da violência [F(1) = 3,634; *p* < 0,05], sendo este somente em relação a atitudes negativas de culpabilização da vítima. A diferença entre as médias de cada condição esta ilustrada na tabela 4.

Tabela 4
Médias das diferenças entre as condições experimentais para o componente de culpabilização da vítima de estupro.

Condições Experimentais		
	M	DP
Brancas * Trabalho	0,848	0,223
Brancas * Festa	0,824	0,227
Total	0,836	0,225
Negras * Trabalho	0,865	0,227
Negras * Festa	0,800	0,164
Total	0,834	0,202
Total Trabalho	0,857	0,225
Total Festa	0,812	0,199
Total	0,835	0,213

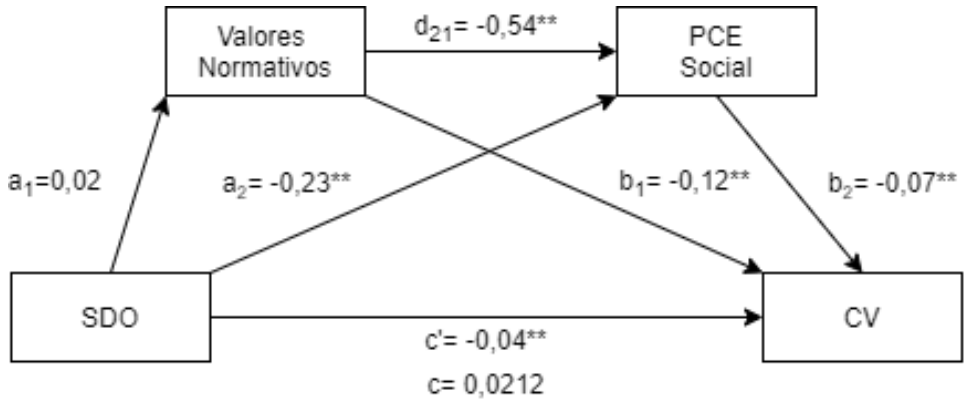
Nota*. M= Média; DP= Desvio Padrão.

3.5. Modelo explicativo para culpabilização da vítima de estupro.

Por fim, tomando em consideração os resultados das análises anteriores, foi pensado a elaboração de um modelo explicativo para culpabilização da vítima de estupro, para isso foi utilizada a ferramenta do SPSS *Process* (Hayes, 2013) adotando o Modelo 6, está macro utiliza o método *bootstrapping*, que permite avaliar os efeitos diretos e indiretos de variáveis de forma a maximizar o poder. O efeito indireto representa o impacto da variável mediadora na relação original (isto é, a relação da variável independente na variável dependente). Se o valor 0 não estiver contido no Intervalo de Confiança (IC) a 95%, admite-se que a diferença entre os efeitos total e direto foi diferente de 0 e, portanto, que o efeito indireto é significativo. Preconizou-se como nível de significância aceitável um valor $p < 0,05$.

Tendo em conta os resultados observados na regressão hierárquica, testámos os seguintes dois modelos de mediação sequencial, para analisar se os valores normativos e a percepção de causa do estupro de ordem social são mediadores da relação entre orientação social a dominância e culpabilização das vítimas de estupro, como ilustra a Figuras 1.

Figura1. *Modelo de mediação para o fator culpabilização da vítima de atitudes negativas frente a vítimas de estupro (ANFVE).*



Nota. * Os números representam os coeficientes não estandardizados. *p<0,05. SDO= Orientação a dominância social; PCE= Percepção de causa do estupro; CV= Culpabilização da vítima.

O modelo de mediação múltipla serial apresenta como variáveis mediadoras os valores normativos (M1) e a percepção da causa do estupro (PCE) social (M2). O efeito total e o efeito direto de Orientação a dominância social (SDO) igualitarismo (X) em culpabilização da vítima de estupro (Y) foi significativo. O efeito indireto total foi significativo (coeficiente = 0,0212, SE = 0,0063, IC90% = 0,0099 até 0,0348).

Somente o caminho a_2, b_2 foi significativo (SDO Igualitarismo → PCE Social → Culpabilização), pois os seus intervalos de confiança não contêm zero, estes dados são ilustrados nas tabela 5.

Tabela 5.

Método de bootstrapping para a análise do efeito indireto da mediação, cujo outcome é culpabilização da vítima de estupro.

				Bootstrapping	
				BC 95% CI	
	Coeficiente	*SE*	*P*	Lower	Upper
	Modelo de mediação				
Efeito total	0,7614	0,0634	0,0000	0,6367	0,8861
Efeito direto	0,0407	0,0118	0,0006	0,0175	0,0638
Efeitos indiretos					
Efeito indireto total	0,0212	0,0063		0,0099	0,0348
a_1b_1	0,0024	0,0022		-0,0018	0,0071
$a_1d_{21}b_2$	0,0008	0,0008		-0,0006	0,0028
a_2b_2	0,0181	0,0056		0,0083	0,0304

4. Discussão

O presente artigo partiu do objetivo de analisas quais condições favorecem atitudes frente a vítimas de estupro, partindo do questionamento se estes fatores estariam relacionados a atributos da vítima e condições sociais. Em contrapartida,

também objetivou verificar variáveis que minimizassem atitudes negativas frente a vítimas de estupro. Neste estudo, foi adotada a teoria de dominância social como variável de cunho social, bem como a influência dos valores humanos nesta relação, além da adoção de cenários experimentais, nos quais foram manipuladas as roupas das vítimas e o contexto em que ocorria a agressão. Neste sentido, denotou a importância de construir um modelo explicativo para atitudes de culpabilização da vítima de estupro. A seguir, será discutido os resultados tendo em consideração as hipóteses mencionadas na introdução deste artigo, sendo organizado em tópicos.

4.1. O gênero e a identificação com o movimento feminista na percepção de causa do estupro e atitudes negativas frente a vítimas de estupro.

No que se refere ao gênero dos participantes em referência a diferença dos sexos para as atitudes frente a vítimas do estupro, que concerne a *hipótese 1*, foi parcialmente aceita, tendo em vista que os homens apresentaram médias superiores em comparação as mulheres nas dimensões de credibilidade e merecimento da vítima. Essa descoberta sugere que os homens têm atitudes mais negativas em relação às vítimas de estupro (responsabilizar a vítima pelo estupro, culpar a vítima e minimizar o estupro) do que as mulheres, corroborando com os estudos presentes na literatura (Barbosa, 2017; Gölge, Yavuz, Müderrisoğlu, & Yavuz, 2003; Russell & Hand, 2017; Scarpati, 2013, Hockett, Smith, Klausing & Saucier, 2016), resultados semelhantes são encontrados inclusive na população geral, como observado no estudo de McGee, OHiggins, Garavan e Conroy (2011). Estes desenvolveram um levantamento populacional nacional com 3120 irlandeses, desses, 29,2% dos participantes concordaram que as mulheres que usavam roupas apertadas, ou saias curtas convidavam para o estupro e 40,2% dos entrevistados acreditam que as acusações de estupro eram muitas vezes falsas, estes resultados podem ser em decorrência da identificação com a vítima de estupro Sussenbach e Bohner

(2011) realizaram um estudo acerca da associação entre a identificação com os gêneros e os mitos de estupro, relatando que a correlação entre estes dois fatores está associada a maior nível de associação entre as mulheres e as vítimas enquanto que os homens não passam por este processo, culminando em maior endosso dos mitos de estupro por parte dos homens.

Entretanto, não houve diferença entre os gêneros quanto ao componente de culpabilização da vítima, este resultado também foi observado no estudo de Bongiorno, McKimmie e Masser (2016), estes autores usaram cenários experimentais em que a vítima endossava atitudes estereotipadas e não estereotipadas e perceberam que a atribuição de culpa a vítima de estupro não diferiu de acordo com o gênero. Este fenômeno pode ser devido a idealização da imagem de uma vítima legítima e uma vítima culpável (Hockett, Smith, Klausing & Saucier, 2016) em decorrência de fatores como o machismo, pelo qual homens e mulheres não diferem entre si e influência a visão de uma vítima propriamente dita (Barbosa, 2017), de acordo com Franiuk, Seefelt, Cepress e Vandello (2008), as pessoas tendem a compartilhar a crença de que o mundo é justo, consequentemente, violências acontecem apenas com pessoas "merecedoras", sendo estas pessoas externas ao seu grupo. Desta forma, acabam por dar suporte a discursos que responsabilizam e culpabilizam as vítimas (Scarpat, 2012).

Além disso, foi verificado que não existiu diferença entre os gêneros em relação a percepção da causa do estupro de ordem social, mas os homens apresentaram médias maiores em relação a percepção de causa do estupro de ordem individual, entretanto não diferem em relação a percepção de causa do estupro de ordem social. Estes achados corroboram com o estudo piloto de Cowan e Quinton (1996) em que os homens tendem a endossar mais as dimensões de percepção de causa do estupro de ordem individual (*culpabilização da vítima, sexualidade masculina e hostilidade masculina*) do que as

mulheres, retificam a ideia de que os homens apoiam mais os mitos de estupro, deslocando a culpa da agressão do agressor para a vítima, percebendo os agressores ainda como "loucos" (Cowan & Quinto, 1996; Scarpati, 2013).

A *hipótese 2* que corresponde a identificação com o feminismo foi confirmada, os sujeitos que se identificam com o movimento feminista apresentam médias em atitudes negativas frente a vítimas de estupro inferiores aos que não se identificam com o movimento, enquanto para percepção de estupro houve diferença significativa para percepção de ordem social, sendo estes indivíduos mais propensos a perceber o estupro como derivado da sociedade, de uma estrutura machista que endossa a dominação do homem sobre a mulher, pela forma que os homens são socializados, e como a mídia retrata as mulheres. Apesar de Cowan e Quinton (1996) não terem verificado esta diferença significativa para mulheres feministas, estes autores verificaram que os homens que afirmam apoiar o movimento feminista tendem a perceber o estupro como derivado da dominação masculina e da sociedade/ socialização, o que corrobora o fato da maioria da amostra presente neste estudo ser composta por homens.

No que se refere a orientação a dominância social, os indivíduos que se identificam com o movimento feminista tendem a endossar menos as estruturas de desigualdade social, sendo mais baixa na dimensão de igualitarismo que se volta para questões políticas que fomentam e reforçam a estrutura de poder de manutenção da desigualdade entre os grupos (Sidanius & Pratto, 1999). Estes achados mostram que indivíduos que se identificam com o movimento feminista tendem a ter menos atitudes negativas frente a constructos que endossam violência contra mulheres, isto pode se dá em decorrência das pautas que o movimento trabalha, que se voltam pela busca da equidade e dos direitos das mulheres na sociedade, buscando compreender a condição

desta na sociedade, gerando novas perspectivas de entender o ser humano com novos vieses teóricos e de identidade política do indivíduo (Hall, 1999).

4.2. Correlatos entre valores humanos, percepção de causa do estupro e atitudes frente a vítimas de estupro.

Em relação aos valores humanos, a única subfunção que exerceu correlação com todas as dimensões de atitudes negativas frente a vítimas de estupro foi *normativa*, apesar de ser verificado a correlação com o valor de existência, o tamanho do efeito foi baixo o que nos aponta que esta correlação não é relevante para a compreensão das atitudes frente a vítimas de estupro. Ou seja, pode-se considerar que a *hipótese 3* foi confirmada de forma parcial, pois postulava que as subfunções de necessidade materiais (*realização, existência* e *normativo*) iriam se correlacionar com os componentes de atitudes negativas frente a vítimas de estupro (*credibilidade da vítima, merecimento da vítima* e *culpabilização da vítima*), estes achados corroboram aos estudos de Barbosa (2017) que também verificou os valores normativos presentes em todas as atitudes frente a vítimas de estupro, na mesma direção, indicando que quanto mais endossamos crenças conservadoras, tradicionalistas e religiosas, maior é a nossa tendência de perceber vítima de estupro como descredibilizadas, culpadas e merecedoras da violência. Anderson, Cooper e Okamura (1997) em sua meta-análise verificou que pessoas mais conservadoras tendem a atribuir a mulher a culpa pela violência sofrida, Farias (2019) em sua dissertação relatou a existência da correlação entre os valores normativos e a culpabilização da vítima de estupro, nesta mesma direção Scarpati (2013) verificou uma correlação entre os valores normativos e os mitos de estupro, concluindo que quanto mais as pessoas prezam por valores conservadores e tradições, maior a tendência a culpabilizar a vítima de estupro.

Ainda sobre a *hipótese 3*, em relação a previsão da correlação entre as subfunções de necessidade material com a percepção de causa do estupro de ordem individual, pode-se considerar parcialmente aceita, tendo em vista que os resultados apontam para a correlação da subfunção *realização*. É sabido que os componentes que permeiam a percepção de causa do estupro de ordem individual estão dispostos dos mitos de estupro (Cowan & Quinton , 1996), desta forma, pessoas que buscam o poder e prestígio e que endossam a importância das necessidades materiais vêm as vítimas como culpadas pela agressão que sofrem, ou acreditam que o estuprador tem um perfil particular, um "doente".

Além das atitudes frente a vítimas do estupro e seus correlatos com os valores normativos, os resultados indicaram uma correlação da percepção de causa do estupro de orem social com os valores de experimentação e normativos, sento o primeiro de forma positiva, ou seja, pessoas que endossam valores de experimentação, que valorizam a sexualidade e novas experiências, tendem a atribuir as causas do estupro a fatores sociais, já em relação aos valores normativos, a correlação foi de forma negativa, o que indica que quanto mais as pessoas endossam valores normativos, tradicionalistas, menos tendem a perceber os fatores sociais (culturais e de socialização) como causadores do estupro. Estes achados não foram verificados anteriormente na literatura, mas vão de acordo com os achados de Barbosa (2017), que demonstrou que pessoas que valorizam experiências tendem a ter menos atitudes negativas em relação a vítimas de estupro, ou seja, não as percebem como culpadas e merecedoras da violência. Estes achados dão suporte de maneira parcial a *hipótese 4*, a qual previa que as subfunções idealistas (*suprapessoal, interativa e experimentação*) iriam se relacionar positivamente com a percepção de causa do estupro de ordem social.

A hipótese 4 também previa que as subfunções idealistas iriam se relacionar de forma negativa as atitudes frente a vítimas. Os resultados apontaram para a existência de uma correlação negativa entre *merecimento da vítima* e a subfunção *suprapessoal*, ou seja, pessoas que buscam por conhecimento e maturidade acreditam que as vítimas de estupro não merecem esta violência (Gouveia, 2013). Por fim, na dimensão de *culpabilização da vítima* verificou a existência da correlação com *experimentação*, de forma negativa, dando suporte a aceitação parcial da *hipótese 4*, esta subfunção é compreendida pelo princípio do prazer, onde pessoas que endossam estes valores são menos pragmática na busca de status sociais, esses valores contribuem para a mudança na estrutura de organizações, sendo mais endossado por jovens. São indicadores desta subfunção os valores, prazer, emoção e sexualidade (Gouveia, 2013). Essa subfunção expressa motivação idealistas e humanitárias, ao invés de materialistas. Dessa forma, indivíduos com prioridades valorativas relacionadas a tal subfunção costumam ser mais liberais e progressistas (Gouveia, 2013). Estes dados corroboram aos estudos de Farias (2019) e Barbosa (2017) em que as subfunções de orientação material (realização, existência e normativo) estavam relacionadas ao endosso de atitudes negativas frente a vítimas de estupro enquanto que as subfunsões de orientação idealista (experimentação, suprapessoal e interativo) pelo contrário, não endossam atitudes negativas frente a vítimas de estupro. Entretanto essas correlações foram baixas, sugerindo que existem outros fatores envolvidos na compreensão das atitudes negativas frente a vítimas de estupro.

4.3. Efeito das condições experimentais

Apesar da análise hierárquica demonstrar que as condições experimentais não exerceram efeito preditivo nas atitudes negativas frente a vítimas de estupro, afim de verificar a *hipótese 5* que postula que as manipulações exercerão influência na

culpabilização da vítima, onde este efeito é mais forte nos cenários em que a vítima é negra independe do contexto, foi realizado um teste de *post hoc* de Bonferroni. Os resultados apontam para a aceitação parcial desta hipótese. De acordo com o teste de *post hoc* somente a manipulação do contexto (Saída do trabalho vs. Saída de festa) teve efeito estatisticamente significativo, em que as condições de saída de trabalho independentemente da cor da pele da vítima apresentaram médias superiores, mesmo o teste de post hoc não sendo significativo para a manipulação de cor da pele da vítima (Branca vs. Negra) quando comparado a cor da pele das vítimas dentro das médias do contexto, as mulheres negras apresentam médias maiores que as brancas. Estes resultados refletem o pensamento de Lima (2012) do entendimento do estupro como uma violência de adestramento as mulheres, quando estas não se comportam de acordo aos papéis de gênero estabelecidos socialmente, são culpadas pela violência que sofrem.

Em suma, quando a mulher é compreendida como se afastando do papel que é esperado para ela socialmente, priorizando a busca pela própria ascensão pessoal, em detrimento dos afazeres do lar, por exemplo, faz com que, o agressor seja percebido como menos culpado pelo estupro (Yount, Halim, Schuler, & Head, 2013), ou seja, quando o comportamento da vítima não é estereotipado esta é culpabilizada pela violência sofrida (Bongiorno, McKimmie & Masser, 2016). O estudo de Nascimento (2013) demonstrou que quando as mulheres são retratadas como buscando autorrealização estas são culpabilizadas pela violência doméstica que sofrem. Esses dados podem ser interpretados em função de características machistas e patriarcais ainda presentes na sociedade que estabelecem o que é socialmente esperado de cada um dos sexos (Nascimento, 2015). Portanto, de acordo com Mikolajczak e Pietrzak (2014) as mulheres que seguem as normas sociais são estimadas, inversamente aquelas que resolvem contrariar esse padrão e a hierarquia de gênero tendem a ser vistas com

desconfiança e hostilidade. Nessa linha, as pesquisas demonstram que a tendência é pensar que as mulheres que fogem à regra e descumprem as normas, merecem ser punidas (Barbosa, 2017; Glick, Lameiras, & Castro, 2002; McKimmie Masser, & Bongiorno, 2014; Nascimento, 2015; Süssenbach & Bohner, 2011).

4.4. Preditores das atitudes frente a vítimas de estupro.

Os preditores de atitudes negativas frente a vítimas de estupro são representados nas hipóteses 6, 7 e 8. Os resultados apontam para a confirmação da *hipótese 6,* de acordo com os resultados da regressão hierárquica, nota-se que orientação a dominância social (SDO) prediz as atitudes negativas frente a vítimas de estupro de forma positiva em todas as dimensões do constructo (*credibilidade, merecimento e culpabilização da vítima*). Estes achados corroboram aos estudos de Manoussaki e Hayne (2019) que assim como Canto, García e Novas (2018) verificaram que sujeitos com maior pontuação em SDO e autoritarismo de direita tendem a culpabilizar mais as vítimas de estupro, a SDO é uma variável ideológica que reflete a aceitação da superioridade de grupos sobre outros grupos (Sidanius & Pratto, 1999), pessoas que endossam essas crenças aceitam mitos legitimadores da superioridade dos homens sobre as mulheres (e.g., sexismo, machismo) e, como tal, defendem atitudes sexistas que colocam as mulheres em uma situação subordinada (como refletido no estereótipo tradicional do gênero feminino). Entretanto é importante denotar que o poder explicativo da SDO isoladamente em comparação aos demais modelos da análise hierárquica apresentou menor poder preditivo, este resultado é verificado em outros estudos que reportam a importância de considerar outras condições a despeito da ideologia de autoritarismos para a explicação deste constructo. De acordo com Sussenbach e Bohner (2011), a orientação a dominância social é um constructo mais amplo e permite a compreensão de que o estupro é uma violência que pode acometer todas as mulheres, quando esta

variável não exerce poder explicativo suficiente isolada, reflete a ideia de que os mitos de estupro e a culpa da vítima se voltam a um "subconjunto" específico de mulheres, especificamente mulheres não tradicionais.

A *hipótese 7* postulava que os valores normativos seriam preditores positivos de atitudes negativas frente a vítimas de estupro, nesta direção a análise hierárquica confirmou a hipótese, sugerindo que o modelo incluindo os valores normativos é melhor que o modelo onde SDO é incluída de forma isolada. Estes achados corroboram aos resultados anteriores aos correlatos dos valores humanos e as atitudes frente a vítimas de estupro, em que todas as dimensões os valores normativos estiveram presentes, não somente no presente artigo, mas em outros estudos como mencionado anteriormente, os valores normativos se apresentam consistentemente como preditores em atitudes negativas frente a vítimas de estupro (Barbosa, 2017; Farias, 2019).

Os resultados confirmam a *hipótese 8*, que previa que a percepção de causa do estupro de ordem social prediria negativamente atitudes negativas frente a vítimas de estupro (ver tabela 3). O modelo da análise hierárquica que incluía a percepção de causa de estupro de ordem social foi o melhor modelo entre todos os modelos mencionados anteriormente, entretanto este modelo tem efeito negativo nas atitudes negativas frente a vítimas de estupro estando em consonância com os correlatos e sugere que pessoas que percebem o estupro como sendo causado devido a fatores de ordem social tendem a apresentar menos atitudes negativas frente a vítimas de estupro, ou seja, não culpabilizam estas, percebendo-as como não merecedoras da violência, bem como, acreditam no discurso destas vítimas. Não foram encontrados estudos que endossem este modelo como redutor de atitudes negativas frente a vítimas de estupro, reforçando a importância deste estudo e a proposta da execução de um modelo explicativo claro para atitude negativas frente a vítimas de estupro.

4.5. Modelo explicativo para atitudes negativas frente a vítimas de estupro.

No que se refere ao modelo explicativo das atitudes negativas frente a vítimas de estupro correspondente as *hipóteses 9* e *10*. Inicialmente no que se refere a *hipótese 9*, que previa a mediação dos valores normativos no efeito direto entre a orientação a dominância social e as atitudes negativas frente a vítimas de estupro, os resultados apontam para a refutação da mesma. Este resultado pode ser em decorrência de que os valores normativos exercem poder preditor da orientação a dominância social, segundo Farias (2019) esta sunfunção em conjunto as subfunções realização, suprapessoal e interacional foram preditoras da orientação a dominância social em seu modelo explicativo para culpabilização da vítima de estupro.

Já em relação a *hipótese 10* os resultados corroboraram a aceitação desta, a mesma postulava que haveria mediação da percepção de causa do estupro de ordem social no efeito direto entre orientação a dominância social de igualitarismo e atitudes negativas frente a vítimas de estupro. Entretanto, é importante ressaltar que diferente do que buscava ser respondido no problema de pesquisa (quais variáveis minimizam a culpa do agressor na violência de estupro) estes achados mostraram variáveis que minimizam a percepção de culpa da vítima, ou seja, quando existe a interação indireta da percepção de que a causa do estupro é decorrente de fatores sociais que endossam uma estrutura de hierarquia entre homens e mulheres, ou da forma como as mulheres são retratadas na mídia e os homens são socializados, as pessoas tendem a culpabilizar menos as vítimas de estupro. Estas descobertas vão de encontro aos achados de Barbosa (2017) que verificou que pessoas com maior endosso a crenças machistas culpabilizam mais as vítimas de estupro, sendo a dominação masculina um preditor nas atitudes negativas frente a vítimas de estupro, porém não foi verificado estudos que corroborem a estruturas que diminuem atitudes negativas frente a vítimas de estupro, denotando a

importância do presente artigo e da investigação de tais variáveis em outros modelos em estudos futuros.

Por fim faz-se necessário apontar algumas limitações deste artigo, como a despeito da amostra que se limitou a estudantes universitários da Paraíba, embora grande parte dos estudos em psicologia se utilizem de amostras universitários, é sabido das limitações deste público, pois compreendem uma população de ensino superior com tendências mais liberais e que apresentam maior grau em apoio a vítima de violência sexual (Ward, 1995). Além disso, é importante ressaltar as limitações quanto as variáveis utilizadas. Apesar dos objetivos do estudo se voltarem a investigar quais variáveis minimizam a culpa do agressor, os cenários utilizados manipularam informações pertinentes apenas as vítimas da violência (Etnia e contexto que levou a vítima a situação de violência), o que podem ter enviesado o olhar dos participantes e endossado estereótipos e mitos de estupro (Sussebach, Eyssel, Rees & Bonher, 2017; Whatley, 1996), pesquisas sobre saliência do alvo sugerem que as pessoas apresentam uma forte tendência a atribuir causalidade e controle a autores destacados (Taylor, Crocker, Fiske, Sprinzen & Winkler, 1979; Taylor & Fiske, 1975). Neste sentido, sugere-se que os estudos futuros investiguem variáveis mais amplas e contextuais, atribuindo informações tanto à vítima quanto ao agressor. Outro dado importante e pouco investigado no presente artigo diz respeito a variável racial e como o racismo está implicado na percepção da violência sexual contra mulheres no Brasil, é sabido que mulheres negras tendem a sofrer mais violência no Brasil (Soares, 2019), o que torna interessante que estudos futuros investiguem se pessoas racistas tendem a atribuir mais culpa do estupro a vítimas negras.

Percebe-se que as discussões quanto a identificação e apoio ao movimento feminista ficou comprometida pela escassez de estudos que exploram o impacto prático

desta variável social nas atitudes dos sujeitos, neste sentido, tendo em consideração o crescente debate acerca da importância e eficácia do movimento em decisões políticas e comportamentais dos indivíduos na atualidade (Lamas, 2016; Rodriguez, 2015), a execução deste trabalho pode corroborar a compreensão prática e empírica do efeito do apoio ao feminismo na diminuição de atitudes negativas em relação a vítimas de estupro. Denota-se a necessário de ampliar o debate, sugerindo que novos estudos sejam feitos tomando o feminismo como uma variável preditora na redução de atitudes favoráveis a violência contra a mulher e outros aspectos (e.g., Violência doméstica e violência psicológica), além de outros constructos que endossam o preconceito como é o caso do autoritarismo de direita, hipotetizando que quanto maior o endosso ao feminismo, menor o apoio a atitudes favoráveis a violência contra a mulher, a exemplo da violência doméstica.

Referências

Anderson, K. B., Cooper, H., & Okamura, L. (1997). Individual differences and attitudestoward rape: A meta-analytic review. *Personality and Social PsychologyBulletin, 23*, 295-315.

Barbosa, L. H. G. M.(2017). *Atitudes frente as vítimas de estupro: O papel de variáveis socioculturais e sociopsicológicas*. Tese de doutorado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.

Bell, S. T., Lottes, I., & Kuriloff, P. J. (1994). Understanding attributions of blame in strangerrape and date rape situations: An examinationof gender, race, identification, and students'social perceptions of rape victims. *Journal of Applied Social Psychology, 24*, 19, 1719-1734.

Bongiorno, R., McKimmie, B. K., & Messer, B. M. (2016). The selective use of rape-victimstereotypes to protect culturallysimilar perpetrators. *Psychology of Women Quarterly, 40*, 3, 398-413.

Bosma, A. K., Mulder, E., Pemberton, A., & Vingerhoets A, J. J. M. (2018). Observer reactions to emotional victims of serious crimes: stereotypes and expectancy violations. *Psychology, Crime & Law, 24*, 9, 957-977.

Cantal, C., Milfont, T. L., Wilson, M. S., & Gouveia, V. V. (2015). Differential effects of right-wing authoritarianism and social dominanceorientation on dimensions of generalized prejudice in Brazil. *European Journal of Personality, 29*, 17–27.

Canto, J. M., García, J. S. M., & Novas, F. P. (2018). Exploring the roleof aggressor's socialclass in rape and itsrelation to right-wingauthoritarianism andsocial dominance. *Journal of Interpersonal Violence*, *0*, 1–24.

Cerqueira, D. Coelho, D. S. C., & Ferreira, H. (2014). Estupro no brasil: vítimas, autores, fatores situacionais e evolução das notificações no sistema de saúde entre 2011 e 2014. *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada IPEA*. 7-30.

Cohn, E. S., Dupuis, E. C., & Brown, T. M. (2009). In the eye of the beholder: Do behavior and character affect victim and perpetrator responsibility for acquaintance rape? *Journal of Applied Social Psychology, 39*, 1513–1535.

Cowan, G., & Quinton, W. J. (1997). Cognitive style and atitudinal correlates of the perceived causes of rape scale. *Psychology of Women Quarterly,* 21, 227-245.

Días-Lázaro, C. M., Castañeiras, C., Ledesma, R. D., Verdinelli, S., & Rand, A. (2014). Right-wing authoritarianism, social dominance orientation, empathy, and materialistic value orientation as predictors of Intergroup prejudice in Argentina, *Salud & Sociedad*, *5*, 3, 282-297.

Donovan, R. A. (2007). To blame or not to blame: Influences of target race and observer sex on rape blame attribution. Journal of Interpersonal Violence, 22(6), 722-736.

Duckitt, J., Wagner, C., du Plessis, I., & Birum, I. (2002). The psychologicalbases of ideology and prejudice: Testing a dual process model. *Journal of Personality and Social Psychology*, *83*, 75–93.

Farias, M. G. (2019). *Culpabilização de mulheres vítimas de estupro: Subtipos femininos e variáveis correlatas*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.

Formiga, N. S. (2006). A orientação valorativa na manutenção dopreconceito feminino: consistênciacorrelacional entre osvalores humanos e sexismo ambivalente. *Psicol*, *24*, 47, 49-59.

Formiga, N. S., Cavalcante, C. P., Araújo, T. T. V., Lima, S., & Santana, R. (2007). Comportamento agressivo e busca de sensação em jovens. *Psicol, 25*, 50, 289-302.

Franiuk, R., Seefelt, J. L., Cepress, S. L. & Vandello, J. A. (2008). Prevalence andeffects of rape myths in print journalism: The kobe bryant case. *Violence AgainstWomen, 14*, 3, 287-309.

George, W. H., & Martinez, L. J. (2002). Victim blaming in rape: effects of victimand perpetrator race, type of rape,and participant racism. *Psychology of Women Quarterly, 26*, 110–119.

Glick, P., Lameiras, M., & Castro, Y. R. (2002). Education and Catholic religiosity as predictors of hostile and benevolent sexism toward women and men. *Sex Roles***,** *47***,** 433-441.

Gouveia, V. V. (2013). *Teoria funcionalista dos valores humanos: Fundamentos, aplicações e perspectivas*. São Paulo: Casa do Psicologia.

Gouveia, V. V. (2016). Introdução à Teoria Funcionalistados Valores. Em V. V. Gouveia (Ed.),*Teoria funcionalista dos valores humanos:áreas de estudo e aplicações* (pp. 13-27). SãoPaulo: Vetor.

Gouveia, V. V. (1998). *La naturaleza de los valoresdescriptores del individualismo y del colectivismo:Una comparación intra e intercultural*. Tese de doutorado, Universidad Complutensede Madrid, Espanha.

Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Fischer, R. D., & Santos, W. S. (2008). Teoria funcionalista dos valores humanos. In M. L. M. Teixeira (Ed.), *Valores humanos e gestão: Novas perspectivas* (pp. 47-80). São Paulo, SP: Senac.

Gölge, Z. B., Yavuz, M. F., Müderrisoğlu, S., & Yavuz, S. (2003). Turkish university students' attitudes toward rape. *Sex Roles, 49*, 653–661.

Gusmão, E. E. S., Nascimento, B. S., Gouveia, V. V., Filho, L. G. F., Costa, K. M. R., Moura, H. M., & Monteiro, R. P. (2016). Valores humanos e atitudes homofóbicas flagrante e sutil. *Psico-USF*, *21*, 2, 367-380.

Hall, S. (1999). *A identidade cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

Ho, A. K., Sidanius, J., Pratto, F., Levin, S., Thomsen, L., Kteily, N., &Sheehy-Skeffington, J. (2012). Social dominance orientation: Revisitingthe structure and function of a variable predicting social and politicalattitudes. *Personality and Social Psychology Bulletin, 38*, 583–606.

Ho, A. K., Sidanius, J., Kteley, L., Sheehy-Skeffington, J., Pratto, F., Henkel, K. E., Foels, R., & Stewart, A. L. (2015). The nature of social dominance orientation: Theorizing and measuringpreferences for intergroup inequality using the new SDO7 scale. *Journal of Personality and Social Psychology*, *109*, 6, 1003–1028.

Hockett, J. M., Smith, S. J., Klausing, C. D., & Saucier, D. A. (2016). Rape myth consistencyand gender differences inperceiving rape victims: A meta-analysis. *Violence Against Women, 22*, 2, 139–167.

Illingworth, H. (2007). Canadian resource center for victims of crime. *Brief to the CSC Revie*. 1-16.

Inglehart, R. (1977). *The silent revolution: Changing values and political styles among Western publics.* Princeton: Princeton University Press.

Lamas, M. (2016). Mujeres guerrerenses: Feminismo y política. *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales, 226*, 409-424.

Lima, M. T. C. (2012). *O estupro enquanto crime de gênero e suas implicaçõesna prática jurídica, do Curso de Direito da UEPB – Campus de CampinaGrande*. Monografia, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB.

Lippa, R. (1995). Gender-related individual differences and psychological adjustment in terms of the Big Five and circumplex models. *Journal of Personality and Social Psychology, 69*, 6, 1184–1202.

Lippa, R., & Arad, S. (1999). Gender, personality, and prejudice: The display of authoritarianism and social dominance in interviews with college men and women, *Journal of Research in Personality, 33*, 4, 463-493.

Maslow, A. H. (1954). *Personality and motivation*. Harlow, England: Longman.

Manoussaki, K., & Hayne, A. (2019). Authoritarianism, social dominance, religiosity and ambivalent sexism as predictors of rape myth acceptance. *International Journal of Gender and Women's Studies, 7*, 1, 79-84.

McKimmie, B. M., Masser, B. M., & Bongiorno, R. (2014). Whatcounts as rape? The effect of offense prototypes, victim stereotypes,and participant gender on how the complainant and defendantare perceived. *Journal of Interpersonal Violence, 29*, 2273–2303.

McGee, H., OHiggins, M., Garavan, R., & Conroy, R. (2011). Rape and child sexual abuse: what beliefs persist about motives, perpetrators, and survivors. *J. Interpers. Violence, 26*, 3580-3593.

Medeiros, E. D., Sá, E. C. D. N., Monteiro, R. P.,Santos, W. S., & Gusmão, E. É. D. S. (2017).Valores humanos, comportamentos antissociaise delitivos: evidências de um modelo explicativo. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, *12*,147-163.

Mikołajczak, M., & Pietrzak, J. (2014). Ambivalent sexism and religion: Connected through values. *Sex Roles 70*, 387–399.

Moyano, N., Monge, F. S., & Sierra, J. C. (2017). Predictors of sexual aggression in adolescents: Gender dominance vs.rape supportive attitudes. *The European Journal of PsychologyApplied to Legal Context*, *9*, 25- 31.

Nascimento, B. S. (2015). *Atitudes frente à violência contra a mulher: O papel dos valores e da desumanização da mulher*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

Peixoto, A. F., & Nobre, B. P. R. (2015). A responsabilização da mulher vítima de estupro. *Revista Transgressões Ciências Criminais em Debate, 3*, 227- 239.

Rezende, A. T., Gouveia, V, V., Nascimento, A, M., Vilar, R., & Oliveira, K, G. (2019). Correlatosvalorativos de crenças em teorias da conspiração. *Avances en Psicología Latinoamericana, 37*, 2, 219-234.

Rodriguez, J. R. (2015). "Utopias" institucionais antidiscriminação. As ambiguidades do direito e da política no debate feminista brasileiro. *Cadernos Pagu, 45*, 297-329.

Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.

Rokeach, M. (1981). *Crenças, Atitudes e Valores: uma teoria de organização e mudança*. Rio de Janeiro: Editora Interciência.

Russell, K. J., & Hand, C. J. (2017). Rape myth acceptance, victim blame attribution and Just WorldBeliefs: A rapid evidence assessment. *Aggression and Violent Behavior,* 1- 32.

Santos, W. S. (2008). *Explicando comportamentos socialmente desviantes: uma análise do compromisso convencional e afiliação social*. Tese de doutorado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

Scarpati, A. S. (2012). *Os mitos de estupro e a (im)parcialidade jurídica: A percepção de estudantes de direito sobre mulheres vítimas de violência sexual*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.

Schoellkopf, J. C. (2012). Victim-Blaming: A New Term for an Old Trend. *Lesbian Gay Bisexual Transgender Queer Center, 33,* 1-14.

Schwartz, S. H. (1992). Universals in the content and structure of values: Theory and empirical tests in 20 countries. In M. Zanna (Ed.), *Advences in experimental social psychology, 25,* 1- 65. New York: Academic Press.

Silva, N. L. (2018). Aprisionamentos contemporâneos de gênero: Releituras socioafetivas do negro no Brasil. *N'GANHU, 1*, 34- 45.

Sidanius, J., & Pratto, F. (2012). Social dominance theory. In P. A. M. Van Lange,A. W. Kruglanski, & E. T. Higgins (Eds.), Handbook of theories of social psychology(Vol. 2, pp. 418–438). London: Sage.

Sidanius, J., & Pratto, F. (1999). *Social dominance: An intergroup theoryof social hierarchy and oppression*. Cambridge, England: CambridgeUniversity Press.

Sjöberg, M. (2016). *Rape victim and perpetrator blame: effects of victim ethnicity, perpetrator ethnicity, participant gender, and participant ethnicity*. Tese de doutorado, Lund University Libreries, Suécia.

Soares, S. P. F. (2019). *Skin color and the risk of domestic violence in brazil*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.

Souza, L. E. C., Gouveia, V. V., Lima, T. J. S., & Santos, W, S. (2015). Questionários dos valores básicos – diagnóstico (QVB-D):Evidências de validade de construto. *Psicologia Reflexão e Crítica, 28*, 2, 292-301.

Sommacal, C. L., Tagliari, P. A. (2017). A cultura de estupro: o arcabouço da desigualdade, da tolerância à violência, da objetificação da mulher e da culpabilização da vítima. *Revista da ESMESC, 24*, 30, 245-268.

Spencer, B. (2016). The impact of class and sexuality-based stereotyping on rape blame. *Sexualization, Media, & Society,* 1-8.

Süssenbach, P., & Bohner, G. (2011). Acceptance of sexual aggression myths in a representative sample of German residents, *Aggressive Behavior*, 37, 4, 374-385.

Sussebach, P., Eyssel, F., Rees, J., & Bonher, G. (2017). Looking for Blame: RapeMyth Acceptance andAttention to Victim and Perpetrator. *Journal of Interpersonal Violence, 37*, 15, 2323–2344.

Taylor, S. E., Crocker, J., Fiske, S. T., Sprinzen, M., & Winkler, J. D. (1979). Thegeneralizability of salience effects. *Journal of Personality and Social Psychology, 37*, 357- 368.

Taylor, S. E., & Fiske, S. T. (1975). Point of view and perceptions of causality. *Journal of Personality and Social Psychology, 32*, 439- 445.

Vasconcelos, T. C., Gouveia, V. V., Souza Filho, M. L., Sousa, D. M. F., & Jesus, G, R. (2004). Preconceito e intenção em manter contato social: Evidências acerca dos valores humanos. *Psico-USF, 9*, 2, 147-154.

Ward, C. A. (1995). *Attitudes toward rape: Feminist and social psychological perspectives* (Vol. 8). Sage.

Ward, C., (1988). The attitudes toward rape victims scale. *Psychology of Women Quarterly*. *12*, 127-146.

Whatley, M. A. (1996). Victim characteristics influencing attributions of responsibilityto rape victims: A meta-analysis. *Aggression and Violent Behavior, 1*, 81-95.

Yount, K. M., Halim, N., Schuler, S. R., & Head, S. (2013). A survey experiment of women's attitudes about intimate partner violence against women in rural Bangladesh. *Demography, 50*, 333-357.

Considerações Finais

Esta dissertação de mestrado objetivou analisar quais aspectos minimizam a percepção de culpa do agressor no estupro, neste sentido, compreendendo as atitudes negativas frente a vítimas de estupro, que corroboram a culpabilização destas pela violência sofrida. Objetivou ainda, observar se variáveis contextuais em que ocorreu a violência ou a etnia da vítima influenciariam a intensidade dessas atitudes frente a estas.

Desta forma, a presente dissertação se deu por meio da construção de dois artigos, o primeiro visando a adaptação de uma medida de percepção de causa do estupro, e o segundo com caráter quase experimental, afim de analisar a relação entre os constructos valores humanos, orientação a dominância social e percepção de causa do estupro nas atitudes negativas frente a vítimas de estupro. Por fim, buscou a elaboração de um modelo explicativo para as atitudes negativas frente a vítimas de estupro. Não obstante os resultados de cada artigo disporem de discussões anteriores, a seguir serão retomados os principais resultados dos mesmos e elencado possíveis aplicações dos achados nesta dissertação, suas limitações e por fim sugestões de estudos futuros.

Principais resultados empíricos

Os resultados verificados com a realização dos dois artigos que compõe esta dissertação trouxeram achado que colaboram ao entendimento de atitudes negativas frente a vítimas de estupro, principalmente quando se tem em consideração a escassez de estudos no âmbito nacional acerca da temática.

O primeiro artigo com ênfase psicométrica foi divido em dois estudos, sendo o primeiro de caráter de adaptação da *Escala de Percepção de Causa do Estupro (EPCE)*

(Cowan & Quinton, 1996) e o segundo estudo buscou a confirmação da estrutura fatorial deste instrumento.

Neste sentido, verificou que a mesma assume uma dimensão pentafatorial, com poder explicativo de 63,12% da variância total, apresentando índices de consistência interna satisfatórios de acordo com a literatura (Pasquali, 2010). Esta estrutura, assim como na versão original do instrumento, é organizada em dimensões de orientação social (*Dominação masculina* e *sociedade e socialização*), e individual (*Culpabilização da vítima*, *sexualidade masculina* e *hostilidade masculina*), podendo ser utilizadas como parâmetros de mensuração proeminente aos fatores individualmente, como foi feito no segundo artigo desta dissertação, que será discutido com maior ênfase posteriormente. Esta estrutura fatorial foi confirmada pelo segundo estudo em uma análise confirmatória, apresentando também validade convergente, sendo verificada pela sua correlação com a medida de *Escala de Atitudes Frente a Vítimas de Estupro (EAVE)* (Barbosa, 2017; Ward, 1995). Neste sentido pode-se considerar este instrumento adequado para mensuração de percepção de causa do estupro, justificando por tanto sua utilização em estudos futuros.

O segundo artigo, de caráter quase experimental, visava a elaboração de um modelo explicativo para as atitudes negativas frente a vítimas de estupro, assumindo como variáveis independentes a orientação a dominância social, valores humanos e percepção de causa do estupro; além do modelo explicativo, este artigo verificou a correlação entre as variáveis, a diferenciação entre os gêneros, a influência das condições experimentais, bem como a preponderância da identificação com o movimento feminista nas atitudes negativas frente a vítimas de estupro.

Os principais resultados deste último, sugerem que os homens apresentam atitudes mais negativas frente as vítimas de estupro, mesmo não havendo diferença

entre os gêneros quanto a percepção de culpa da vítima; além das diferenças entre os gêneros, foi verificado que os sujeitos que endossam a pertença ao movimento feminista apresentaram menos atitudes negativas frente a vítimas de estupro, além do menor endosso a orientação a dominância social e maior ênfase a percepção de causa do estupro como sendo derivada de fatores sociais, em outra palavras, quando o indivíduo tem conhecimento e se identifica com o feminismo, apresenta menor apoio a estruturas de desigualdade social e de violência contra as mulheres.

Em relação as condições experimentais, pode-se verificar que as vítimas que não correspondem aos estereótipos de gênero são mais culpabilizadas pela violência, isto corresponde ao fato que quando a vítima é retratada como violentada após um dia de trabalho, estas são atribuídas mais culpa do que aquelas que sofreram violência após uma festa. Além desta observação, pode-se verificar que vítimas negras apresentam médias superiores a vítimas brancas, sugerindo que o fator etnia exerce influência na atribuição de culpa no cenário de estupro.

Ainda sobre o artigo 2, pode-se verificar correlações entre os valores materiais com atitudes negativas frente a vítimas de estupro, principalmente o valor normativo que esteve presente em todos os componentes de atitudes frente a vítimas de estupro (*Credibilidade, merecimento* e *culpabilização da vítima*), isto sugere que pessoas que valorizam ganhos materiais e que apresentam atitudes mais conservadoras, religiosas e tradicionais, tendem a apresentar maior endosso a atitudes negativas frente a vítimas de estupro. Também pode-se verificar a correlação negativa entre os valores de existência e experimentação quando aos componentes de merecimento e culpabilização da vítima, o que indica que pessoas mais idealistas, e que tendem a buscar por conhecimento, maturidade e sobrevivência, apresentam menor apoio a atitudes negativas frente as vítimas.

Além dos achados acerca das atitudes frente a vítimas e os correlatos com os valores humanos, foi verificado a percepção de causa do estupro de ordem social está relacionada aos valores normativos negativamente, o que sugere que quanto mais normativo, menor o apoio a percepção da causa do estupro como derivada de uma estrutura social e hierárquica entre os gêneros. Foi observado que os valores experimentação e suprapessoal estavam relacionados a percepção de causa do estupro de ordem social, reforçando a ideia que pessoas que buscam por conhecimento, maturidade e são idealistas tendem a ter menor endosso a crenças que reforcem as atitudes negativas frente a vítimas de estupro. Além destes resultados, pode-se verificar ainda que o valor de realização está relacionado a percepção de causa do estupro de ordem individual, sugerindo que pessoas materialistas que buscam por poder e prestígio percebem o estupro como derivado de comportamentos das vítimas e de agressores que são sujeitos que apresentam condutas desviantes da sociedade.

Além dos achados a respeito dos valores humanos, verificou que quando a escala de percepção de causa do estupro assume uma dimensão bifatorial (Percepção de causa do estupro de ordem: *individual* e *social*), a percepção de causa do estupro de ordem social exerceu correlação negativa com todos os componentes de atitudes negativas frente a vítimas de estupro, nesta mesma direção, reforçando a ideia que quando os sujeitos percebem o estupro como uma violência circunscrita na sociedade e nas estruturas hierárquicas entre os gêneros, estes tendem a não apoiar atitudes negativas frente a violência sexual contra mulheres.

O artigo 2 verificou um modelo explicativo onde apresenta a percepção de causa do estupro de ordem social e os valores normativos como dimensões mediadoras na relação de efeito da orientação a dominância social de igualitarismo nas atitudes frente a vítimas de estupro. Os resultados apontam para inexistência da mediação dos valores

normativos nesta relação, isto sugere que os valores normativos não apresentam efeito indireto entre a relação da orientação a dominância social de igualitarismo nas atitudes frente a vítimas de estupro, porem o efeito direto dos valores normativos nas atitudes frente a vítimas de estupro foi significativo, estes achados corroborados anteriormente pelos correlatos, reforçam que os valores normativos são preditores nas atitudes frente a vítimas de estupro, estudos anteriores à presente dissertação sugerem que estes valores são preditores a orientação a dominância social (Farias, 2019), o que explica sua falta de mediação nesta relação, já que estes antecedem a relação entre a orientação a dominância social e as atitudes frente a vítimas de estupro. Com tudo, foi observado a mediação da percepção de causa do estupro de ordem social na relação entre a dominância social de igualitarismo e atitudes frente a vítimas de estupro no componente de culpabilização da vítima, esta mediação foi negativa, sugerindo que a compreensão de que o estupro é causado por estruturas sociais perpassadas na socialização dos sujeitos e devido a dominação masculina, reduz atitudes que culpabilizam as vítimas de estupro.

Por fim, pode-se verificar uma linguagem em comum nos resultados desta dissertação, todos os achados corroboram a ideia de que pessoas que buscam por conhecimento e maturidade, e que compreendem as estruturas de poder sociais que circundam as relações entre homens e mulheres, não suportam atitudes negativas frente a vítimas de estupro, ao contrário, indivíduos conservadores e materialistas endossam estas atitudes, que descredibilizam o discurso da vítima, atribuem um caráter punitivo a violência sexual, assumindo que estas vítimas são merecedoras do estupro que sofrem e consequentemente às culpabilizando.

Possibilidades de aplicação

Atitudes negativas frente a vítimas de estupro apresentam consequências estruturais, a despeito da maior tolerância ao crime, gerando condições em que a própria vítima se percebe como "culpada", o que pode potencializar o surgimento de estresses pós traumáticos, depressão, ansiedade e pensamentos suicidas (Kubany, Abueg, Owens, Brennan, Kaplan, & Watson, 1995), este cenário colabora com a maior impunidade dos agressores e maior dificuldade na recuperação destas vítimas (Grubb & Harrower, 2009). Estas circunstâncias são visíveis quando nos debruçamos sobre os dados da pesquisa do Instituto de Pesquisa Aplicada IPEA (Cerqueira, Coelho & Ferreira, 2014), em que revelou que somente 10% dos casos de estupro são denunciados, onde apenas 35% destes são julgados (Oliveira, 2016).

Dessa forma, a intervenção em atitudes que reforcem uma percepção negativa das vítimas de estupro se faz necessária, apesar do objetivo desta dissertação não se voltar para a construção de um modelo interventivo e de diminuição destas atitudes, os resultados deixam pistas de quais caminhos podem ser tomados nas intervenções para minimizar atitudes negativas frente a vítimas de estupro, estes vão desde os instrumentos disponibilizados até os resultados observados entre as relações das variáveis.

No que tange ao instrumento adaptado nesta dissertação, este pode ser adequado ao auxilio no estabelecimento de estimativas sobre a percepção de causa do estupro com o intuito de subsidiar programas interventivos e remediadores, onde poderia ser utilizado com a equipe de auxílio a vítimas de estupro como policiais, médicos e enfermeiros, afim de averiguar a percepção que estes tem acerca da violência. Assim como sugerido por Barbosa (2017), instrumentos que auxiliam no entendimento sobre atitudes e percepção dos indivíduos sobe a violência sexual e suas vítimas podem

auxiliar em sistemas de justiça criminal, afim de auxiliar na escolha de jurados mais adequados para casos de estupro, atuando como fontes complementares, pois de acordo com Fischer (1997), atitudes positivas ou negativas em relação as vítimas de estupro pode influenciar no julgamento de casos de estupro.

Além do uso de instrumentos sobre percepção e atitudes frente a vítimas de estupro, os resultados também apontam para a direção de intervenções que promovam o desenvolvimento de valores humanos idealistas, que prezem pelo conhecimento e maturidade, bem como a promoção de ações que visem a igualdade entre os gêneros, gerando conscientização acerca das estruturas de poder que podem influenciar na aceitação do estupro e culpabilização da vítima, como é o caso do movimento feminista, que se apresentou como uma variável significativa na diminuição de atitudes negativas frente a vítimas de estupro.

Limitações da pesquisa

Posto que as contribuições desta dissertação são relevantes, como a exemplo da medida adaptada, além do conhecimento dos correlatos de atitudes e percepção acerca da causa e das vítimas de estupro, é admissível algumas limitações deste trabalho. A princípio pode-se relatar a limitação das amostras utilizadas nos dois artigos, como referido anteriormente, estudantes universitários tendem a ser mais liberais e apresentarem maior apoio a vítimas de estupro (Ward, 1995), além disto, trata-se de uma amostra por conveniência, o que limita quais quer generalização dos resultados para além do contexto em que os estudos foram realizados (Cozby, 2003).

Além das limitações quanto as amostras, é necessário ressaltar as limitações metodológicas destes artigos, a primeira delas volta-se as medidas utilizadas, por se tratarem de medidas de autorrelato ou explícitas estão sujeitas ao fator de desejabilidade social, em se tratando da temática abordada, este fator é ainda mais forte, visto a menor

probabilidade das pessoas se mostrarem abertamente desfavoráveis a vítimas de estupro (Barbosa, 2017; Nunes, Chantal, Hermann, & Ratcliffe, 2013). Nesta perspectiva, os participantes podem dar respostas não condizentes com o que realmente acreditam, afim de serem socialmente aceitos. Além do viés da desejabilidade social, outro componente que se tange as limitações metodológicas que esta dissertação está sujeita, refere-se aos cenários experimentais adotados no segundo artigo, estes se voltavam a características pertinentes as vítimas, o que pode estar sujeito ao viés de saliência do alvo, enviesando o olhar dos participantes e induzindo-os a responderem de acordo aos mitos de estupro (Taylor, Crocker, Fiske, Sprinzen & Winkler, 1979). As limitações supracitadas nesta dissertação devem ser consideradas em pesquisas futuras, afim de aperfeiçoar a compreensão das atitudes frente a vítimas de estupro.

Sugestões de estudos futuros

Tendo em consideração os resultados e as limitações desta dissertação, sugere-se que estudos futuros ampliem o debate a população geral, desenvolvendo pesquisas com públicos mais diversificados, uma vez que pesquisas mostram que o nível de atitudes negativas frente a vítimas de estupro varia de acordo com o nível de escolaridade dos sujeitos (Sjöberg, 2016). Estudos dessa amplitude contribuiriam não somente ao entendimento das atitudes frente a vítimas de estupro, mas também a variabilidade e confiabilidade das medidas de mensuração. Ainda a respeito da amostra utilizado, seria interessante o desenvolvimento de pesquisas em outras regiões do país, tendo em consideração que os únicos estudos que se comprometem a investigação de atitudes frente a vítimas de estupro no contexto brasileiro são nordestinas (Barbora, 2017; Farias, 2019).

É sabido que a presente dissertação considerou somente três variáveis preditoras as atitudes frente a vítimas de estupro: *Orientação a dominância social (igualitarismo),*

Valores humanos (normativos) e Percepção de causa do estupro (ordem social); porém, sabe-se que outras variáveis estão implícitas na predição de atitudes frente a vítimas de estupro, como a exemplo da honra masculina, machismo e autoritarismo de direita (Barbosa, 2017, Canto, García e Novas, 2018), além destas variáveis, a presente dissertação sugere que o racismo pode atuar como um fator preditivo para o endosso de atitudes negativas frente a vítimas de estupro, principalmente quando estas são vítimas negras, o que se refere a uma realidade brasileira, já que em 2019 foi verificado que a maioria das vítimas de estupro no Brasil são mulheres negra (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019), neste sentido, faz-se pertinente a realização de pesquisas que considerem a influência do racismo em atitudes frente a vítimas de estupro.

A presente dissertação verificou a manipulação de cenários com características das vítimas de estupro, o que foi uma limitação quanto a variáveis que podem influenciar na percepção dos indivíduos acerca da causa e culpa no estupro, neste sentido, sugere-se que estudos futuros que se fizerem o uso de cenários experimentais abordem características mais abrangentes nos cenários relatados, a exemplo de características do agressor, desta forma, pode-se controlar o viés de saliência do alvo (Taylor, et al, 1979).

Afim de controlar o viés de desejabilidade social, sugere-se o uso de medidas implícitas em pesquisas subsequentes, a exemplo do IAT, um teste de associação implícita podendo auxiliar no uso de imagens que caracterizem melhor os sujeitos envolvidos na violência relatada. Por fim, pode-se pensar na realização de estudos interventivos, afim de reduzir atitudes negativas frente a vítimas de estupro, que promovam o desenvolvimento de valores idealistas e o conhecimento acerca de estruturas hierárquicas de poder que podem justificar e endossar este tipo de atitude.

Referências

Barbosa, L. H. G. M.(2017). *Atitudes frente as vítimas de estupro: O papel de variáveis socioculturais e sociopsicológicas*. Tese de doutorado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.

Canto, J. M., García, J. S. M., & Novas, F. P. (2018). Exploring the roleof aggressor's socialclass in rape and itsrelation to right-wingauthoritarianism andsocial dominance. *Journal of Interpersonal Violence*, *0*, 1–24.

Cerqueira, D. Coelho, D. S. C., & Ferreira, H. (2014). Estupro no brasil: vítimas, autores, fatores situacionais e evolução das notificações no sistema de saúde entre 2011 e 2014. *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada IPEA*. 7-30.

Cozby, P. (2003). *Metodologia de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Atlas.

Cowan, G., & Quinton, W. J. (1997). Cognitive style and atitudinal correlates of the perceived causes of rape scale. *Psychology of Women Quarterly,* 21, 227-245.

Farias, M. G. (2019). *Culpabilização de mulheres vítimas de estupro: Subtipos femininos e variáveis correlatas*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.

Fischer, G. J. (1997). Gender effects on individual verdicts and on mock jury verdicts in a simulated acquaintance rape trial. *Sex Roles, 36*, 491–501.

Forúm Brasileiro de Segurança Pública. (2019). *Anuário brasileiro de segurança pública 2019*. Recuperado em 10 de março, 2020 de http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/13-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/

Grubb, A., & Harrower, J. (2009). Attribution of blame in cases of rape: An analysis of participant gender, type of rape and perceived similarity to the victim. *Aggression and Violent Behavior, 13,* 396–405.

Kubany, E. S., Abueg, F. R., Owens, J. A., Brennan, J. M., Kaplan, A. S., & Watson, S. B. (1995). Initial examination of a multidimensional model of trauma-related guilt: Applications to combat veterans and battered women. *Journal of Psychopathology and Behavioural Assessment, 17,* 353-376.

Nunes, K. L., Hermann, C. A., & Ratcliffe, K. (2013). Implicit and explicit attitudes toward rape are associated with sexual aggression. Journal of Interpersonal Violence, 28, 2657–2675.

Oliveira, G. (2016). *Apenas 35% dos casos de estupro no Brasil são notificados*. Época. Recuperado em 10 de março, 2020 de https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/05/apenas-35-dos-casos-de-estupro-no-brasil-sao-notificados.html

Pasquali, L. (2010). *Instrumentação psicológica: Fundamentos e prática*. Porto Alegre, RS: Artmed.

Sjöberg, M. (2016). *Rape victim and perpetrator blame: effects of victim ethnicity, perpetrator ethnicity, participant gender, and participant ethnicity*. Tese de doutorado, Lund University Libreries, Suécia.

Taylor, S. E., Crocker, J., Fiske, S. T., Sprinzen, M., & Winkler, J. D. (1979). Thegeneralizability of salience effects. *Journal of Personality and Social Psychology, 37,* 357- 368.

Ward, C. A. (1995). *Attitudes toward rape: Feminist and social psychological perspectives* (Vol. 8). Sage.

APÊNDECES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CCHLA – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
CEP 58.051-900 – João Pessoa/PB
E-mails: vvgouveia@gmail.com; francicleia.psi@hotmail.com

Prezado(a) Colaborador(a)

Estamos realizando uma pesquisa na Universidade Federal da Paraíba com o propósito de conhecer sobre as atitudes e comportamentos das pessoas frente a violência sexual. Neste sentido, para efetivação do estudo gostaríamos de contar com sua colaboração respondendo este questionário.

Por favor, leia atentamente as instruções deste caderno e marque ou escreva a resposta que mais se aproxima do que você sente, pensa e/ou faz, sem deixar qualquer das questões em branco.

Para que você possa respondê-lo com a máxima sinceridade e liberdade, queremos lhe garantir o caráter anônimo e a confidencialidade de todas as suas respostas. Você também pode abandonar o estudo a qualquer momento sem prejuízo. Contudo, antes de prosseguir, de acordo com o disposto na resolução 510/16, do Conselho Nacional de Saúde, faz-se necessário documentar seu consentimento.

Por fim, estamos a sua inteira disposição no endereço acima para esclarecer qualquer dúvida que necessite.

Desde já, agradecemos sua colaboração.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Assinando este termo, estou concordando em participar do estudo acima mencionado, sob a coordenação do Prof. Dr. Valdiney V. Gouveia e realização da mestranda Francicléia Lopes Silva, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, estando ciente de que os dados fornecidos poderão ser utilizados para fins científico-acadêmicos.

_____ de _____ de 2019

_____

VINHETAS EXPERIMENTAIS

Condição 1: Maria, uma jovem **negra** de 20 anos de idade, quando saia do seu **trabalho** por volta das 22 horas, ao se dirigir ao ponto de ônibus, recebeu a oferta de carona. Devido à distância para sua casa e o horário, decidiu aceitar a oferta. Entretanto, quando ingressou no carro, a pessoa que a convidou mudou o destino e a levou para uma rua escura e deserta, passando a estuprá-la.

Condição 2: Maria, uma jovem **branca** de 20 anos de idade, quando saia do seu **trabalho** por volta das 22 horas, ao se dirigir ao ponto de ônibus, recebeu a oferta de carona. Devido à distância para sua casa e o horário, decidiu aceitar a oferta. Entretanto, quando ingressou no carro, a pessoa que a convidou mudou o destino e a levou para uma rua escura e deserta, passando a estuprá-la.

Condição 3: Maria, uma jovem **negra** de 20 anos de idade, quando saia de uma **festa**, por volta das 22 horas, ao se dirigir ao ponto de ônibus, recebeu a oferta de carona. Devido à distância para sua casa e o horário, decidiu aceitar a oferta. Entretanto, quando ingressou no carro, a pessoa que a convidou mudou o destino e a levou para uma rua escura e deserta, passando a estuprá-la.

Condição 4: Maria, uma jovem **branca** de 20 anos de idade, quando saia de uma **festa**, por volta das 22 horas, ao se dirigir ao ponto de ônibus, recebeu a oferta de carona. Devido à distância para sua casa e o horário, decidiu aceitar a oferta. Entretanto, quando ingressou no carro, a pessoa que a convidou mudou o destino e a levou para uma rua escura e deserta, passando a estuprá-la.

Tradução – Escala de Percepção de Causa do Estupro (EPCE)

INSTRUÇÕES: Abaixo você encontrará algumas afirmativas acerca das causas do estupro. Por favor, indique o seu nível de concordância com cada uma delas, utilizando a escala de resposta abaixo:

1. Discordo Totalmente	**2. Discordo**	**3. Discordo Parcialmente**	**4. Nem Concordo nem Discordo**	**5. Concordo Parcialmente**	**6. Concordo**	**7. Concordo Totalmente**

1. ____ O estupro é causado por mulheres que provocam homens.
2. ____ O estupro é causado por mulheres que permitem que homens as toquem de maneira íntima.
3. ____ O estupro é causado pelo uso de álcool ou drogas por parte das mulheres.
4. ____ O estupro é causado por mulheres que se vestem de maneira sensual.
5. ____ O estupro é causado por mulheres que permitem que a situação saia do controle.
6. ____ O estupro é causado por mulheres que fazem coisas perigosas (tais como sair sozinha, pegar carona).
7. ____ O estupro é causado pela crença de que as mulheres são propriedades dos homens.
8. ____ O estupro é causado pela crença de que os homens são dominantes sobre as mulheres.
9. ____ O estupro é causado pela crença dos homens de que é direito deles usar qualquer mulher para fins sexuais.
10. ____ O estupro é causado pela crença de que as mulheres são inferiores aos homens.
11. ____ O estupro é causado pela necessidade dos homens de colocar as mulheres em seu “lugar”.
12. ____ O estupro é causado pela crença dos homens de que a força é excitante para as mulheres.
13. ____ O estupro é causado pelo fato de homens terem disposição sexual mais forte que mulheres.
14. ____ O estupro é causado pelo fato de homens terem mais necessidades sexuais que mulheres.
15. ____ O estupro é causado pelo fato de homens não terem sexo suficiente em suas relações.
16. ____ O estupro é causado pelo fato de homens serem biologicamente predadores, enquanto as mulheres são presas.
17. ____ O estupro é causado por homens frustrados por relações sexuais sem sucesso.
18. ____ O estupro é causado pelo impulso dos homens de transmitir seus genes.
19. ____ O estupro é causado por homens que não conseguem controlar seus impulsos sexuais.
20. ____ O estupro é causado pela violência contra a mulher nos filmes e na televisão.
21. ____ O estupro é causado pela aceitação da violência por parte da sociedade.

22. ____ O estupro é causado pelos retratos sociais da masculinidade como dominante, poderosa e sexualmente agressiva.
23. ____ O estupro é causado pela maneira como a mídia retrata as mulheres.
24. ____ O estupro é causado pelas crenças sociais de que a dominância e a submissão são sexys.
25. ____ O estupro é causado pela sociedade que prepara os homens para serem agressivos.
26. ____ O estupro é causado por homens que exibem sua hostilidade contra as mulheres.
27. ____ O estupro é causado por homens que obtém prazer sexual usando a força.
28. ____ O estupro é causado pela raiva dos homens em relação às mulheres.
29. ____ O estupro é causado por sentimentos de inferioridade, insuficiência e baixa autoestima dos homens.
30. ____ O estupro é causado por homens que não foram amados, que sofreram abuso ou que foram negligenciados quando criança.
31. ____ O estupro é causado por homens que são muito diferentes dos “caras comuns” (homens que são “esquisitos”).
32. ____ O estupro é causado por homens que são mentalmente doentes.

Versão final - Escala de Percepção de Causa do Estupro (EPCE)

INSTRUÇÕES: Abaixo você encontrará algumas afirmativas acerca das causas do estupro. Por favor, indique o seu nível de concordância com cada uma delas, utilizando a escala de resposta abaixo:

1. Discordo Totalmente	**2. Discordo**	**3. Discordo Parcialmente**	**4. Nem Concordo nem Discordo**	**5. Concordo Parcialmente**	**6. Concordo**	**7. Concordo Totalmente**

1. ____ O estupro é causado por mulheres que provocam homens.
2. ____ O estupro é causado por mulheres que permitem que homens as toquem de maneira íntima.
3. ____ O estupro é causado pelo uso de álcool ou drogas por parte das mulheres.
4. ____ O estupro é causado por mulheres que se vestem de maneira sensual.
5. ____ O estupro é causado por mulheres que permitem que a situação saia do controle.
6. ____ O estupro é causado por mulheres que fazem coisas perigosas (tais como sair sozinha, pegar carona).
7. ____ O estupro é causado pela crença de que as mulheres são propriedades dos homens.
8. ____ O estupro é causado pela crença de que os homens são dominantes sobre as mulheres.
9. ____ O estupro é causado pela crença dos homens de que é direito deles usar qualquer mulher para fins sexuais.
10. ____ O estupro é causado pela crença de que as mulheres são inferiores aos homens.
11. ____ O estupro é causado pela necessidade dos homens de colocar as mulheres em seu “lugar”.
12. ____ O estupro é causado pela crença dos homens de que a força é excitante para as mulheres.
13. ____ O estupro é causado pelo fato de homens terem disposição sexual mais forte que mulheres.
14. ____ O estupro é causado pelo fato de homens terem mais necessidades sexuais que mulheres.
15. ____ O estupro é causado pelo fato de homens não terem sexo suficiente em suas relações.
16. ____ O estupro é causado pelo fato de homens serem biologicamente predadores, enquanto as mulheres são presas.
17. ____ O estupro é causado por homens frustrados por relações sexuais sem sucesso.
18. ____ O estupro é causado pelo impulso dos homens de transmitir seus genes.
19. ____ O estupro é causado pela violência contra a mulher nos filmes e na televisão.
20. ____ O estupro é causado pela aceitação da violência por parte da sociedade.
21. ____ O estupro é causado pela maneira como a mídia retrata as mulheres.

22. ____ O estupro é causado pelas crenças sociais de que a dominância e a submissão são sexys.
23. ____ O estupro é causado pela sociedade que prepara os homens para serem agressivos.
24. ____ O estupro é causado por sentimentos de inferioridade, insuficiência e baixa autoestima dos homens.
25. ____ O estupro é causado por homens que não foram amados, que sofreram abuso ou que foram negligenciados quando criança.
26. ____ O estupro é causado por homens que são muito diferentes dos “caras comuns” (homens que são “esquisitos”).

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

1. Idade: _____Anos **2. Sexo:** ❒ Feminino ❒ Masculino

3. Condição Sexual:
❒ Heterossexual ❒ Homossexual ❒ Lésbica ❒ Bissexual ❒ Outra:_____

4. Estado Civil:
❒ Solteiro(a) ❒ Casado(a) / Convivente ❒ Divorciado(a) ❒ Outro:_____

5. Nível de Religiosidade (Marque um X o número que seu nível de religiosidade):

1	2	3	4	5
Nada Religioso	**Pouco Religioso**	**Medianamente religioso**	**Muito religioso**	**Totalmente religioso**

6. Formação Acadêmica: Curso:_____ Período: ____

7. Indique de que etnia você se considera: ❒ Branca ❒ Negra ❒ Parda ❒ Outra:____

8. Você se identifica com algum movimento social?

❒ Não
❒ Sim... Qual(is)? (Se for o caso, pode marcar mais de um)
- ❒ Movimento Negro
- ❒ Movimento Feminista
- ❒ Movimento Quilombola
- ❒ Movimento LGBTQ+
- ❒ Movimento Sem Terras
- ❒ Movimento Brasil Livre
- ❒ Outro:_____

9. Em temas políticos, algumas vezes se fala sobre "liberais" e "conservadores." Como você se posiciona nessa escala, geralmente falando? (Marque um número)

Muito liberal	Liberal	Algo liberal	Moderado / No centro	Algo conservador	Conservador	Muito conservador
1	2	3	4	5	6	7

10. Comparando com as pessoas de sua cidade, em média, considerando todos os rendimentos de membros de sua família, seus rendimentos são:

Muito acima da média	Acima da média	Um pouco acima da média	Na média	Um pouco abaixo da média	Abaixo da média	Muito abaixo da média
1	2	3	4	5	6	7

Obrigada pela colaboração!

ANEXOS

ESCALA DE ORIENTAÇÃO A DOMINÂNCIA SOCIAL

INSTRUÇÕES. Existem diferentes tipos de grupos no mundo: homens e mulheres, grupos étnicos e religiosos, nacionalidades, facções políticas, etc. Os itens a seguir descrevem opiniões gerais sobre grupos humanos e as relações entre eles. Por favor, selecione um número de 1 a 7 na escala abaixo para indicar o quanto você favorece ou se opõe às ideias.

1	2	3	4	5	6	7
Discordo fortemente	Discordo moderadamente	Discordo	Levemente Neutro	Concordo levemente	Concordo moderadamente	Concordo fortemente

1. ____Ter alguns grupos no topo realmente beneficia a todos

2. ____É provavelmente algo bom que alguns grupos fiquem em cima e outros embaixo.

3. ____Uma sociedade ideal requer que alguns grupos estejam em cima e outros embaixo.

4. ____Alguns grupos são simplesmente inferiores a outros.

5. ____Grupos inferiores são tão merecedores quanto grupos superiores.

6. ____Nenhum grupo deveria dominar na sociedade.

7. ____Grupos inferiores não deveriam ter que permanecer nesta posição.

8. ____A dominância grupal é um princípio medíocre.

9. ____Nós não deveríamos buscar a igualdade entre grupos.

10. ____Nós não deveríamos tentar garantir que todos os grupos tenham a mesma qualidade de vida.

11. ____É injusto tentar igualar os grupos.

12. ____A igualdade entre grupos não deveria ser nosso objetivo primordial.

13. ____Nós deveríamos trabalhar para dar a todos os grupos uma oportunidade igual de prosperar.

14. ____Nós deveríamos fazer o que podemos para igualar as condições de vida entre diferentes grupos.

15. ____Custe o que custar, nós devemos nos esforçar para garantir que todos os grupos tenham as mesmas oportunidades na vida.

16. ____A igualdade entre os grupos deveria ser nosso ideal.

ESCALA DE ATITUDES FRENTE A VÍTIMAS DE ESTUPRO

INSTRUÇÕES. A seguir você encontrará uma série de frases sobre os homens e as mulheres. Por favor, indique em que medida você concorda ou discorda de cada uma delas, utilizando a seguinte escala de resposta:

1	**2**	**3**	**4**	**5**
Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo ligeiramente	Concordo totalmente

1. ___Uma mulher que foi estuprada é uma mulher menos desejável.
2. ___A extensão da resistência da mulher deve ser o fator principal para determinar se um estupro.
3. ___Uma mulher estuprada geralmente é uma vítima inocente.
4. ___ As mulheres frequentemente alegam estupro para se proteger
5. ___ As meninas "boas" são tão prováveis de serem estupradas quanto as "meninas más".
6. ___ As mulheres que não são virgens não devem queixar-se de estupro.
7. ___ As mulheres não provocam estupro por sua aparência ou comportamento.
8. ___ As mulheres intoxicadas (sob efeito de álcool ou drogas) geralmente estão dispostas a ter relações sexuais.
9. ___ Seria bom para algumas mulheres serem estupradas.
10 ___ As mulheres que se sentem culpadas por transar antes do casamento não são susceptíveis de alegar estupro falsamente
11 ___ A maioria das mulheres deseja secretamente ser estuprada.
12 ___ Qualquer mulher pode ser estuprada.
13 ___ Mulheres que são estupradas ao aceitar passeios com estranhos obtem o que merecem.
14 ___ Muitas mulheres inventam histórias de estupro quando descobrem uma gravidez indesejada.
15 ___ Os homens, não as mulheres, são responsáveis pelo estupro.
16 ___ Uma mulher que sai sozinha à noite se coloca em perigo de ser estuprada.
17 ___Muitas mulheres alegam estupro mesmo tendo consentido ter relações sexuais, que se arrependeram depois.
18 ___ As acusações de estupro por, dançarinas e prostitutas devem ser vistos com suspeita.
19 ___ Uma mulher não deveria se culpar por estupro.
20 ___ Uma mulher saudável pode resistir com sucesso a um estuprador se ela realmente tentar.
21 ___ Muitas mulheres que relatam estupro estão mentindo porque querem vingança.

22 ___ As mulheres que usam saias curtas ou blusas apertadas não estão convidando para serem estupradas.
23 ___ As mulheres se colocam em situações em que são susceptíveis de serem agredidas sexualmente porque têm um desejo inconsciente de serem estupradas.
24 ___ Mulheres sexualmente experientes não são realmente agredidas por estupro.
25 ___ Na maioria dos casos, quando uma mulher foi estuprada, ela merecia.

Questionário de Valores Básicos QVB

INSTRUÇÕES. Por favor, leia atentamente a lista de valores descritos a seguir, considerando seu conteúdo. Utilizando a escala de resposta abaixo, indique com um número no espaço ao lado de cada valor o grau de importância que este tem como um princípio que guia sua vida:

1	2	3	4	5	6	7
Totalmente não importante	Não importante	Pouco importante	Mais ou menos importante	Importante	Muito importante	Totalmente importante

01.____PRAZER. Desfrutar da vida; satisfazer todos os seus desejos.

02.____ÊXITO. Obter o que se propõe; ser eficiente em tudo que faz.

03.____APOIO SOCIAL. Obter ajuda quando a necessite; sentir que não está só no mundo.

04.____CONHECIMENTO. Procurar notícias atualizadas sobre assuntos pouco conhecidos; tentar descobrir coisas novas sobre o mundo.

05.____EMOÇÃO. Desfrutar desafiando o perigo; buscar aventuras.

06.____PODER. Ter poder para influenciar os outros e controlar decisões; ser o chefe de uma equipe.

07.____AFETIVIDADE. Ter uma relação de afeto profunda e duradoura; ter alguém para compartilhar seus êxitos e fracassos.

08.____RELIGIOSIDADE. Crer em Deus como o salvador da humanidade; cumprir a vontade de Deus.

09.____SAÚDE. Preocupar-se com sua saúde antes de ficar doente; não estar enfermo.
10.____SEXUALIDADE. Ter relações sexuais; obter prazer sexual.

11.____PRESTÍGIO. Saber que muita gente lhe conhece e admira; quando velho receber uma homenagem por suas contribuições.

12.____OBEDIÊNCIA. Cumprir seus deveres e obrigações do dia a dia; respeitar aos seus pais e aos mais velhos.

13.____ESTABILIDADE PESSOAL. Ter certeza de que amanhã terá tudo o que tem hoje; ter uma vida organizada e planificada.

14.____CONVIVÊNCIA. Conviver diariamente com os vizinhos; fazer parte de algum grupo, como: social, esportivo, entre outros.

15.____BELEZA. Ser capaz de apreciar o melhor da arte, música e literatura; ir a museus ou exposições onde possa ver coisas belas.

16.____TRADIÇÃO. Seguir as normas sociais do seu país; respeitar as tradições da sua sociedade.

17.____SOBREVIVÊNCIA. Ter água, comida e poder dormir bem todos os dias; viver em um lugar com abundância de alimentos.

18.____MATURIDADE. Sentir que conseguiu alcançar seus objetivos na vida; desenvolver todas as suas capacidades.

The Perceived Causes of Rape (PCR)

Below you have a number of statements. Please indicate your success or disagreement with each of them. Your questions are wrong, they are only interested in your opinion. Use the following response scale:

1	2	3	4	5	6	7
Strongly disagree	Disagree	Partially disagree	Neither disagree nor agree	Partially agree	I agree	I totally agree

1. __Rape is caused by Women who tease men
2. __Rape is caused by Women who allow men to intimately touch them
3. __Rape is caused by Women's use of drugs or alcohol
4. __Rape is caused by Women who dress sexy
5. __Rape is caused by Women allowing the situation to get out of control
6. __Rape is caused by Women who do unsafe thing (such as being out alone, hitch-hiking)
7. __Rape is caused by The belief that women are men's property
8. __Rape is caused by The belief that men are dominant over women
9. __Rape is caused by Men's belief that it is their right to use any woman for sex
10. __Rape is caused The belief that women are inferior to men.
11. __Rape is caused by Men's need to put women in their "place"
12. __Rape is caused by Men's belief that force is arousing for women
13. __Rape is caused by Men having a stronger sex drive than women
14. __Rape is caused by Men's sexual needs being greater than women's
15. __Rape is caused by Men who don't get enough sex in their relationships
16. __Rape is caused by Men being biologically predators and women, prey
17. __Rape is caused by Men frustrated by unsuccessfuk sexual relationship
18. __Rape is caused by Men's drive to pass on their genes
19. __Rape is caused by Men who can't control their sexual drives.
20. __Rape is caused by Violence toward women in the movies and on television
21. __Rape is caused by Society's acceptance of violence
22. __Rape is caused by Societal portrayals of masculinity as dominant, powerful, and sexually aggressive.
23. __Rape is caused by The way the media portray women
24. __Rape is caused by Socieal beliefs that dominance and submission are sexy
25. __Rape is caused by Society that trains men to be aggressive
26. __Rape is caused by Men acting out their hostility toward women
27. __Rape is caused by Men who get sexual pleasure from force
28. __Rape is caused by Men's anger toward women
29. __Rape is caused by Men's feelings of inferiority, inadequacy, and low self-estreem
30. __Rape is caused by Men unloved, abused, or neglected as children

31. __Rape is caused by Men who are very different from the average “guy next door” (eg. Men who are “weirdos”)
32. __Rape is caused by Men who are sick or mentally ill individuals.